

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

EVERALDO MIRANDA

NOVAS COMUNIDADES: GRAÇAS PARA FLORIR O DESERTO DA HUMANIDADE -
PERSPECTIVAS PASTORAIS DO CUIDADO NA ARQUIDIOCESE DE
CAMPO GRANDE / MS

São Leopoldo

2017

EVERALDO MIRANDA

NOVAS COMUNIDADES: GRAÇAS PARA FLORIR O DESERTO DA HUMANIDADE -
PERSPECTIVAS PASTORAIS DO CUIDADO NA ARQUIDIOCESE DE
CAMPO GRANDE / MS

Trabalho Final de Mestrado
Profissional para obtenção do grau
de Mestre em Teologia da
Faculdades EST – Programa de Pós-
Graduação.
Linha de pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais

Orientador: Dr. Rodolfo Gaede Neto

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M672n Miranda, Everaldo

Novas comunidades: graças para florir o deserto da humanidade - Perspectivas pastorais do cuidado na arquidiocese de Campo Grande - MS / Everaldo Miranda; orientador Rodolfo Gaede Neto. – São Leopoldo : EST/PPG, 2017.

96 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2017.

1. Cuidado pastoral. 2. Francisco, Papa, 1936-. 3. João Paulo, II, Papa, 1914-2005. 4. Bento, XVI, Papa, 1927-. 5. Igreja Católica – Arquidiocese de Campo Grande. 6. Comunidades cristãs. 7. Gaede Neto, Rodolfo. 8. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

EVERALDO MIRANDA

NOVAS COMUNIDADES: GRAÇAS PARA FLORIR O DESERTO DA HUMANIDADE -
PERSPECTIVAS PASTORAIS DO CUIDADO NA ARQUIDIOCESE DE
CAMPO GRANDE / MS

Trabalho Final de Mestrado
Profissional para obtenção do grau
de Mestre em Teologia da
Faculdades EST – Programa de Pós-
Graduação .
Linha de pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais

Data: 21 de maio de 2017

Rodolfo Gaede Neto – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Roberto Ervino Zwetsch – Doutor em Teologia – Faculdades EST

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Pedro Miranda (*in memoriam*) e Rozana Monteiro dos Santos Miranda, pelo imensurável amor e dedicação oferecidos a mim. Trago comigo as potencialidades de origem materna e paterna, como dínamos geradores de uma enorme força interior.

À minha amorosa e atenciosa parceira na fé, amada esposa Aparecida Rozana Américo Miranda. Com firme propósito me incentivou e, ao longo de pouco mais de dois anos, permitiu a partilha do meu tempo, presença, sorriso e lágrimas, dentre outros, que seriam em sua atenção – mas que por força deste Mestrado, foram dedicados à inesgotável busca pelo conhecimento.

Às minhas filhas, Elouíse e Emanuely Américo Miranda. Na distância, devido às viagens e aos períodos destinados aos estudos, não nos couberam outras palavras que não “estou com saudades”, sentimento reconfortado apenas nos reencontros – quando surgia outra formulação de palavras, que permanece conosco: “te amo”.

À Comunidade Amor Maior, da qual sou fundador. Durante meus períodos de necessária ausência contei com o apoio e as orações de todos os filhos e as filhas da comunidade, além da compreensão nas vezes em que não pude estar presente em suas vidas em razão das exigências de uma formação como esta.

Aos amigos e amigas que ganhei no Sul do país, nas pessoas das irmãs Iriete e Salete, da Congregação Franciscanas de Aparecida. Com seu cuidado tornaram possível a experiência de estar distante da minha família, mas não fora de casa. Agradeço por terem me acolhido não como um hóspede, mas como um filho. Não bastante, ainda me proporcionaram a oportunidade de conhecer outras famílias que fizeram o mesmo comigo, como o casal Ivo e Diva Fiorotti, seus filhos Ivan e Rahamina, o netinho Benjamin, além de Rodrigo e Johny; o casal Célio e Vani Piovesan, com seu filho João Vitor e o casal Antônio e Ângela, e seu filho Bruno.

À Escola Superior de Teologia (EST), por me proporcionar o aprofundamento investigativo e também cuidadoso. Agradeço carinhosamente aos professores (as) Oneide Bobsin, Remí Klein, Valério Schaper, Júlio César Adam, Iuri Andréas Reblin, Nilton Eliseu Herbes, Gisela Streck e Karin Wondracek, pelo carinho com o qual transmitiram sua experiência e seus conhecimentos. Um agradecimento especial ao Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto, pela forma tão atenciosa com que acolheu minha proposta de investigação que resultou nesta dissertação: de modo muito tranquilo trouxe incentivo e acompanhamento à pesquisa e colaborou, pontualmente, para este resultado final.

Aos colegas de turma, que foram muitos, e cruzaram a mesma linha de aprendizado. Agradeço a todos e a todas, pessoas que marcaram meus dias e que tenho no fundo do meu coração, bem sabendo que a recíproca é verdadeira. Grato pela companhia nos almoços, cafezinhos, conversas de corredor, partilhas de seminários, passeios e tantas outras alegrias e mesmo lágrimas. Todas essas experiências permanecerão em nossa memória. A amizade adquirida permanecerá em nossas vidas.

Agradeço à Igreja Particular de Campo Grande - na pessoa de Dom Dimas Lara Barbosa. Grato por me acolher como seu filho e por acreditar em mim. Agradeço em conjunto aos sacerdotes que me apoiaram e acompanharam desde os primeiros anos da minha formação teológica, de maneira especial aqueles que se dedicam na formação teológica no Instituto Teológico João Paulo II (ITEO) na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

Agradeço ainda a todas as pessoas que, de alguma forma, fizeram ou fazem parte da minha vida comunitária e missionária: saibam que são o motivo do meu encorajamento em busca do aprofundamento teológico-pastoral.

Obrigado, Senhor Deus, Pai de misericórdia! Sem a Vossa bênção de consentimento eu não teria chegado até aqui. Por isso, o Louvo e rendo graças. Amém!

RESUMO

O presente estudo integra a linha de pesquisa “Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais” e tem como tema as Novas Comunidades. Aborda essas comunidades como um fenômeno da Igreja Católica no presente, tendo em seu fundamento teórico central a teologia dos três últimos Papas da Igreja Católica – João Paulo II, Bento XVI e Francisco. O objetivo do estudo foi uma análise da ação pastoral sob a manifestação do cuidado nestes grupos de Vida e de Aliança da Arquidiocese de Campo Grande (Mato Grosso do Sul, MS, Brasil), de seus frutos e desafios próprios junto à comunhão eclesial local. Tal interesse investigativo foi constituído frente à assertiva do Papa emérito Bento XVI, que descreveu essas comunidades como graças para florir o deserto da humanidade. Em atenção ao cuidado que tanto caracteriza a Igreja Cristã, foram tratados aspectos históricos pontuais do cuidado e das práticas sociais exercidas ao longo de sua história, tendo como ponto de partida as narrativas bíblicas e os relatos das experiências das comunidades cristãs da Igreja nascente. No estudo foi realizado um levantamento de informações vinculadas à temática que percorreu o período histórico da patrística, passou pelo Mundo Medieval e Moderno e seguiu em desfecho até o momento atual. Por fim, foi tratada a ação pastoral da Igreja local. Desse modo, a característica singular desta pesquisa foi ressaltar a prática pastoral exercida pelas Novas Comunidades nascentes e localizada na Arquidiocese de Campo Grande, MS.

Palavras-chave: Cuidado, Prática Pastoral. Novas Comunidades. Igreja Local.

ABSTRACT

This article is within the research line “Dimensions of Caregiving and Social Practices” and has as its theme the New Communities. It deals with these communities as a phenomenon of the Catholic Church in the present, having as its central theoretical foundation the theology of the last three Popes of the Catholic Church – John Paul II, Benedict XVI, Francis. The goal of the study was to analyze the pastoral action under the manifestation of caregiving in these groups of Life and of Covenant of the Archdiocese of Campo Grande (Mato Grosso do Sul, MS, Brazil), of their fruits and their own challenges with the local ecclesial communion. This investigative interest was constituted when confronted with the assertion of Pope emeritus Benedict XVI, who described these communities as gifts to flower the desert of humanity. With attention toward caregiving which strongly characterizes the Christian Church, specific historical aspects of caregiving and social practices carried out through its history were dealt with, having as starting point the biblical narratives and the reports of the experiences of the Christian communities of the emerging Church. In the study, a survey of information tied to the theme which traversed the historic period of the Patristics, passed through the Medieval and Modern World and continues to the current moment was carried out. Finally, the pastoral action of the local Church was dealt with. Thus, the unique characteristic of this research was to highlight the pastoral practice carried out by the emerging New Communities which are located in the Archdiocese of Campo Grande, MS.

Keywords: Caregiving. Pastoral Practice. New Communities. Local Church.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 NOVAS COMUNIDADES: GRAÇAS PARA FLORIR O DESERTO DA HUMANIDADE	21
1.1 Introdução	21
1.2 Um bem de Deus à humanidade	21
1.3 Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades.....	23
1.4 Um fenômeno na vida da Igreja.....	24
1.5 Sinais de esperança para o bem da Igreja e da humanidade.....	28
1.6 A nova evangelização	33
1.7 Do anonimato do urbanismo ao protagonismo da missão	37
1.8 Síntese	41
2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO CUIDADO NA VIDA DA IGREJA	43
2.1 Introdução	43
2.2 O ser humano como um ser de cuidado.....	43
2.3 Breve contextualização bíblica da dimensão do cuidado	46
2.4 A igreja dos primeiros séculos	49
2.5 Aspectos da Igreja do cuidado no mundo Medieval	53
2.6 A Igreja das ações solidárias: perspectivas da Modernidade e Pós-Modernidade	58
2.7 Síntese	63
3 NOVAS COMUNIDADES: PERSPECTIVAS PASTORAIS DO CUIDADO NA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE, MS	65
3.1 Introdução	65
3.2 Igreja Particular: uma porção do povo de Deus	65
3.3 A Igreja Particular de Campo Grande: breve contexto histórico	68
3.4 Implicações pastorais na dimensão do cuidado na comunidade diocesana	70
3.5 A manifestação do cuidado na ação pastoral das Novas Comunidades na Arquidiocese de Campo Grande / MS	74
3.5.1 Comunidade Irmãos de Assis	75
3.5.2 Comunidade Sagrada Família	78
3.5.3 Comunidade Boa Nova	80
3.6 Síntese	84
CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

O presente estudo integra a linha de pesquisa “Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais”. O interesse particular que conduziu à linha teve ligação direta com o exercício profissional do pesquisador e com o desejo de um maior aprofundamento na ação pastoral junto da Igreja local (Campo Grande, Mato Grosso do Sul, MS). No contexto de um universo necessitado de respostas e cercado de intensas expectativas, teve início a agradável busca desta pesquisa –realizada sob o alicerce da prática e da trajetória profissional de longos anos do autor, bases que aprouveram o aprofundamento nesse riquíssimo campo de conhecimento.

O pesquisador-autor tem formação em Teologia (Bacharelado) e atua, por intermédio da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), no apoio à formação de novos teólogos (as) nos cursos de graduação e pós-graduação oferecidos pela instituição. Em paralelo, é fundador de uma Comunidade de Aliança (Comunidade Amor Maior), erigida no ano de 2002 na Arquidiocese de Campo Grande. A presença do autor na Igreja se dá desde o berço, com sua apresentação e batismo nos primeiros meses de vida e a presença de sua mãe como primeira e maior catequista. Os primeiros compromissos pastorais foram assumidos aos quinze anos de idade, a partir da Crisma e disso surgiu a identificação com a liderança pastoral nas comunidades de atuação. Por esses motivos e aproximações, estar, ser parte e viver em comunidades sempre se apresentou fascinante para o autor, que ingressou no aprofundamento religioso com a crescente paixão pela vida comunitária e desejo de maiores conhecimentos da temática.

Esta dissertação responde a um desdobramento desse impulso de aprendizado: o objeto desta pesquisa são as Novas Comunidades, tema desenvolvido a partir da análise da ação pastoral sob a manifestação do cuidado nesses grupos na Arquidiocese de Campo Grande (MS). A finalidade da pesquisa foi apresentar a dinâmica e a versatilidade pastoral das comunidades, com seus frutos e desafios próprios frente à comunhão eclesial. O conteúdo deste estudo, em totalidade, foi conduzido pela constante busca da identificação da característica atribuída pelo Papa emérito Bento XVI¹ às Novas Comunidades, na forma de “[...] graças para florir o deserto da humanidade”.

Ao longo desta dissertação foram contempladas as características das Novas Comunidades, o arcabouço de seus carismas específicos e sua missão – atrelada à própria missão

¹ BENTO XVI. *Mensagem do Papa Bento XVI aos participantes do II Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades*. 2006a. p. 3. Disponível em: < https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/pont-messages/2006/documents/hf_ben-xvi_mes_20060522_ecclesial-movements.html>. Acesso em: 15 set. 2015.

da Igreja local de Campo Grande (MS). Buscou-se relacionar o verdadeiro sentido de ser desses grupos enquanto resposta aos tempos hodiernos, na forma de uma reflexão embasada no interesse da identificação de seu imprescindível valor e se seriam visíveis os seus frutos.

Para trilhar um bom caminho, foram tecidos alguns questionamentos de partida para a pesquisa, a saber: como as Novas Comunidades manifestam a dimensão do cuidado em seu projeto de evangelização? Como as características da nova evangelização se enquadram no processo pastoral do cuidado? De que forma as novas comunidades respondem ao anonimato do urbanismo, ao protagonismo de sua missão? Como elas ofertam seus carismas à Arquidiocese de Campo Grande? De que maneira a hierarquia local recebe essas comunidades? Quais são os frutos concretos que acompanham a vida e as obras de assistência das Novas Comunidades na Arquidiocese de Campo Grande? Do conjunto desses questionamentos, foi constituída a pergunta central desta dissertação: “como a assertiva do Papa emérito Bento XVI – que descreveu esses grupos como graças para florir o deserto da humanidade - ressoa sobre as Novas Comunidades na Arquidiocese de Campo Grande? ”.

Esta dissertação foi resultado da junção de pesquisa bibliográfica e documental. Nela, foram abordados temas relacionados à Teologia Prática e Pastoral, Dimensões do Cuidado, Práticas Sociais, Novas Comunidades e Igreja Particular de Campo Grande. Sua estrutura foi organizada em três capítulos: o primeiro, aborda as Novas Comunidades como fenômeno da Igreja, tendo como principais teóricos os pesquisadores que apresentaram a temática em congressos, estudos registrados em documentos oficiais e extraoficiais da Igreja (pronunciamentos, documentos e subsídios) e as homilias e mensagens católicas. No Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) subsidiou a temática com o estudo registrado no documento “Igreja Particular, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”.² De modo similar, as Novas Comunidades foram expostas à reflexão no Documento de Aparecida³, fruto da 5ª Conferência do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), presidido pelo então Papa Bento XVI. Naquela oportunidade, o ainda Cardeal Jorge Mário Bergoglio, hoje Papa Francisco, foi um redatores e revisores do documento.

No segundo capítulo foram tratados alguns aspectos históricos do cuidado e de práticas sociais exercidas pela Igreja ao longo de sua história – apresentadas com base nas narrativas bíblicas e relatos baseados nas experiências iniciais das comunidades cristãs da Igreja nascente, passando pelo importante período histórico da patrística, pelo Mundo Medieval e Moderno até

² SUBSÍDIOS DOUTRINAIS DA CNBB – 3. *Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades*. Brasília: CNBB, 2009.

³ DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Edições CNBB / Paulus / Paulinas, 2007.

chegar aos tempos atuais. Algumas fontes nessa etapa foram imprescindíveis, como a Bíblia Sagrada, fundamental em todo esse processo construtivo. Neste estudo, foi utilizada a Bíblia que apresenta a tradução dos originais, grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos monges, publicada em 2010 em sua 193ª edição pela Editora Ave Maria.

A *Didaqué*, obra dos primeiros cristãos e considerada como o primeiro catecismo (datada em torno dos anos de 90 a 100 d. C.), foi fonte de orientações fundamentais sobre os cuidados entre irmãos e irmãs nas comunidades primitivas para esta pesquisa. No mesmo viés, outra fonte de base foi a obra de Sissi George Rieff, “Diaconia e culto cristão: o resgate de uma unidade” – que contempla a Diaconia ofertada desde os primórdios da Igreja. Para desenvolver o contexto contemporâneo, foi consultado o “Compêndio da Doutrina Social da Igreja Católica”. Dessa maneira, pela junção das fontes, foi possível a construção do argumento a partir de dados documentais da Igreja, utilizados como base para as reflexões a respeito do tema em pauta.

Por fim, no terceiro capítulo, as Novas Comunidades foram tratadas junto da manifestação do cuidado – com a demonstração da característica singular desta pesquisa, a atenção voltada aos trabalhos oferecidos pelas Novas Comunidades nascentes e localizadas na Arquidiocese de Campo Grande (MS). Para a apresentação de alguns dados sobre esses grupos específicos campo-grandenses e a vida da Igreja local, serviram como suportes investigativos produções locais e/ou regionais e documentos ou fontes oferecidas pela própria Cúria Diocesana. Uma obra especial desse contexto foi “Santo Antônio de Campo Grande”, de autoria de Arthur Jorge do Amaral, elaborada por conta das comemorações do centenário da 1ª Paróquia de Campo Grande (MS). O livro contempla dados históricos riquíssimos sobre a religiosidade popular e a cultura do povo. Também teve destaque a obra “Cinquentenário do Bispado de Campo Grande”, sobre os cinquenta anos de vida e de missão da Arquidiocese de Campo Grande, organizado por Maria Augusta de Castilho. O livro permite conhecer sobre importantes aspectos da fé e da história da Igreja local. Por último, mas de singular importância, foi o “Diretório Diocesano de Pastoral”, obra que distingue um importante elemento da reflexão deste estudo: a ação social da Igreja, denominada caridade.

Como desfecho desta introdução, é importante acentuar que esta pesquisa possui uma grande abrangência. Logo, não foi construída no interesse de esgotar os temas abordados, mas de convidar à uma profunda reflexão sobre a sua investigação e análise.

1 NOVAS COMUNIDADES: GRAÇAS PARA FLORIR O DESERTO DA HUMANIDADE

1.1 Introdução

Os novos Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades são fenômenos ainda bastante recentes, que estão em evolução. Por isso, é complexo que sejam enquadrados em uma análise integral: as Novas comunidades, por exemplo, se apresentam como um mar de vastas novidades que, em muitos momentos, pode se apresentar embaraçoso e controverso. Sendo assim, neste estudo não houve a pretensão de esgotar a temática-objeto – posto que seria um risco danoso – mas sim o interesse do aprofundamento na compreensão histórico-teórica dos fenômenos de interesse. Neste capítulo foi realizada a realidade dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades, com base no estudo de suas identidades e características, em busca de uma melhor dimensão sobre sua natureza e peculiaridades. Para isso, foi examinado o fenômeno da vida na Igreja Católica, seus sinais de esperança para o bem da Igreja e das pessoas de fé, sua manifestação pertinente à realidade da nova evangelização e seu protagonismo na missão. O capítulo foi desenvolvido em torno do exame da manifestação das Novas Comunidades nos pontificados dos Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco.

1.2 Um bem de Deus à humanidade

O discurso do Papa João Paulo II, feito em 18 de junho de 1999 aos participantes do “Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”⁴, causou efeito peculiar na vida da Igreja: pela primeira vez emergiu uma organização com movimentos e Novas Comunidades apoiados pelo Papa. Até aquele momento não havia ocorrido movimentação desse porte para refletir sobre essas comunidades, consideradas o mais novo fenômeno na vida da Igreja. O congresso trouxe uma imensa colaboração não apenas às reflexões dos interessados: foi responsável por abrir caminho para o reconhecimento de que as Novas Comunidades de fato existem e são realidade no tecido eclesial, demonstrando a riqueza e a força da manifestação do Espírito Santo atuante em sua Igreja. Por essa razão, o evento foi considerado um marco oficial da acolhida da Igreja a esse bem de Deus à humanidade – as Novas Comunidades.

⁴ BENTO XVI, 2006a, *passim*.

O olhar para as Novas Comunidades permaneceu em ascensão na Igreja. Atenção igual foi dada ao fenômeno pelo sucessor de João Paulo II – Bento XVI – durante a celebração das primeiras vésperas da Vigília de Pentecostes, em 03 de junho de 2006. O então Papa conduziu sua homilia aos Movimentos Eclesiais e às Novas Comunidades e dirigiu apelo para que essas novas manifestações no tecido da Igreja gerassem vida, na forma da providência de Deus à manifestação de seu espírito em tempos atuais – a favor da vida, pela sede de vida e sob todos os aspectos.⁵ Bento XVI recordou o tema central do anúncio de Jesus Cristo (que o Reino de Deus está próximo): “Eu vim para que as ovelhas tenham vida, e para que a tenham em abundância” (João 10.10). A mensagem de Bento XVI aos participantes do II Congresso Mundial das Novas Comunidades, ocorrido em 22 de maio de 2006, realçou a força do pontificado de seu predecessor (João Paulo II), que via nos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades “[...] sinais de esperança”⁶, que iluminam e mostram a beleza do rosto de Cristo e da Igreja. Nesse sentido, Bento XVI pediu para que os participantes se tornem construtores de um mundo novo e melhor, e permitam que a beleza da vida se manifeste a ponto de “[...] florescer o deserto da humanidade”.⁷

O atual Pontífice da Igreja, Papa Francisco, desde o início do seu pontificado acena com bons olhos para as Novas Comunidades. Um exemplo disso foi dado na Praça de São Pedro, em 19 de maio de 2013, quando - na Solenidade de Pentecostes - convidou todos os participantes dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades a se unirem a ele e reconstruírem a experiência da Igreja Primitiva⁸, em alusão ao Espírito Santo derramado em Pentecostes.

Considerando a presença de uma acolhida positiva às Novas Comunidades por parte dos três pontificados, o Magistério da Igreja – juntamente com teólogos e teólogas de vários continentes – passaram a buscar dados para a compreensão do novo evento do interior da Igreja, que ocorre concomitante ao seu reflexo intrínseco que impacta a atual sociedade.

Mas, afinal, o que são os novos movimentos eclesiais e as Novas Comunidades? O subitem seguinte auxilia a responder esta pergunta.

⁵ BENTO XVI. *Homilia do Papa Bento XVI: celebração das primeiras vésperas da vigília de Pentecostes - Encontro com os movimentos eclesiais e as novas comunidades*. 2006b. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060603_veglia-pentecoste.html>. Acesso em: 15 set. 2015.

⁶ BENTO XVI, 2006, *passim*.

⁷ BENTO XVI, 2006, p. 3.

⁸ FRANCISCO, Papa. *Solenidade de Pentecostes: Praça de São Pedro, 19 de mai. 2013*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_regina-coeli_20130519-pentecoste.html>. Acesso em: 24 fev. 2016.

1.3 Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades

Para abordar os Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades é necessário registrar as diferenças que existem entre esses grupos – ainda que não estejam claras em totalidade. Por serem acontecimentos em desenvolvimento, logo, aqui foram tratados com prudência. Para Ratzinger (Bento XVI):

[...] dever-se-ia atentar também a não se propor uma definição muito rigorosa, porque o Espírito Santo tem prontas surpresas em cada momento, e só retrospectivamente temos condições de reconhecer que por trás das grandes diversidades existe uma essência comum.⁹

Assim, é necessário respeitar que se trata de um processo inacabado, não tendo pressa por elucidações tão precisas. No mesmo sentido, Pe. Favale ponderou as duas realidades (Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades) da seguinte maneira:

As realidades agregativas atuais, formadas ordinariamente por fiéis cristãos, e por isto ditas laicais, recebem nomes diversos. Normalmente fala-se de grupos, comunidades, movimentos, associações. No uso corrente, esta terminologia, não carente de uma certa indeterminação e ambiguidade, é variável. Pode acontecer que os termos grupo, comunidade, movimento e associação sejam usados de maneira equivalente e intercambiável, quase como se tratasse de sinônimos.¹⁰

Em congressos, documentos, sermões e mensagens da Igreja, os movimentos eclesiais e as Novas Comunidades são comumente mencionados em conjunto. Com isso, as características de evangelização entre essas duas realidades se apresentam interligadas em um processo muito estreito na Igreja. A partir desse reconhecimento, nesta pesquisa foi assumida a indicação dada no texto anterior pelo Pe. Favale: a de que sejam realidades tratadas como sinônimos, com a observação destacada no artigo do Prof. Dr. em Teologia Dogmática da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, Renato Silveira Borges Neto¹¹, que afirmou: “dizer que movimentos eclesiais e Novas Comunidades são realidades parecidas, a ponto de se usar os termos como sinônimos, não significa, porém, afirmar que estamos tratando, de fato de realidades idênticas”. É dessa forma ainda em razão de que o processo aguarda o amadurecimento eclesial e, também por isso, mesmo que as atenções desta pesquisa sejam voltadas especificamente às Novas Comunidades, os termos eventualmente surgem apareçam citados em conjunto.

⁹ RATZINGER, 1998 *apud* BORGES NETO, Renato da Silveira. Os movimentos eclesiais contemporâneos e comunidades novas: características fundamentais. *Atualidade Teológica*, v. 16, n. 42, p. 566, 2012

¹⁰ FAVALE, 1991 *apud* BORGES NETO, 2012, p. 566-567.

¹¹ BORGES NETO, 2012, p. 567.

1.4 Um fenômeno na vida da Igreja

O Espírito Santo, ao longo dos séculos, sopra sobre Sua Igreja. Os Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades são “[...] expressões providenciais da nova primavera suscitada pelo Espírito, com o Concílio Vaticano II”.¹² Deus tem suscitado no interior da sua Igreja uma infinidade de carismas para responder às necessidades do tempo¹³ e, “[...] sempre quando intervém, o Espírito nos deixa maravilhados, suscita eventos cuja novidade causa admiração; muda radicalmente as pessoas e a história [...]”¹⁴. A partir do Concílio do Vaticano II, se tornou realidade a conscientização em todo o tecido eclesial sobre a importância, o lugar e a missão dos leigos. O documento *Cristifideles Laici*, escrito por João Paulo II, tratou o fenômeno da seguinte forma:

Se na Igreja tal fenômeno representou sempre uma linha constante, como o provam até nossos dias as várias confrarias, as ordens terceiras e os diversos sodalícios, ele recebeu, todavia, um notável impulso em nossos tempos modernos que têm visto nascer e o irradiar de múltiplas formas agregativas: associações, grupos, comunidades, movimentos. [...], tão grande é a riqueza e a versatilidade de recursos que o Espírito infunde no tecido eclesial e tamanha é a capacidade de iniciativa e a generosidade do nosso laicato.¹⁵

As Novas Comunidades são reconhecidas como formas associativas de fiéis. O Código de Direito Canônico se refere a elas pelo termo “realidades de formas associativas”¹⁶, enquanto que a exortação Pós-Sinodal *Vita Consecrata* utiliza “[...] expressões de vida consagrada, e novas formas de vida evangélica”.¹⁷ É notável que a primeira trata do fenômeno de forma jurídica, portanto, configura as Novas Comunidades como associações de fiéis dentro do tecido eclesial e a segunda, por sua vez, as reconhece como um movimento, “[...] embora nem todas as ‘associações’¹⁸ de fiéis sejam movimentos”.¹⁹

¹² JOÃO PAULO II. *Homilia do Papa no Domingo de Pentecostes*. 1998. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_31051998.html>. Acesso em: 26 jan. 2016.

¹³ COMUNIDADE SHALOM. *A palavra carisma significa graça*. 2004. Disponível em: <<http://www.comshalom.org/a-palavra-carisma-significa-graca-i-cor-124/>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

¹⁴ JOÃO PAULO II. *Discurso no Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais*. 27 de mai. 1998b. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/documents/rc_pc_laity_doc_27051998_movements>. Acesso em: 29 mar. 2016.

¹⁵ JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Cristifideles Laici*. São Paulo: Paulus, 1990, n.p.

¹⁶ CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. 7ª ed. São Paulo: Loyola, 1997, § 310.

¹⁷ JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata*. Petrópolis: Vozes, 1996, n.p.

¹⁸ CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 1997, § 310. Neste código, parte citada, há distinção de três tipos de associação de fiéis: associações públicas, erigidas pela autoridade eclesial; associações privadas erigidas pelos fiéis e aprovadas pela autoridade eclesial e associações privadas ainda não elevadas à personalidade jurídica da Igreja.

É com base nesse direito assegurado pelo Concílio Vaticano II que os fiéis, em função de seu batismo, participam da missão da Igreja. Assim, é evidente que “a fecundidade do apostolado [...] dos leigos, depende de sua união vital com Cristo e sua Esposa [...]”²⁰. As Novas Comunidades são formadas por homens e mulheres que, sentindo o chamado de Deus e inspirados por Ele, buscam vivenciar e se dedicar de maneira mais acentuada ao Evangelho.

Geralmente, as Novas Comunidades são circundantes da Renovação Carismática católica e enfatizam a experiência pessoal com Deus, a oração, o dom das línguas, a cura e a libertação pessoal, bem como o uso da Bíblia.²¹ O teólogo João Batista Libânio²², quando abordou a novidade carismática no interior do mundo católico, mencionou os novos Movimentos Eclesiais no Brasil com destaque a algumas das Novas Comunidades existentes (Shalom, Canção Nova, Cristo de Betânia, Toca de Assis, e Emanuel). De acordo com uma matéria sobre as Novas Comunidades, disponibilizada em 2012 no site da Comunidade Pantokrator²³, esses grupos surgiram na década de 1970, na França e nos Estados Unidos da América (EUA), e se tornaram um fenômeno mundial. No Brasil, as primeiras comunidades surgiram na década de 1980. Rapidamente, a partir da década de 1990, se disseminaram no país. No período em que a matéria em questão foi publicada, a estimativa era de que existiam aproximadamente quinhentas Novas Comunidades no Brasil. Em análise ao avanço de grupos identificado entre os anos de 2013 a 2014 - de acordo com entrevista concedida ao site de jornalismo da Canção Nova pelo fundador da Comunidade Obra de Maria, Gilberto Gomes Barbosa, naquele momento Presidente da Fraternidade Internacional das Novas Comunidades (FRATER) – as Novas Comunidades não param de crescer: somente na Igreja do Brasil, os registros naquele momento somavam oitocentas novas comunidades.²⁴

O Subsídio Doutrinal da CNBB “Igreja Particular, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, sobre o aspecto associativo de cada comunidade, esboçou a seguinte explicação: “surgem como agregação de fiéis por iniciativa própria dos leigos ou, em alguns casos, por

¹⁹ REGNUM CHRISTI. *Os movimentos e as novas comunidades eclesiais*. 2014. Disponível em: <<http://www.regnumchristi.org/comissione/wp/wp-content/uploads/Tema-4-Os-movimentos-e-as-novas-comunidades-eclesiais.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2016, p. 5.

²⁰ JOÃO PAULO II Catecismo da Igreja Católica. 9 ed. São Paulo: Coedição Loyola / Vozes / Paulinas / Ave-Maria / Paulus, 2002. § 864.

²¹ SUBSÍDIOS DOUTRINAIS DA CNBB -3, 2009, n. p.

²² LIBÂNIO, João Batista. *Os carismas na Igreja do terceiro milênio: discernimento, desafios e práxis*. São Paulo: Loyola, 2007, n.p.

²³ COMUNIDADE PANTOKRATOR. *Novas comunidades*. 2017. Disponível em: <<http://pantokrator.org.br/po/comunidade1/novas-comunidades/>>. Acesso em: 29 jan. 2016.

²⁴ CANÇÃO NOVA EM FOCO. *Brasil tem cerca de 800 novas comunidades*. 2013. Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/brasil/brasil-tem-cerca-de-800-novas-comunidades/>>. Acesso em: 29 jan. 2016.

iniciativa de algum sacerdote dirigido aos leigos [...] recebem aprovação diocesana a condição de associação de fiéis leigos, através do decreto do Bispo da Diocese”.²⁵

A respeito do caráter associativo, as Novas Comunidades são novidades em relação ao modelo tradicional das associações. “É a originalidade [...], o fato de se tratar de grupos compostos de homens e mulheres, de clérigos e leigos, de casados e solteiros, inspirados às vezes numa ou noutra forma tradicional ou adaptado às exigências da sociedade atual”.²⁶ Muitas comunidades buscam a espiritualidade nos carismas tradicionais da Igreja - isto é, São Francisco de Assis, São Francisco de Sales, São Bento e Santa Teresa, dentre outros. São grupos que resgatam os carismas existentes a fim de dar novo valor, ao mesmo tempo que renovam os carismas que já foram fortes dentro da Igreja e, nesse sentido, a figura de Maria recebe especial atenção. A espiritualidade aliada ao carisma atribui forte identidade aos seus membros, sendo a base do método de evangelização e de vivência dos “ministérios” no interior da comunidade.²⁷

Conforme o teólogo José Comblin, as Novas Comunidades não podem ser simplesmente equiparadas às antigas associações - que eram inspiradas, fundadas e alimentadas por ordens e congregações religiosas. As Novas Comunidades não procedem prioritariamente dos institutos religiosos: derivam dos movimentos feitos e concebidos por leigos e para leigos.²⁸

Sobre essa característica leiga das Novas Comunidades, o Papa João Paulo II mencionou que tais grupos representam uma nova era agregativa por parte de leigos e de leigas, da seguinte forma: “[...] ao lado do associativismo tradicional e, por vezes, nas suas próprias raízes, brotaram movimentos e sodalícios, com fisionomia e finalidade específicas”.²⁹

A teóloga e socióloga Brenda Carranza³⁰ lançou um olhar sociológico sobre as Novas Comunidades em entrevista concedida à Revista Eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos. Questionada se “[...] este seria um novo jeito de ser católico”, prontamente respondeu que sim e, ao mesmo tempo, que não:

Grupos que se propõem a viver juntos sob o mesmo teto, as denominadas comunidades de vida, compartilhando as tarefas domésticas, as responsabilidades econômicas e uma espiritualidade de vida comunitária não diferem da proposta de congregações

²⁵ SUBSÍDIOS DOUTRINAIS DA CNBB – 3, 2009, n. 25.

²⁶ FRATERNIDADE DAS NOVAS COMUNIDADES DO BRASIL. *Novas comunidades: primavera da Igreja*. São Paulo: Canção Nova, 2008, p. 7.

²⁷ SUBSÍDIOS DOUTRINAIS DA CNBB - 3, 2009, n. 27.

²⁸ COMBLIN, 1983 apud OLIVEIRA, Francisco Sales Amaro. *Novos movimentos e Igreja local: a relação entre os novos movimentos e a Igreja local de Belo Horizonte*, interpretada a partir da eclesiologia de comunhão de Bruno Forte. 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Teologia Sistemática, Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, MG, 2009, n.p.

²⁹ JOÃO PAULO II, 1990, n. 29.

³⁰ CARRANZA, Brenda apud WOLFART, Graziela; JUNGES, Márcia. Uma novidade na estrutura de vida consagrada na Igreja. *Revista do Instituto Humanitas Unissinos*. v. 9, n. 307, online, 2009.

tradicionais (salesianos, jesuítas, irmãs paulinas, etc.). Porém, por serem grupos de leigos que se propõem a viver esses ideais de castidade, obediência e pobreza em comunidades mistas, isto é, grupos nos quais solteiros e casados submetem-se às mesmas exigências, num mesmo espaço, podemos dizer que é um novo jeito.³¹

Ainda em consonância com o pensamento de Carranza³², a novidade também se encontra no sentido de que as Novas Comunidades são caracterizadas por um número pequeno de membros, na forma de agrupamentos socialmente mais controlados e que estão sempre sob a autoridade de seus fundadores e/ou formadores – situação em muito distinta do catolicismo tradicional de massas, que congrega os fiéis em torno de experiências devocionais e sacramentais vivenciadas quase que culturalmente. A peculiaridade das Novas Comunidades em relação às antigas associações vai além, uma vez que esses grupos recentes existem sob duas formas: Comunidades de Vida ou de Aliança, podendo ser exclusivamente de uma dessas formas ou mesclar ambas. Se de Vida, as comunidades são formadas por leigos (as) que passam a viver juntos, se consagrando a Deus e partilhando o cotidiano unidos. Nas comunidades de Aliança, a consagração prioriza estar no mundo ‘secular’³³, nas mais diversas profissões³⁴, anunciando o “[...] Evangelho a partir de suas realidades. O que difere uma da outra é apenas o modo de responder ao chamado de Deus, a consagração ao carisma é a mesma e a profissão do compromisso é a mesma, apenas a resposta será dada diferente”.³⁵

Além dessas duas realidades existe ainda uma terceira característica, uma manifestação como um sinal de pertença por parte de um determinado grupo daquela comunidade. Como interpretou Elias Dimas³⁶ (fundador da Comunidade Arca da Aliança), existem as pessoas simpatizantes que não se consagram ao carisma e nem fazem a profissão de compromisso, mas expressam sua sensibilidade de pertença à comunidade de outras formas. São esses indivíduos - colaboradores, membros comprometidos e voluntários – que recebem o nome de terceiro elo.

³¹ CARRANZA, 2009, *online*.

³² CARRANZA, 2009, *online*.

³³ MIRANDA, Julia. Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Núcleo de Antropologia Política, 2013. Disponível em: <http://nuap.etc.br/homolog/wp-content/uploads/2013/06/carisma_sociedade_e_politica.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2016. “Continua no mundo, a missão dela é no mundo. Então se você é um promotor da justiça, você é promotor da justiça de Deus, se você é um médico, você é médico de Deus, se você é empregada doméstica você é empregada doméstica de Deus. E na Comunidade de Aliança tem toda essa gama de profissionais, de estudantes. Então, [...] tem desde a empregada doméstica que é analfabeta mesmo, mas que é um dos testemunhos mais bonitos, porque ela entende de Deus ‘pra’ burro, até gente de nível mais alto” (MIRANDA, 2013, *online*).

³⁴ FRATERNIDADE DAS NOVAS COMUNIDADES DO BRASIL, 2008, p. 138.

³⁵ FRATERNIDADE DAS NOVAS COMUNIDADES DO BRASIL, 2008, p. 139.

³⁶ DIMAS *apud* REINERT, João Fernandes. *Pode hoje a paróquia ser uma comunidade eclesial?* Renovação da instituição paroquial no contexto urbano. Dissertação (Mestrado) – Curso de Teologia, Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, 2009.

Uma vez apresentado o fenômeno das Novas Comunidades e como é formada a estrutura das Novas Comunidades - bem como esboçadas as consideráveis diferenças entre as antigas associações e/ou congregações tradicionais frente às novas formas agregativas – a afirmação de João Paulo II – feita na Exortação *Christifideles Laici* sobre as várias novas formas agregativas – reflete a visão deste estudo sobre o presente deste fenômeno religioso. Na consideração das diversas novas formas agregativas, o pontífice abordou a realidade atual da sociedade e seus reflexos no tecido eclesial quando disse: “[...] sobretudo num mundo secularizado, as várias formas agregativas podem representar para muitos uma ajuda preciosa em favor de uma vida cristã coerente, com as exigências do evangelho e de um engajamento missionário e apostólico”.³⁷

Em segmento a essa temática, na sequência se encontra a apresentação de quais são os sinais de esperança e qual o bem gerado para a Igreja e para a humanidade que as Novas Comunidades trazem.

1.5 Sinais de esperança para o bem da Igreja e da humanidade

Neste item, as Novas Comunidades foram discutidas na ótica do reconhecimento e da identificação da real contribuição que oferecem na Igreja atual, na forma de sinais de esperança mencionados pelos pontífices João Paulo II, Bento XVI e Francisco. Em razão da continuada menção e reconhecimento, neste subtópico, esses grupos foram abordados em comunhão à teologia dos três Papas, que as posiciona como um bem para a Igreja de Cristo e para a humanidade de nossos tempos.

Em 22 de maio de 2006, durante saudação inicial aos participantes do II Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades, Bento XVI³⁸ se lembrou de seu predecessor e reforçou que, em 30 de maio de 1998 - na Praça de São Pedro – João Paulo II definiu os Novos Movimentos eclesiais e as Novas Comunidades como sinais de esperança para o bem da Igreja e da humanidade. Com isso, também recordou não apenas o memorável encontro com o querido Papa Peregrino, mas aquilo que a Igreja esperava para o presente e o futuro das Novas Comunidades.

O vento do Espírito sopra onde quer (João 3,8.) e assim mostrou a reflexão sobre os Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades feita por Dom João E. M. Terra, para quem – ao longo da história - a força do sopro do Espírito sobre a Igreja vem concedendo os carismas para a

³⁷ JOÃO PAULO II, 1990, n. 29.

³⁸ BENTO XVI, 2006a, p. 3.

utilidade comum e para a expansão do Corpo de Cristo. O religioso relacionou ainda a realidade dos carismas às necessidades culturais, espirituais, eclesiais e às mais diversas dimensões humanas e, com isso, concluiu que as Novas Comunidades se manifestam como a infinita sabedoria da providência de Deus na história da humanidade e da Igreja.³⁹ João Paulo II dizia que na “[...] originalidade própria de cada uma dessas novas experiências, encontra-se o pressuposto para encontrar respostas adequadas aos desafios e às urgências dos tempos e das circunstâncias”⁴⁰. Ainda de acordo com Dom João Terra, em meio à força do sopro do Espírito Santo, o Concílio Vaticano II foi um dom concebido para os tempos atuais e, a partir dele, a Igreja se abre aos movimentos e Novas Comunidades. Existe, dessa forma, uma incumbência histórica que envolve a necessidade da Igreja de superar divergências entre fé e cultura. Para isso, a instituição se empenhou em uma profunda revisão, que resultou no abandono de formas antigas e hábitos pastorais que há haviam perdido a força da ação missionária. Foi a partir do Concílio Vaticano II que a Igreja se tornou criativa e fecunda.⁴¹

Sob o mesmo viés da superação do conflito entre fé e cultura, Libânio analisou um cenário cultural carismático, sobre o que afirmou: o “[...] fenômeno carismático atual configura o cenário cultural e penetra o interior da Igreja”.⁴² Para o autor, a amplitude do clima carismático é galgada pela realidade das ciências naturais, da economia, da política, da história e da antropologia,⁴³ situações hodiernas de descobertas e condições de vida que são associadas à expressão do sopro do Espírito⁴⁴:

Em determinadas encruzilhadas da história, onde a Tradição Católica parece ficar em xeque porque surgem novas condições de vida, novas sensibilidades culturais e espirituais, a Providência de Deus envia seus carismas em forma de pencas ou cachos, como uma concentração de dons do Espírito, que ajudam a voltar às fontes, ajudam a recuperar a evidência original e o poder original da mensagem evangélica na vida das pessoas, ajudam a desencadear na Igreja correntes de santidade, a refazer o tecido comunitário da Igreja segundo o paradigma da comunidade primitiva, a inculturar o Evangelho nas novas condições de vida e a suscitar correntes de nova evangelização.⁴⁵

³⁹ TERRA, João Evangelista Martins. *Os novos movimentos eclesiais*. 2. ed., São Paulo: Canção Nova, 2004, p. 45.

⁴⁰ JOÃO PAULO II, 1998b, *online*.

⁴¹ TERRA, 2004, p. 50.

⁴² LIBÂNIO, 2007, p. 27.

⁴³ LIBÂNIO, 2007, p. 15-30. O autor compreende que há um clima crescente de sensação de liberdade em face dos entraves até então decisivos - como o próprio corpo, sua constituição psíquica, as leis rígidas da natureza, a inexorabilidade do processo de industrialização, o jogo político ideológico, a dialética da história. Tudo isso é chamado pelo autor em sentido bem amplo, “carismático”, que desce à dimensão religiosa; em terreno fertilizado por tantos saberes e práticas, aparece com pujança o sentimento religioso de liberdade e subjetividade. Características dos movimentos e novas comunidades.

⁴⁴ LIBÂNIO, 2007, p. 13-30.

⁴⁵ VON BALTHAZAR apud TERRA, 2004, p. 46.

O contexto moderno imprime a seu ritmo às novas condições de vida e afeta o comportamento dos indivíduos. Isso faz com que a concepção de mundo também se altere conforme a maneira com a qual o indivíduo se encontra frente a todas as realidades estruturais sociais e religiosas. Com isso, surge o desdobramento denominado secularização. Berger⁴⁶, em sua obra “O Dossel Sagrado”, buscou elementos para uma teoria sociológica da religião e trouxe uma definição simples sobre a secularização, como o “[...] processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos às dominações das instituições e símbolos religiosos [...], a secularização afeta a totalidade da vida cultural e da ideação”. Ainda de acordo com o autor, “[...] além da secularização da sociedade e da cultura, também há uma secularização da consciência”.⁴⁷ Assim, o “[...] processo de secularização se caracteriza por uma forte onda de relativismo que, por sua vez, manifesta-se em forma de subjetivismo e pluralismo”.⁴⁸ De outra forma, o subjetivismo contribui para o individualismo. Conforme o teólogo moralista e membro da comunidade Canção Nova, Wagner Ferreira⁴⁹, o indivíduo busca em si mesmo critérios para a verdade de seu comportamento pela geração da relativização do bem e do mal. Essa forma de busca da verdade faz com que sejam perdidas a objetividade e a universalidade, o que causa esvaziamento metafísico e transcendental humano, razão pela qual os sujeitos atuais parecem ter a impressão constante de vazio interior.

O subjetivismo é uma das manifestações da secularização, mas ela também se mostra pelo pluralismo. A contemporaneidade é assinalada por um sistema plural e a religião - que não está fora da realidade do ser humano contemporâneo - se torna reflexo desse momento e é tomada pela intensidade do pluralismo religioso. Disso, um aspecto muito forte irrompe no cenário hodierno, que é a ruptura com a tradição. O secularismo não roubou do ser humano o desejo intenso pelo sagrado, mas o condicionou a uma conjuntura que conduz ao pluralismo religioso, pois causou o fim dos monopólios das grandes tradições religiosas.⁵⁰ A irrupção religiosa emaranhada e plural tece relevantes críticas às igrejas tradicionais, o que significa que a religião foi posta à prova, se sentiu forçada às urgentes mudanças devido ao novo sistema social laicizado (que inevitavelmente produziu sua fragmentação) e deu espaço ao pluralismo religioso.⁵¹

⁴⁶ BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo; Paulinas, 1985, p. 118.

⁴⁷ BERGER, 1985, p. 119.

⁴⁸ FERREIRA, Wagner. *As novas comunidades no contexto sociocultural contemporâneo*. São Paulo: Canção Nova, 2011, p. 20.

⁴⁹ FERREIRA, 2011, p. 22-24.

⁵⁰ BERGER, 1985, p. 146.

⁵¹ FERREIRA, 2011, p. 28-33.

Libânio⁵² concluiu expressando que, se antes esses movimentos “secavam nas areias da secularização, hoje afogam-se no mar da pluralidade estonteante das expressões religiosas”.

A Igreja Católica não está livre desse embate plural religioso, mas parece emergir em uma inevitável abertura dada pelo aprofundamento de sua legitimidade sociocultural. Em seu interior, emergem grupos motivados na busca da experiência religiosa, geralmente fiéis que não rompem com os elementos tradicionais da Igreja Católica (rito, culto, doutrina) e buscam encontrar nela espaço para a subjetividade da fé ou a experiência do Espírito Santo.⁵³ Nesse cenário estão alocados os movimentos eclesiais e as Novas Comunidades, como frutos de uma transição cultural.

De acordo com Dom João Terra e em alinhamento ao Concílio Vaticano II, os movimentos eclesiais e as Novas Comunidades “[...] são respostas providenciais pela graça do Espírito Santo para as necessidades da Igreja em nosso tempo”.⁵⁴ Essa foi a mesma assertiva utilizada por Bento XVI quando confirmou o que seu predecessor já havia anunciado, que os Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades são “[...] hoje, sinal luminoso da beleza de Cristo e da Igreja, sua Esposa [...] e tornam-se construtores de um mundo melhor segundo a *ordo amoris*⁵⁵ na qual se manifesta a beleza da vida humana”.⁵⁶

João Paulo II sempre valorizou as Novas Comunidades e deu grande ênfase aos Movimentos Eclesiais e às Novas Comunidades, uma vez que os considerava “[...] sinais de esperança para o bem da Igreja e para o bem dos homens”.⁵⁷ Mesmo olhar de valorização também foi lançado pelo atual Papa Francisco⁵⁸ que, na celebração solene do Pentecostes no ano de 2013, dirigiu às Novas Comunidades as seguintes palavras: “vós sois um dom e uma riqueza na Igreja! [...] transmiti sempre a força do Evangelho! Não tenhais medo! Tende sempre a alegria e a paixão pela comunhão da Igreja”.

O apoio e o reconhecimento dos Papas às Novas Comunidades ecoaram pela América Latina e Caribe com o Documento de Aparecida, fruto da 5ª Conferência do CELAM, ocorrida nos dias 13 a 31 de maio de 2007 na cidade de Aparecida, São Paulo (SP) - presidida por Bento XVI. Na oportunidade, o Cardeal Jorge Mario Bergoglio, hoje Papa Francisco, foi um dos

⁵² LIBÂNIO, 2007, p. 133.

⁵³ LIBÂNIO, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 159-160.

⁵⁴ TERRA, 2004, p. 49.

⁵⁵ *Ordo amoris*: A tradução do latim ao português significa: a ordem do Amor.

⁵⁶ BENTO XVI, 2006a, p. 3.

⁵⁷ JOÃO PAULO II apud BENTO XVI, 2006, p. 1.

⁵⁸ FRANCISCO, Papa. *Solenidade de Pentecostes*: Praça de São Pedro, 19 de mai. 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_regina-coeli_20130519-pentecoste.html>. Acesso em: 24 fev. 2016, *online*.

redatores e revisor do documento. No texto⁵⁹, os Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades foram apresentados como uma riqueza para a Igreja e reconhecidos como sujeitos eclesiais, com a consequente valorização de sua presença e crescimento:

A sociedade latino-americana e caribenha tem necessidade do vosso testemunho: em um mundo que tantas vezes busca, sobretudo, bem-estar, a riqueza e o prazer como finalidade da vida, e que exalta a liberdade prescindindo da verdade do homem criado por Deus, vos sois testemunhas de que existe outra forma de viver com sentido; lembrai aos vossos irmãos e irmãs que o Reino de Deus chegou; que a justiça e a verdade são possíveis [...]. Com generosidade e até ao heroísmo, continuai trabalhando para que na sociedade reine o amor [...], conforme o carisma de vossos fundadores. Abraçai com profunda alegria vossa consagração, que é instrumento de santificação para vós e de redenção para vossos irmãos.⁶⁰

São muitos os fiéis pertencentes aos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades. Bento XVI afirmou ver neles os sinais da multiforme presença e ação santificadora do Espírito Santo para a sociedade atual. Seus membros seriam fiéis são convidados a serem fermento de amor de Deus em meio à sociedade.⁶¹ Nesses grupos, os fiéis encontram a oportunidade de formação cristã e ampliação dos vínculos no comprometimento apostólico, podendo se tornar podendo se tornarem verdadeiros discípulos missionários.⁶² A CNBB, quando lançou o importante estudo “Igreja Particular, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades”, aprofundou a reflexão e compreendeu que as Novas Comunidades, novidades na Igreja, são fecundas pois “[...] é grande o ímpeto missionário aberto às necessidades de regiões mesmo distantes, acompanhado pelo entusiasmo de pertença à comunidade”.⁶³ Santo Hipólito (160 a 235 d.C.) afirmou: “a Igreja é o local onde floresce o Espírito Santo”.⁶⁴ Embasado nessa afirmação, Bento XVI⁶⁵ – seguro na confiança de que a Igreja, de fato, floresceu e que os Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades – afirmou que elas apresentam “[...] graças para florir o deserto da humanidade”.

Todo o empenho episcopal em torno da constituição das Novas Comunidades foi e é carregado da percepção de sinais de esperança. Essas comunidades demonstram uma considerável contribuição à vida da Igreja para a evangelização do mundo atual e, mesmo assim, não estão imunes a riscos, experimentam dificuldades desde o âmbito de seu relacionamento com as estruturas da Igreja Particular (Dioceses de origem) até à definição de sua missão e eclesialidade. Sobre essa questão o subitem em sequência foi desenvolvido.

⁵⁹ DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, n. 00.

⁶⁰ DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, n. 263.

⁶¹ DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, n. 264.

⁶² DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, n. 311.

⁶³ SUBSÍDIOS DOUTRINAIS DA CNBB - 3, 2009, n. 30.

⁶⁴ UNIVERSO CATÓLICO. Igreja apostólica. 2016. Disponível em: <<http://www.universocatico.com.br/index.php?igreja-apostolica.html>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

⁶⁵ BENTO XVI, 2006a, p. 3.

1.6 A nova evangelização

Há uma grande refutação em volta dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades. Até agora, nesta dissertação, foram apresentadas as dimensões daqueles que – cheios de esperança – os apoiam. Dentre esses, é importante mencionar, está a Igreja, grande força apostólica expressa nas pessoas dos três Papas anteriormente descritos. Um dos principais argumentos para a defesa das Novas Comunidades é que os leigos vivam verdadeiramente seu batismo. Porém, também existem aqueles que lançam olhares de desconfiança e tecem rígidas críticas às estruturas desses grupos de Vida e Aliança, e afirmam que o caminho percorrido por eles oferece sérios riscos à Igreja particular.

Libânio⁶⁶ expressou, no sétimo capítulo de sua obra “O Carisma na Igreja do Terceiro Milênio”, sua visão dos riscos e das dificuldades que os movimentos e as Novas Comunidades trazem. Dentre os fatores citados, seis deles foram destacados na sequência – selecionados a partir da avaliação de sua fundamentalidade para o debate da temática central desta dissertação, as Novas Comunidades:

- a) O risco do isolamento: as comunidades têm uma séria tendência de se fecharem em si mesmas. Isso ocorre porque, ao oferecer acolhimento aos seus participantes, não os inserem no tecido da comunidade paroquial – e sim deixam-se influenciar por realidades estrangeiras, alheias à realidade local. Além disso, existe a alegação de que estão em comunhão direta com Roma e são, portanto, livres para compor-se no local onde vivem e/ou trabalham. Foram o reverso do que afirmam ser: de Igreja (comunidades), podem ser transformadas em verdadeiros guetos;
- b) novo tipo de vida consagrada: as Novas Comunidades anunciam esse novo tipo de vida, porém, no estímulo da refundação - quando buscam espiritualidades tradicionais - correm o risco de apelar não para uma novidade, mas para um saudosismo de formas de vida e modelos já sepultados pela proposta do Concílio Vaticano II;
- c) centralização na pessoa do líder: as Novas Comunidades são centralizadas na pessoa do líder, e isso não ajuda a Igreja a se libertar das formas centralizadoras e autoritárias já existentes;

⁶⁶ LIBÂNIO, 2007, p. 205-242.

- d) realidades ecumênicas: alguns desses grupos podem ter até mesmo se iniciado sob convicções ecumênicas e transconfessionais, contudo, aos poucos, se tornaram truculentos e fundamentalistas na defesa da própria identidade;
- e) projetos midiáticos: os Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades se embrenharam em um tipo de evangelização que se alia a projetos midiáticos. Com isso, passam por uma vertente que empreende sua evangelização através dos meios de massa. Surgem, assim, leigos sem alcance crítico social;
- f) liberdade do carisma: os Movimentos e as Novas Comunidades denunciam o excesso de racionalidade presente na liturgia, na teologia e em toda a instituição eclesiástica. Em uma via contrária, pregam a flexibilidade e a liberdade do carisma.

São estes os principais pontos discutidos até o presente entre teólogos e pelo próprio Magistério da Igreja. A eles podem ser somadas as demais que se desdobram em seu entorno. No Brasil, o subsídio sobre as Novas Comunidades foi lançado pela CNBB e, em suas afirmações, mostrou preocupações comuns ao afirmar que “[...] o crescimento das novas comunidades tem suscitado, na Igreja, diversas questões que atingem especialmente a estrutura paroquial e a vida religiosa, exigindo discernimento atento, diálogo e aprofundamento”⁶⁷.

Dom Aloísio Lorscheider⁶⁸ também lançou olhar de desconfiança sobre o tema, quando afirmou que os Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades devem caminhar em comunhão ao seu Bispo e projeto da Igreja local, não permitindo que influências externas interfiram nessa caminhada. O fato de que esses grupos recorrem à autoridade do Papa não é suficiente, pois a comunhão verdadeira com o Pastor Supremo (Papa) exige comunhão com a autoridade local (Bispo Diocesano). Assim, a autoridade local não perde a autoridade sobre os Movimentos e as Novas Comunidades apenas pelo fato de que esses possuem a benção do Papa.

Dom Luciano Mendes de Almeida⁶⁹, em mesmo sentido, considerou que quando os grupos se “[...] fecham em si mesmos, podem prejudicar todo o corpo eclesial”. Dom Cláudio Colling e Dom José da Cruz Policarpo⁷⁰ lembraram que todo dom de Deus (em referência aos carismas da Igreja) é subordinado à uma única missão. Sobretudo, em nome da eclesiologia⁷¹, eles

⁶⁷ SUBSÍDIOS DOUTRINAIS DA CNBB - 3, 2009, n. 30.

⁶⁸ OLIVEIRA, Francisco Sales Amaro. *Novos movimentos e Igreja Local: A relação entre os novos movimentos e a Igreja local de Belo Horizonte*, interpretada a partir da eclesiologia de comunhão de Bruno Forte. Dissertação de pós-graduação em Teologia. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia Belo Horizonte 2009, p. 26.

⁶⁹ LORSCHIEDER apud OLIVEIRA, 2009, p. 27.

⁷⁰ COLLING, POLICARPO apud OLIVEIRA, 2009, p. 27.

⁷¹ Cf. JOÃO PAULO II, 1990, n. 30. A Exortação Apostólica *Christifideles Laici* apresenta critérios fundamentais para as agregações de fiéis leigos, norteando todo o desenvolvimento e missão das novas comunidades.

se tornam integrados e corresponsáveis, o que requer disciplina e obediência hierárquica. A tendência desse evento, que cria estruturas fortemente centralizadas em torno do Vaticano, se deve ao fato de que todas as suas diretrizes espirituais e pastorais brotam do Centro de Roma, da Cúpula da Igreja.

Nessa realidade, Gordon Urquhart⁷², em seu livro “A Armada do Papa”, afirmou que João Paulo II tinha uma visão conservadora e enxergava nos Movimentos o caminho de uma filosofia semelhante à sua, pois ofereciam vantagens ao pontificado por serem eficientes e simples, o que privilegiava resultados rápidos. Contudo, como os Movimentos não contribuiriam com a sociedade, foram subordinados ao retorno de um rebanho submetido à uma única obrigação, a de obedecer ao Vaticano. Como consequência, surgiram fortes dificuldades na relação entre os Movimentos e Novas Comunidades com a Igreja particular.

Outra relação que gerou grandes embates – em especial na América Latina – é ligada à realidade das estruturas das comunidades eclesiais de base, cuja sua força evangelizadora tem vínculo à Teologia da Libertação. Os grandes críticos aos movimentos são, em contrapartida, fiéis defensores da Teologia da Libertação. José Sanches⁷³ afirmou que, para que a filosofia de João Paulo II – atrelada aos movimentos - se desenvolvesse, foi necessário que a cúpula da Igreja se valesse de alguns princípios criteriosos de interesse, dentre os quais o autor destacou cinco:

- a) Desqualificação dos teólogos mais avançados;
- b) nomeação de bispos de tendência conservadora e “romanista”;
- c) reforço às nunciaturas e nomeação de núncios para o controle das Igrejas Nacionais;
- d) ataque às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e à Teologia da Libertação;
- e) centralização dos acontecimentos mais importantes da Igreja.

O clima e as tensões se tornaram tão evidentes que, no início, foi cogitado que a Igreja corria sérios riscos de uma nova cisão. Gordon Urquhart⁷⁴ chegou a acreditar que dificilmente o sucessor de João Paulo II seria capaz de manter os movimentos em ordem de obediência, uma vez que Papa polonês era o único ponto de contato. Assim, o autor interpretou como iminente o rompimento entre os movimentos, a hierarquia e outros católicos⁷⁵.

⁷² URQUHART, Gordon. *A Armada do Papa: os segredos e o poder das novas seitas da Igreja católica*. São Paulo: Record, 2002, p. 455-462.

⁷³ SANCHES, José apud GODOY, Manoel José de. *O projeto de evangelização rumo ao novo milênio na organização da pastoral da Igreja Particular*. Belo Horizonte: FAJE, 2005, p. 40.

⁷⁴ URQUHART, 2002. Gordon Urquhart, por nove anos, foi integrante do Movimento *Focolare* na Inglaterra.

⁷⁵ URQUHART, 2002, p. 453.

Entre os cinco pontos descritos anteriormente, aparentemente nenhum outro foi tão discutido quanto o ataque às CEBs e à Teologia da Libertação. Para Libânio⁷⁶, a discussão tornou-se especialmente acalorada na América Latina e no Caribe devido às condições sociais existentes. Nesse cenário, as duas realidades – Movimentos Eclesiais e CEBs – terminaram se chocando em suas propostas de evangelização.

As CEBs haviam iniciado o processo de evangelização libertadora desde Medellín⁷⁷, dada pela opção pelos pobres, a partir dos pobres e para os pobres – em uma ação concreta em favor dos mesmos. Para tal, foram implantados círculos bíblicos em busca de um aprofundamento da leitura bíblica a partir da realidade social das comunidades, em uma linha reflexiva que priorizou a libertação. À essa frente foi dado o nome de “Nova Evangelização”.⁷⁸ Mas os Movimentos se envolveram com outro tipo de Nova Evangelização, ligada a projetos midiáticos, em especial através dos meios de comunicação de massa – e com isso veio o risco do esquecimento dos pobres. As CEBs ainda estão em profundo risco de enfraquecimento em sua aproximação aos novos movimentos, pois enquanto a primeira realidade é comprometida com as lutas populares da Igreja da libertação, a segunda se vincula facilmente às classes ricas e pode se afastar dos interesses populares, o que pode influenciar negativamente o itinerário das CEBs. É esse o grande conflito sentido em algumas Igrejas: de um lado o gigantesco projeto de evangelização eletrônica (comunicação de massa) e, de outro, a evangelização por meios dos pobres⁷⁹.

Quanto à Teologia da Libertação, é importante notar a publicação da carta aberta pelos irmãos Clodovis e Leonardo Boff, em maio de 1986, destinada ao então Cardeal Joseph Ratzinger. “O artigo analisava a instrução *Libertatis Conscientia*, em que o futuro Papa Bento

⁷⁶ FAVALE, 1990 apud FERREIRA, 2011, p. 54. O autor compreende que os Movimentos Eclesiais e as Comunidades Eclesiais de Base são distintos, todavia, fazem parte do mesmo universo dos movimentos eclesiais contemporâneos.

⁷⁷ DOCUMENTO DE MEDELIN. *Texto conclusivo da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. 6. ed., São Paulo: Paulinas, 1968. Disponível em: <<http://www.cpalsj.org/wp-content/uploads/2013/03/Medellin-II-CELAM-1968-POR.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2016. A II conferência Geral do Episcopado Latino-Americano aconteceu em 1968 em Medellín, na Colômbia, sob a temática “A Igreja na presente transformação da América Latina à Luz do Concílio Vaticano II.

⁷⁸ Cf. EVANGELII GAUDIUM. *Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Brasília: Edições CNBB, 2013, n. 14 e 120. No documento conta que foi celebrada, de 07 a 28 de outubro de 2012, a XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos – que teve como tema a nova evangelização para a transmissão da fé cristã. Foi recordado que a nova evangelização interpela a todos, fundamentalmente em três âmbitos: o da pastoral ordinária, animada pelo fogo do Espírito Santo a fim de incendiar os corações dos fiéis; o das pessoas batizadas que, contudo, não vivem as exigências do batismo e, por fim, a proclamação do Evangelho a aqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre o rejeitaram. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados.

⁷⁹ LIBÂNIO, 2007, p. 217.

XVI visava corrigir os supostos desvios da Teologia da Libertação na América Latina”.⁸⁰ No documento, Ratzinger criticava a influência marxista e a degeneração ideológica política para a qual a teologia teria se inclinado, em uma contradição ao que Jon Sobrino defendia, que “a teologia nasce do pobre”. Ratzinger⁸¹ afirmava que “[...] não, a fé nasce em Cristo e não pode nascer de outro jeito” e tal posicionamento foi responsável pelo agravamento das tensões entre as correntes defensivas da libertação e contrárias a ela na Igreja, em busca de um lugar de protagonismo à justiça – especialmente a social - de um lado (libertação) e de outro da prevalência de Cristo.

Foi nesse cenário intrínseco às realidades conflituosas⁸² - que também explicitava os elementos de contraponto e críticas que fervilharam nos debates sobre Movimentos e Novas Comunidades⁸³ - que os ânimos entraram em pé de guerra, com críticas mais severas destinadas aos Novos Movimentos, por serem um acontecimento novo e que teriam ainda todo um caminho a ser construído.

Dada a importância, a origem e a compreensão da realidade da nova evangelização dentro desse processo histórico e após o relato dos embates entre os que apoiam e os que não apoiam - ou que, ao menos, acenam para os possíveis riscos que a Igreja assume junto aos Movimentos e as Novas Comunidades – o tópico seguinte apresenta o protagonismo que os participantes desses movimentos exercem em sua missão.

1.7 Do anonimato do urbanismo ao protagonismo da missão

Ao adentrar no contexto dos Movimentos e das Novas Comunidades, é necessário relembrar que o Concílio Vaticano II caracterizou a importância do lugar e da missão dos leigos que passaram a ter participação mais efetiva na Igreja, com o exercício de importantes trabalhos

⁸⁰ RICARDO, Paulo. *Irmão de Leonardo Boff defende Bento XVI e critica Teologia da Libertação*. 2013. Disponível em: <<https://padrepauloricardo.org/blog/irmao-de-leonardo-boff-defende-bento-16-e-critica-teologia-da-libertacao>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

⁸¹ RICARDO, 2013, n. 78.

⁸² Cf. VATICANO. *Instrução sobre alguns aspectos da teologia da libertação*. 1984. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html>. Acesso em: 23 mar. 2016. Sobre o documento, vale afirmar que a Teologia da Libertação não foi condenada pela Igreja, pois em nenhum documento isso é afirmado. Contudo, em 1985, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé publicou o Documento “Instruções sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação”, alertando para os possíveis exageros, alguns já apresentados nesse capítulo.

⁸³ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta do Papa aos Bispos da Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil*. 1986. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1986/documents/hf_jp-ii_let_19860409_conf-episcopale-brasile.html>. Acesso em: 23 mar. 2016. Mesmo em meio a um clima de tensão e resistência, não faltaram esforços do Vaticano em também encontrar o melhor caminho para a Teologia da Libertação. Em abril de 1986, o Papa João Paulo II escreveu aos Bispos do Brasil uma bonita carta na qual afirmou a condição de proposição necessária e oportuna figura pela Teologia da Libertação.

paroquiais e atuação social - como importantes agentes de transformação de um mundo novo. Essa trajetória foi a linha adotada para o desenvolvimento deste tópico, que representa a análise do exercício do apostolado por fiéis leigos em meio ao contexto sociocultural e religioso – tornando-se assim protagonistas do seu tempo.

O Documento de Aparecida⁸⁴ definiu os fiéis leigos como “[...] homens da Igreja no coração do mundo, e homens do mundo no coração da Igreja”. Ao afirmar uma missão com responsabilidade o texto também destacou a necessidade de uma profunda formação doutrinal, pastoral e espiritual - além do comprometido acompanhamento para o testemunho de Cristo e dos valores de seu Reino nos âmbitos da vida social, econômica, política e cultural.⁸⁵ O Papa Francisco⁸⁶, quando abordou o aspecto de agentes qualificados pela formação, fez o alerta de que - em virtude do batismo recebido - cada membro da Igreja se torna discípulo missionário. Além disso, durante todo o processo de discipulado, independentemente das funções na Igreja ou do grau de instrução da fé, o indivíduo tem lugar como sujeito ativo de evangelização. Nessa vertente, deve ser destacado o novo protagonismo de cada pessoa batizada, que recebe o dever de comunicar Jesus de tal forma que corresponda à situação em que se vive.

Nesse reconhecido protagonismo, os leigos são chamados a tornar presente e operante a Igreja nos lugares, circunstâncias e competências que cabem somente a eles. É essa a compreensão que pode ser encontrada no Documento 62 da CNBB, quando refere ser competência do leigo lutar por justiça e por paz, contribuindo para o serviço do mundo e dando testemunho evangélico na economia, na política, nas relações internacionais, nos sindicatos, nas organizações assistenciais, nos movimentos populares, nas pastorais sociais e nos demais espaços possíveis, sendo sal e luz no mundo.⁸⁷

Um fato relevante no surgimento desse protagonismo do laicato guarda vínculo à realidade hodierna dos grandes centros urbanos. No caso da América Latina, no Século XX, houve um grande crescimento das populações das cidades. As novas condições urbanas e o desenvolvimento industrial impuseram uma impressão de solidão ou de isolamento às pessoas, que antes viviam fortemente atreladas às comunidades tradicionais: família, clã, vizinhança, escola, amizades e colegas de trabalho, dentre outros. Atualmente, as pessoas estão fragmentadas. Não conseguem mais cumprir seu papel social como antes era cumprido. Em meio ao vácuo desse

⁸⁴ DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, n. 209.

⁸⁵ DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, n. 212.

⁸⁶ EVANGELII GAUDIUM, 2013, n. 120-121.

⁸⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. CNBB. *Documento da CNBB – 62: missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. Edição aprovada na 37ª Assembleia Geral da CNBB. Itaiçi, São Paulo: CNBB, 1999, n. 61-62.

novo cenário surgem as multidões anônimas⁸⁸, nas quais e das quais emergem os efeitos de novos comportamentos sociais. José Comblin⁸⁹ apontou algumas realidades dessa atual conjuntura e aborda os princípios e os desafios de uma verdadeira diaconia a ser exercida na cidade, dentre elas:

- a) A luta contra o individualismo: os contatos humanos são superficiais, não se cria mais relação humana com profundidade com vizinhos, amigos, família e nem mesmo com a própria comunidade (Igreja). Não há mais a gratuidade, o que prevalece é a lei do capitalismo neoliberal, tudo inspira o lucro. Nesse caso, a dimensão da solidariedade se esgotou. Em contrapartida, a melhor Diaconia é a reconstrução dos laços humanos - ou como afirmou Comblin⁹⁰, é “o ser humano como nó de relações totais”, tornando a refazer sociedades humanas, para nas relações horizontais recriar um mundo de gratuidade, onde possam existir redes de solidariedade. No que se refere especificamente à Igreja, redes de comunicação entre pessoas unidas pela fé e esperança, formando grupos (comunidades) que se ajudem mutuamente;
- b) a vida cultural: a indústria da mídia produz uma cultura de massa que estimula o consumo. Fazer cultura, nesse sentido, é aprender a ser campeão, a ganhar dinheiro, a produzir não para o bem do outro compartilhando com a humanidade - mas sim para ter algo a vender. Não se produz pelo bem da cultura, mas pela exploração do mercado. É preciso reconstituir toda a vida comunitária em uma sociedade que se empenhou em destruir a comunidade, com a finalidade de que o mercado fosse atendido com exclusividade pelo indivíduo;
- c) os serviços assistenciais: o período em que a Igreja atendia as demandas que surgiam naturalmente entre os necessitados ficou marcado na Idade Média. Nos tempos hodiernos, as Igrejas já não dispõem de recursos para sustentar as assistências de massa. A tarefa se tornou responsabilidade do Poder Público, que deveria assumi-las, mas nem sempre é o que acontece. Sendo assim, é preciso que a Diaconia seja exercida de maneira profética, dentro das instituições públicas.

⁸⁸ OLIVEIRA, 2009, p. 117.

⁸⁹ COMBLIN, José. Diakonia na cidade. In: ANDRADE, Sérgio; SINNER, Rudolf Von (Orgs.) *Diaconia no contexto nordestino: desafios, reflexões, práxis*. São Leopoldo: Sinodal / CEBI/ Paulinas, 2003. p. 78-79.

⁹⁰ Cf. BOFF, Leonardo. *O ser humano como nó de relações totais*. 2013. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2013/06/16/o-ser-humano-como-no-de-relacoes-totais/>>. Acesso em: 26 mar. 2016. Para Leonardo Boff, em citação digital, “não se pode pensar a essência humana fora das relações sociais, mas ela é muito mais que isso, pois resulta do conjunto de suas relações totais”.

É do cenário acima apresentado que surgiu a grande aspiração comunitária: as Novas Comunidades são respostas às necessidades das pessoas de hoje, que em meio à agitação do mundo procuram sentido para suas vidas. Desejam crescer no Espírito e interpretar sua vivência inspiradas por Ele: são pessoas que têm necessidade de discernir o momento atual. As comunidades servem como ponto de apoio para quem lhes procura. “As pessoas anseiam encontrar acolhida e relacionamento fraterno na Igreja e nas casas religiosas. Afirmam encontrar isso nas novas comunidades”.⁹¹

No engrandecimento laical está a riqueza das Novas Comunidades. Nelas, os leigos se tornam construtores da própria experiência religiosa: deixam de ser sujeitos passivos para ocupar lugar de agentes ativos. Como afirmou Reinert⁹²: “os membros participantes das novas comunidades são tirados do anonimato e lhe são devolvidos o reconhecimento pessoal e o protagonismo da própria experiência religiosa”. Por fim, em meio aos maiores desafios contemporâneos, no que se refere ao seu chamado e vocação evangélica, as Novas Comunidades se abrem às exigências de transformação social e estão empenhadas em promover a vida das pessoas numa renovação espiritual a partir do encontro pessoal com o Senhor. Todavia, essa mesma experiência passa pela manifestação do cuidado, permitindo a cada indivíduo atingir a totalidade da dignidade humana. Nessas comunidades, constata-se um amor em movimento e ativo. Mateus 25,35-36 é uma passagem relevante para a descrição desses espaços e da atualidade, pois mostra o cuidado de quem ama e quem está aberto a receber o acolhido, remetendo ao verdadeiro sentido da partilha e do cuidado: “porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era peregrino e me acolhestes, nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim”. Conforme as palavras de Jesus, é nesse sentido que se encontra a profunda lei do amor. Logo, é em definitivo a missão que envolve as Novas Comunidades.

Dessa forma, na sociedade vigente, predomina a destruição das estruturas sociais, dos movimentos culturais e dos conjuntos tradicionais de valores e, com isso, a perda do sentido de comunidade. Em compensação, surge uma “nova experiência” que envolve e compromete a pessoa toda num relacionamento novo consigo mesma e numa comunhão nova para com os outros.

⁹¹ SUBSÍDIOS DOUTRINAIS DA CNBB – 3, 2009, n. 30.

⁹² REINERT, 2009, p. 78.

1.8 Síntese

As novas formas de vida, impulsionadas pelos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades, surgem por necessidade do tempo e para responder às exigências inerentes do ser humano. Na atualidade, em constante mudança, há uma alteração drástica na organicidade e na articulação social. Os sinais e os trajetos de Deus sempre são abundantes em cada época histórica, portanto, também no presente e em resposta às lacunas que se abrem. É perceptível que a missão das Novas Comunidades é acompanhada pela exigente, desafiadora e imprescindível manifestação do cuidado para a promoção humana. O célebre legado dessa dimensão do cuidado se encontra em todo o processo histórico cristão, que é imenso e se faz chegar aos nossos tempos. É sobre esse aspecto histórico, inspirado pelas manifestações do Espírito Santo na ação de sua Igreja ao longo dos séculos, que o capítulo seguinte foi estruturado e trata das ações de cuidado da Igreja cristã.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO CUIDADO NA VIDA DA IGREJA

2.1 Introdução

Este capítulo trata de alguns aspectos históricos da dimensão do cuidado, descritos nas narrativas bíblicas, a partir das experiências das comunidades dos cristãos da Igreja nascente (Igreja Primitiva) e no decorrer do importante período da patrística. Junto a isso, também é apresentado o processo histórico da dimensão do cuidado na vida da Igreja ao longo dos séculos, com destaque ao período Medieval, em um percurso histórico que se desfecha descritivamente na contemporaneidade.

2.2 O ser humano como um ser de cuidado

Como prévia à elucidação sobre o processo histórico da dimensão do cuidado, este tópico acentua algumas colocações conceituais do significado da palavra. De maneira especial, isso foi feito no aprofundamento do seu sentido a partir de sua manifestação antropológica: o ser humano como ser de cuidado.

Segundo o Dicionário *Houaiss*⁹³ da língua portuguesa, cuidado significa submetido a rigorosa análise, meditado, pensado, aprimorado, que foi ou é objeto de tratamento especial, zelo, desvelo que se dedica a alguém ou a algo. O dicionário caracteriza o cuidar como cogitar, pensar, ponderar, atentar para, prestar atenção em e preocupar-se com, responsabilizar-se por (algo ou alguém), ter muita atenção para consigo mesmo (exterior ou interiormente). Conforme Hilana Cristina Setúbal⁹⁴, o cuidado representa reflexão, sentimento e emoção. Onde há cuidado, há alguém que cuida e algo que é digno desse interesse, dessa atenção. Cuidar é ser humano com vistas à completude.

“É no processo de construção por meio de dar cuidado e deixar-se cuidar que se constata que homens e mulheres apresentam três aspectos no processo da dimensão do cuidado, a dizer: o

⁹³ HOUAISS. Antônio. VILLAR. Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, n.p.

⁹⁴ SETÚBAL, Hilana Cristiana Rocha. *O cuidado e a ética do cuidado: um dialógico entre Leonardo Boff, Carol Gilligan e Nel Noddings*. Dissertação (Mestrado) – Curso de Filosofia, Departamento de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2009. Disponível em: <ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/btdt/HilanaCRS_DISSERT.pdf>. Acesso em: 06, maio 2016.

cuidado de si, o cuidado dos outros e o cuidado do meio ambiente (mundo)”.⁹⁵ Tais aspectos, elaborados pela construção histórica da humanidade, confluem a subjetividade - bem como a intersubjetividade - ao centro da constituição humana, como características do ser. Existe no ser humano “[...] fundamentalmente uma estrutura que o impulsiona a movimento de estabelecer relação com o mundo, que é o cuidado”.⁹⁶ O cuidado se apresenta intrínseco, “[...] possui uma dimensão ontológica na constituição do ser humano. É um modo-de-ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado deixamos de ser humanos”.⁹⁷

Compreende-se que há ações que favorecem a vida e que, ao longo da existência, ocorre uma busca por sentidos. Entre esses benefícios e essa procura estão a negação do sofrimento e a potencialização da satisfação. Todos esses fatores unidos culminam na tentativa de dar sentido à existência, à constituição do indivíduo como pessoa. É esse o entendimento de Victor Frankl⁹⁸, que “[...] sentiu e observou de si mesmo e demais pessoas”⁹⁹ a partir das experiências vividas nos campos de extermínio nazistas. A sua conclusão foi a de que “[...] vida é sofrimento, e sobreviver é encontrar sentido na dor”.¹⁰⁰

Cada ser humano - para que possa se constituir pessoa - precisa e deve descobrir a si e, de algum modo, encontrar um propósito na vida. A demonstração dos que sobreviveram aos horrores do nazismo é prova de que, na dimensão do cuidado, em primeiro lugar está a causa da sobrevivência, a luta pela própria vida: por mais que essa seja hostil, o que o ser humano deseja é se cuidar, de tal modo que a sobrevivência seja favorecida. Contudo, não é só pelo sofrimento da vida hostil que se encontra o sentido da vida. Frankl também apontou para o fato de que existem outras duas formas de encontrar e dar sentido à mesma. A primeira delas ele denominou de autotranscendência da existência humana, da seguinte maneira:

Denota de que o ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo - seja um sentido a realizar o outro ser humano a encontrar. Quanto mais a pessoa esquecer de si mesma – dedicando-se a servir uma causa ou a amar outra pessoa - mais humana será e mais se realizará.¹⁰¹

⁹⁵ SANTOS, Brasdorico Merqueades; GILLIANO, José Mazzeto de Castro. *Humanidades I*. Campo Grande: UCDB, 2014, p. 21.

⁹⁶ SANTOS; GILLIANO, 2014, p. 22.

⁹⁷ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do ser humano, compaixão pela terra*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999, p. 89.

⁹⁸ PEREIRA, Ivo Studart. Espírito e liberdade na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, v. 26, n. 3, p. 390, 2015. Frankl, fundador da Logoterapia, também “chamada de terceira escola vienense de psicoterapia. As duas primeiras são a psicanálise de Freud e da psicologia individual de Adler”.

⁹⁹ FRANKL, Victor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 34. ed., São Leopoldo: Sinodal / Vozes, 2013. Frankl viveu os horrores dos campos de extermínios nazistas durante a 2ª Guerra Mundial. Em sua experiência, fez uso da capacidade de transcender o tratamento desumano e as situações de violência e desagregação para manter ativa a percepção do sentido da vida, apesar das suas agruras.

¹⁰⁰ FRANKL, 2013, p. 7.

¹⁰¹ FRANKL, 2013, p. 135.

A outra maneira de encontrar sentido para a vida, seguindo a construção de Frankl¹⁰², é “experimentando algo – como a bondade, a verdade e a beleza - experimentando a natureza e a cultura ou, ainda experimentando outro ser humano em sua originalidade única – amando-o”. Nessa relação da descoberta de si, do mundo e dos outros, o ser humano é levado a reconhecer e preocupar-se com as estruturas das realidades que estão ao seu redor.¹⁰³ É assim também que o Papa Francisco apresentou em sua carta encíclica *Laudato Si*¹⁰⁴, quando recordou o discurso de seu antecessor Bento XVI ao Parlamento alemão, em Berlim.¹⁰⁵ “O homem não é apenas uma liberdade que se cria a si própria, o homem não se cria a si mesmo, ele é espírito e vontade, mas é também natureza”.¹⁰⁶ Nessa compreensão, a humanidade é convidada a viver no mundo como casa global, como uma grande família, testificada no amor, numa escala que lhe exige a partilha com todos.

Desse modo, “são chamados a aceitar o mundo como sacramento de comunhão[...]”.¹⁰⁷ É no amor que consiste o processo da constituição da subjetividade, possível somente no movimento das relações, dadas e recebidas. “Mas amamos, porque Deus nos amou primeiro” (I João 4,19). É a própria capacidade de constituir, e constituir-se, que faz o ser humano ser o que é. “E toda a subjetividade é constituída em intersubjetividade, pois cada indivíduo possui uma procedência, ou seja, vem de um outro que lhe deu a vida e conseqüentemente um legado”.¹⁰⁸ É esse o sentido do amor, pois o “[...] amor é a única maneira de captar o outro ser humano no íntimo de sua personalidade”.¹⁰⁹

Do conteúdo visto até esta parte desta dissertação, foi considerado o importante papel das relações, que são observadas no meio social como casa global e no convívio como uma grande família – fundamentos do encontro e da definição do ser humano. A própria existência humana só adquire sentido quando é verdadeiramente vivida em sociedade.

¹⁰² FRANKL, 2013, p. 135.

¹⁰³ FRANKL, 2013, p. 135.

¹⁰⁴ PAPA FRANCISCO. *Carta encíclica do Sumo Pontífice Laudato Si*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus / Loyola, 2015, n.p.

¹⁰⁵ BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI*: viagem apostólica à Alemanha, 22-25 de setembro de 2011, visita ao parlamento federal. 2011a. Disponível em: < https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110922_reichstag-berlin.html>. Acesso em: 04 dez. 2015.

¹⁰⁶ BENTO XVI. *Discurso do Papa XVI*: viagem apostólica à Alemanha – 22 a 25 de setembro de 2011, visita ao Parlamento Federal, Palácio de Reichstag de Berlim. 22 de setembro de 2011b. Disponível em: < https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110922_reichstag-berlin.html>. Acesso em: 04 dez. 2015.

¹⁰⁷ BENTO XVI apud PAPA FRANCISCO, 2015, n. 9.

¹⁰⁸ SANTOS; GILLIANO, 2014, p. 29.

¹⁰⁹ FRANKL, 2013, p. 136.

Na sequência, foi tratado o importante aspecto gerado a partir das relações, de forma mais aprofundada no universo bíblico, no que se refere o amor. Na breve contextualização bíblica foi realizada uma reflexão sobre o sentido o novo mandamento proclamado por Jesus Cristo aos seus discípulos.

2.3 Breve contextualização bíblica da dimensão do cuidado

As dimensões das realidades humanas mencionadas no tópico anterior conduzem à uma narrativa bíblica no Evangelho de João: “dou-vos um novo mandamento: amai-vos uns aos outros” (João 13,34). É uma ordem de Jesus que se caracteriza como lei - não lei à base da imposição, pela força do autoritarismo, mas à base do próprio amor. A narrativa indica enorme comprometimento, carregado de valores e de sentido libertador. Ao mesmo tempo, é uma narrativa que permite o questionamento, que surge a partir da proclamação da própria ordem de Jesus Cristo - e que provavelmente transpassa a história até atingir aos dias atuais. Foram abordados neste capítulo três questionamentos, apresentados na sequência, que conduziram a linha de raciocínio da pesquisa: a) de fato, esse amor é um novo mandamento? b) a ordem dada por Jesus Cristo demonstra-se como um acontecimento do qual os discípulos, mesmo estando com Ele, ainda não haviam experimentado na comunidade? e c) o que ou qual acontecimento provocou Jesus dizer “novo mandamento”?

No Antigo Testamento, especialmente nos livros do Pentateuco, estão relatos da revelação da lei manifestada por Javé ao seu povo. Moisés sobe ao Monte Sinai e só desce de lá com a novidade do “decálogo” (Êxodo 34, 28ss). A narrativa se encontra no Antigo Testamento, e, portanto, antecede o anúncio do Evangelho de Cristo. Mediante a história das culturas que antecedem aos mandamentos atribuídos no Monte Sinai, percebe-se que - antes dos israelitas - outros povos já tinham conhecimento desses princípios, como apontam “[...] os mandamentos da Babilônia do séc. XIV a.C.”.¹¹⁰ Suas leis se constituem bem próximas às leis do Sinai, sendo que o primeiro mandamento faz referência a não pecar contra seus deuses, o segundo e o terceiro se referem à constituição familiar, enquanto que os três seguintes fazem referência às mulheres e aos bens dos próximos. Por fim, o último recobre a pessoa, e indica que devem ser evitadas falsidades e todo e qualquer tipo de impureza. É interessante a existência de registros de que aqueles povos já tivessem conhecimento das leis, por sinal muito próximas ao que Javé revelou por intermédio de Moisés aos israelitas. Contudo, os povos mais próximos da lei dos israelitas foram os egípcios.

¹¹⁰ MOSER, Frei Antônio. *O pecado: do descrédito ao aprofundamento*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 73.

“O Livro dos Mortos é datado do séc. XVI a.C.”¹¹¹, ou seja, anterior a Moisés (próximo de 1250). Estes são registros que apontam para a lei de Moisés, e que parecem estar interligados aos mesmos códigos de significações que as narrativas bíblicas do Antigo Testamento revelam. Vale lembrar que o Novo Testamento traz luz a todo o Antigo Testamento, e que o Evangelho apresenta Jesus narrando dois grandes mandamentos que fazem referência ao amor: “amarás ao Senhor teu Deus de todo teu coração [...], amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Marcos 12,30-31).

Sendo assim, a novidade da lei se faz luz em meio aos lampejos das mais diversas manifestações evidenciadas entre as culturas. São dados históricos entre povos e nações que antecederam à formação do povo de Deus e trouxeram em seus costumes a “lei do amor”. No entanto, a atenção é voltada para o novo mandamento, para a ordem dada por Jesus Cristo. Sob esse prisma compreende-se que o novo mandamento só pode ser novo dentro de um contexto reelaborado pelo próprio Messias, ligado intrinsecamente ao testemunho de sua própria vida: “assim como eu vos amei”. É nesse olhar que se torna uma nova realidade, ganha um novo sentido inerente ao aspecto da nova aliança¹¹² e à promessa de vida. Ao que se demonstra, esse é o sentido novo: a compreensão gerada a partir da verdade anunciada e resgatada pelo Cristo. Haja vista que a humanidade havia perdido ao longo de seu processo histórico o principal dado da característica do amor (imagem e semelhança de Deus - Gênesis 1,26).

Ao retomar as narrativas históricas datadas bem antes da revelação bíblica no evento do decálogo dado a Moisés, intrinsecamente manifesta-se na essência humana uma lei natural. A humanidade é convidada a amar a Deus e a amar o próximo na medida a que também ama a si mesma.¹¹³ Segundo a tese de Sissi Georg Rieff¹¹⁴, no contexto histórico dos primeiros séculos da Igreja, os apelos enfáticos encontrados nas homilias dos Pais da Igreja, como de Magno, Gregório de Nissa, Gregório Nazianzo e João Crisóstomo, em relação à partilha de bens e prática de amor

¹¹¹ MOSER, 1996, p. 73.

¹¹² SÁ, Wilson Cardoso de. *Sacramentos I: introdução e iniciação cristã*. Campo Grande: Editora UCDB, 2014, p. 57-58. As narrativas da Nova e Eterna aliança podem ser encontradas nos evangelhos de Mt 26,26-29. Mc 14,22-25. Lc 22,19-20. 1Cor 11, 23-25. Nos relatos tem destaque a questão do sangue – o sangue é a própria vida da pessoa na concepção judaica. Portanto Cristo ofereceu sua própria vida. Marcos e Mateus, fazem alusão ao Ex 24,8, a aliança do Sinai. Paulo e Lucas, da Nova aliança, aludindo a passagem de Jeremias 31,31, que é a Nova Lei, inscrita não em tábuas de pedra, mas no coração. Unindo as duas tradições está a menção à Lei e aos profetas. Jesus é a superação, a realização, a plenitude da Lei e dos profetas.

¹¹³ SÁ, 2014, p. 53. O rosto amoroso de Deus é somente revelado por Cristo. Em Jo 6,22-69 está o discurso sobre o pão da vida, que tem como pano de fundo da reflexão o “confronto” entre Moisés e Jesus, aquele que falou face a face com Deus e aquele que revela Deus. O texto mostra a ligação entre Moisés e o Maná, que na verdade seria a própria Palavra de Deus que sustenta o povo na caminhada pelo deserto. Agora em Jesus a Lei tornou-se pessoa, a Palavra se faz carne.

¹¹⁴ RIEFF, Sissi George. *Diaconia e culto cristão: resgate de uma unidade essencial e suas consequências para a vida das comunidades cristã*. 2003. 371 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, 2003, p. 63.

ao próximo, são sinais de que “a inclinação em direção do outro não é natural”. Entretanto, o que nesta dissertação foi buscado apresentar não se refere às inclinações naturais e sim à lei. Na carta de São Paulo aos Romanos consta o seguinte: “eles mostram que o objeto da lei está gravado nos seus corações” (Romanos 2,15). Sendo assim, a característica do objeto que está no âmago da lei se revela e se distingue no ser humano. O núcleo essencial da lei natural é o preceito pelo qual “se deve fazer o bem e evitar o mal”¹¹⁵. O catecismo da Igreja Católica acena para essa realidade, trata do assunto voltado não somente à expressão lei natural, mas também ao termo do uso da razão natural:

Pela razão natural, o homem pode conhecer Deus com certeza, a partir das suas obras. Mas existe outra ordem de conhecimento, que o homem de modo nenhum pode atingir por suas próprias forças: a da Revelação divina. Por uma vontade absolutamente livre, Deus revela-Se e dá-Se ao homem. E fá-lo revelando o seu mistério, o desígnio benevolente que, desde toda a eternidade, estabeleceu em Cristo, em favor de todos os homens [...].¹¹⁶

Essa é uma orientação que leva a uma maior compreensão do significado buscado nesta pesquisa. Na Sagrada Escritura, quando João em sua primeira carta escreve à comunidade a respeito da necessidade de viver a lei do amor, diz que “aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (I João 4,8). Nisso se encerra que, para conhecer a Deus, é preciso amar - mas para amar a Deus é preciso amar o irmão, pois “se alguém disser: amo a Deus, mas odeia seu irmão, é mentiroso. Porque aquele que não ama seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê” (I João 4,20). Desse ponto de vista elaborado a partir da comunidade joanina, a compreensão e o exercício do novo mandamento se dão a partir do Deus encarnado, o Verbo que se fez homem e habitou entre nós (João 1, 14), e que permanece entre nós na pessoa do próximo. Os Padres da Igreja já declaravam: “é nos mais necessitados, pobres e marginalizados o lugar da presença de Cristo, e enquanto há tempo, é preciso visitar o Cristo, dar de comer a Cristo, vestir o Cristo, acolher o Cristo, socorrer o Cristo, amar o Cristo”¹¹⁷, referindo-se aos pobres e marginalizados. Gregório afirmava: “Ele (Cristo) se tornou estrangeiro, nu, carente de alimentação, doente, preso por você, e tudo o que o evangelho predisse”.¹¹⁸ É nessa dinâmica da teologia do encontro que surge a grande declaração de amor feita à humanidade, proclamada por

¹¹⁵ KNAPP, Orlando. *Moral fundamental*. Campo Grande: Editora UCDB, 2016, p. 32-33. No discurso ético tomista, para que o homem se insira no plano de Deus ele deve participar de modo tal que as obras realizadas por ele não sejam somente conforme à Lei Eterna, mas brotem livremente de sua orientação interior para o bem. Esta participação se realiza em dois momentos: na lei natural e na lei do Espírito. A primeira e mais fundamental participação na Lei Eterna é dada pela Lei Natural (*Lex naturalis*), em força da qual a pessoa humana toma consciência da sua própria vocação radical.

¹¹⁶ JOÃO PAULO II, 2002, §50.

¹¹⁷ GREGÓRIO apud BROX, Norbert. Diaconia na Igreja primitiva. *Concilium*, v. 24, n. 218, p. 51, 1998.

¹¹⁸ BROX, 1988, p. 51.

Jesus: a de que “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (João 15,13). Ela revela este incondicional amor de Jesus por toda a humanidade o qual assumiu com liberdade todas as consequências contraídas do Seu querer: salvar o homem divinizando-o em sua humanidade, e humanizando-o em sua divindade.¹¹⁹ Isto é a transcendência de sua paixão, morte e ressurreição, o mistério do Verbo encarnado de Deus que determinou o grande *Kairós*, e se tornou o ápice de sua manifestação na história da humanidade.

Assim, se mostram alguns sinais apresentados em sequência, sem a pretensão de esgotar as possibilidades existentes dos aspectos sugeridos dentro dos questionamentos acima desencadeados. A lei do amor, embora presente desde o Antigo Testamento, ganhou seu sentido na auto revelação culminada no Cristo, a partir de tudo o que Ele ensinou tendo por instrumento a intensa eloquência testemunhal de Sua própria vida. Desse modo, na prática do amor ao próximo, vale a afirmativa de Adedeji¹²⁰: “enquanto cristãos como Igreja de Cristo, devemos dar testemunho que não lutamos apenas pela salvação das almas, mas também nos comprometemos com toda nossa energia por uma melhor qualidade de vida aqui na terra”.

Na continuidade desta investigação teórica, o próximo passo foi a apreciação de como as comunidades da Igreja dos primeiros séculos compreenderam e viveram a dimensão do amor proclamada como lei.

2.4 A igreja dos primeiros séculos

Neste tópico foi tratada a importância da prática da caridade como expressão de amor ao próximo no contexto da Diaconia. Não houve preocupação com a definição do diaconato como função específica do 1º grau do sacramento da ordem, mas sim no amplo sentido do dever de cada cristão no serviço prático aos mais necessitados, como aconteceu nos primeiros séculos da Igreja.

Em Atos dos apóstolos 6,5-6 está a narrativa da escolha de sete homens cheios do Espírito Santo, que marca o começo¹²¹ do ofício diaconal na Igreja. É de conhecimento que esses

¹¹⁹ STEVANOLI, José Adriane. *Cristologia*. Campo Grande: Editora UCDB, 2016, p. 10. Para Santo Atanásio, o princípio da ‘encarnação’ é elemento essencial no processo de personalização humana que integra o seu caminho de divinização (Perspectiva da Tradição oriental): “Deus se fez homem para que o homem se tornasse Deus” (STEVANELLI, 2016, p. 10).

¹²⁰ ADEDEJI, Adebayo. Num mundo despedaçado – é possível sair da mútua danificação e da autodestruição? *Concilium*, v. 24, n. 218, p. 12, 1988.

¹²¹ RIEFF, 2003, p. 31-32. Para Sissi Georg Rieff surge a reflexão de que o texto de At. 6,1-6 é comumente usado para fundamentar a origem do diaconato, mas que necessita ser analisado. O texto não definiria a criação do diaconato, mas ofereceria os “[...] primeiros esboços de organização dentro da Igreja”. Reitera que na oportunidade foi distinguido entre cargos ordinários-locais e extraordinários supralocais, e que Atos 6 pertence ao tempo em que não havia distinção entre diaconia da palavra e diaconia da mesa, no período em que a Igreja tinha uma estrutura, chamada “carismática” (RIEFF, 2003, p. 31-32).

homens haveriam de prestar um serviço social, mas ao mesmo tempo ofereceriam um serviço espiritual. Os Apóstolos que antes estavam incumbidos de assistir as viúvas, os órfãos e os demais necessitados das comunidades se viram sobrecarregados, já que deveriam cuidar do serviço das mesas, ou seja, da Liturgia e da Palavra. “Com a formação desse organismo dos sete, a diaconia – o serviço do amor ao próximo exercido comunitariamente e de modo ordenado – ficaria instaurada na estrutura fundamental da própria Igreja”.¹²² Praticar a caridade para com as viúvas, os órfãos, os presos, os doentes e os necessitados de qualquer natureza se tornou essencial, junto com o anúncio da palavra e a administração dos sacramentos. No Diretório pastoral da Igreja particular de Campo Grande, torna-se aplicável a seguinte expressão: “a ação social da Igreja é a expressão concreta do exercício organizado de sua missão evangelizadora no serviço da caridade que tem sua força em Jesus Cristo, enviado do Pai, que veio para servir e não para ser servido (Mt 20,28)”.¹²³

Sob esse mesmo viés, o Papa Wojtyła acentuou a importância da reversão e do trabalho de caridade e de aproximação com os que padecem, a fim de resgatar da experiência de sofrimento e de exclusão o sentido salvífico do amor divino.¹²⁴ É importante perceber que as principais experiências de amor que a história das comunidades primitivas oferecem são revestidas do traço da dor e do sofrimento, como a própria entrega de Jesus narrada em João, quando diz: “Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna” (João 3,16). A beleza da salvação humana veio acompanhada da dor da entrega filial. Logo, compreender as eventuais leituras de um sofrimento é fundamental para poder sentir a dor do outro e para enlevar a sublimação que reveste o amor. Salviano de Marselha¹²⁵, no século V, já interpretava que os sofrimentos particulares dos homens estão concentrados em Cristo. É como se Cristo continuasse a carregar todos os sofrimentos, “toda a carga sofredora do mundo, é a paixão de Cristo, é a síntese de todos os pobres”.

A caridade é fonte da partilha, que é um gatilho fundamental para a compreensão da necessidade do outro e da disposição em abrir mão da visão de si pela do outro.¹²⁶ Tertuliano, grande escritor cristão, narra que a fraternidade cristã chegou a ser tão forte que provocou a

¹²² BENTO XVI. *Carta encíclica Deus caritas est do sumo pontífice Bento XVI aos Bispos, aos Presbíteros e aos Diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor cristão*. 2005. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html>. Acesso em: 01 mai. 2016.

¹²³ DIRETÓRIO DE PASTORAL. *Arquidiocese de Campo Grande*. Campo Grande, MS: Editora Bruzanello, 2007, p. 54.

¹²⁴ WOJTYLA, Karol. *Salvifici Doloris*. São Paulo: Editorial AO Braga, 1984, n.p.

¹²⁵ MARSELHA apud BROX, 1988, p. 51.

¹²⁶ BOFF, Leonardo. *O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ética e na espiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2012, n.p.

censura e as suspeitas dos pagãos. Em seus escritos encontram-se os testemunhos da partilha dos bens, uma vida comunitária tão intensa que toda a forma de divisão em classes era superada.¹²⁷ No catecismo dos primeiros cristãos, a *Didaqué*, já é mencionado “o amor de partilha”, ao explicitar que Deus dá os bens da vida para serem repartidos entre todos, e que toda a contribuição social deve estar disponível para o bem comum: “dê a quem pede a você e não peça para devolver [...] feliz aquele que dá conforme o mandamento, porque será considerado inocente”.¹²⁸

Para Inácio de Antióquia (por volta de 117), a Igreja de Roma é designada como aquela que preside a caridade.¹²⁹ Desde os primórdios, a atividade assistencial aos pobres tornou-se expressão viva da Igreja. Lourenço (258 d. C.) foi uma figura que exprimiu toda a riqueza diaconal carregada de seu real significado. Ficou presente na memória da Igreja como o grande expoente da caridade eclesial. Responsável pelos cuidados dos pobres, após a prisão de seus irmãos de fé e do Papa, a ele foi permitido mais um tempo de liberdade para que resgatasse todos os bens e riquezas, os tesouros da Igreja. Deveria entregar às autoridades civis, mas distribuiu o dinheiro disponível entre os pobres e, em seguida, os apresentou às autoridades alegando serem eles o único e verdadeiro tesouro da Igreja.¹³⁰ Para Norbert Brox, “a Igreja antiga [...] sempre providenciou conscientemente que houvesse diaconia”¹³¹.

Tertuliano narra que os cristãos davam dinheiro aos pobres para seu sustento e até para enterrar os seus mortos, assistiam os órfãos, as viúvas e os anciões que não tinham as provisões de sua “aposentadoria”. Enfim, assistiam a todos que, pela miséria, caíam em necessidade. O Sacerdote e Bispo de Constantinopla, João Crisóstomo (407 d.C.), diante dos problemas sociais que assolavam a cidade, se viu diante da conseqüente obrigação da Igreja, organizou uma redistribuição dos bens entre os cristãos. O feito foi tão impactante a ponto de não haver mais pobres entre eles. Essa ousadia e certeza de compromisso de João Crisóstomo levou à sociedade alternativas reais de se exercer diaconia. Para ele, “Deus é enaltecido não apenas por doutrina correta, mas também por uma vida cristã de primeira grandeza”.¹³² Diaconia e ortodoxia caminham juntas. Bento XVI também resgatou essa percepção quando escreveu que:

A beleza da ‘loucura’ do amor experimentado nas comunidades primitivas é o compromisso da radicalidade do amor de Deus e é dever de todos, de cada fiel, também

¹²⁷ LUIGI, Piadovese. *Introdução à teologia patrística*. Tradução de Orlando Soares Moreira. 2. ed., São Paulo: Loyola, 2004, p. 142.

¹²⁸ DIDAQUÉ. *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. 17. ed., São Paulo: Paulus, 2010, n. 5.

¹²⁹ BENTO XVI, 2005, n. 22.

¹³⁰ BENTO XVI, 2005, n. 23.

¹³¹ BROX, 1988, p. 45.

¹³² BROX, 1988, p. 46

compromisso eclesial e de maneira que se atinja a todos os níveis da Igreja, desde a comunidade local até a Igreja universal¹³³.

Da mesma maneira entendeu o tema Dietrich Bonhoeffer¹³⁴, quando afirmou que “a Igreja somente é Igreja enquanto ela existir para os outros”. Desde os primeiros séculos a Igreja se encontrava aberta para o outro, existia para o outro, especialmente para os necessitados (pobres e marginalizados).¹³⁵ Das comunidades primitivas surgiram relatos que descrevem *ágapes*: eram as refeições comunitárias, que também incluíam a celebração da Ceia do Senhor. Seu objetivo era saciar a fome dos mais fragilizados. Os membros da comunidade colocavam em comum seus alimentos, traziam conjuntamente outros bens para oferecer na partilha e, quem pudesse, mais trazia mais. Na oportunidade eram joeirados dos demais alimentos o pão e o fruto da videira, que seriam dados em ação de graças na celebração da Ceia do Senhor. *Ágapes* contemplavam além dos irmãos famintos, os viajantes e os peregrinos, que contavam com o apoio da comunidade - a hospitalidade e o acolhimento.¹³⁶ Essa prática era muito comum entre os cristãos: abriam suas casas e recebiam seus hóspedes que, ao seguir sua viagem, deveriam receber da comunidade provisões até a próxima parada. Caso o viajante se instalasse na cidade, recebia o apoio dos cristãos para encontrar um trabalho e prover seu próprio sustento.¹³⁷

A diaconia da Igreja primitiva se demonstrava organizada. Os *collegia fossorum*, “eram os grupos de pessoas encarregadas da sepultura dos irmãos defuntos”.¹³⁸ Depois da metade do séc. III, surgiram os *asceterie*, que cuidavam das celebrações exequiais. A eles se juntaram os *parabolanos* e os *lecticarii*, dedicados particularmente aos cuidados dos doentes.¹³⁹ Das viúvas assistidas, dentre elas eram escolhidas algumas que, dentro de estabelecidos critérios da comunidade, assumiam certas funções. Desde o século II, elas ficaram incumbidas de receber as ofertas dominicais como provisão dos pobres. O cargo dessas viúvas foi sucedido pelo cargo das

¹³³ BENTO XVI, 2005, n. 20.

¹³⁴ BONHOEFFER, Dietrich apud FUCHS, Ottmar. Iglesia para los demás. *Concilium*, Petropolis, v. 24, n. 218, p. 53, 1988.

¹³⁵ Cf. ABESAMIS, Carlos H. Uma boa notícia para os pobres. *Concilium*, Petropolis, v. 24, n. 218, p. 444-452, 1988. Para Carlos H. Abesamis, Jesus se preocupou também com os não-pobres, que seriam os marginalizados; citando: os cobradores de impostos, leprosos, crianças, mulheres, possessos, pecadores e os doentes. Esses sofriam diversas formas de marginalização: cultural, psicológica e religiosa. Jesus tinha especial carinho com todo aquele que estivesse sofrendo, oprimido ou marginalizado. Porém, nem todo marginalizado é pobre.

¹³⁶ RIEFF, 2003, p. 50.

¹³⁷ RIEFF, 2003, p. 54-55.

¹³⁸ PERLASCA, Alberto. *Il concetto di bene ecclesiastico*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1997, p. 295.

¹³⁹ PERLASCA, 1997, p. 296.

virgens.¹⁴⁰ Das provisões, o Bispo tinha um caixa para administrar e distribuir os bens necessários, as economias se davam ainda por ofertas e pelo dinheiro “poupado” dos dias de jejum. Já na Igreja imperial, desde o século IV, os Bispos instituíram organizações de serviço aos pobres. Basílio organizou um povoado no qual pode colocar os doentes, os pobres e os estrangeiros. Dessa forma, também surgiram os hospícios e os hospitais, mantidos por doações. Foi nesse processo de serviço ao outro que se tornaram conhecidos os trabalhos dos antigos monges, que se empenharam nos “projetos” sociais da Igreja.¹⁴¹

No decurso da história dos primeiros séculos, a Igreja demonstrou exemplos impressionantes de amor cristão ao próximo¹⁴², e que sua natureza íntima se manifesta em três deveres: a mesa da Palavra (o anúncio), a mesa da Ação de Graças (celebrações dos sacramentos, liturgia) e a Diaconia (o serviço da caridade). Três aspectos que se reclamam mutuamente e que se realizam na exigência do dever da própria Igreja enquanto família de Deus no mundo: que nenhum membro sofra porque passa necessidade.¹⁴³

Na continuidade desse caminho histórico, a próxima abordagem desta dissertação contemplou os aspectos da Igreja do cuidado no mundo medieval, período que se estende do século V ao século XVI.

2.5 Aspectos da Igreja do cuidado no mundo Medieval

Para a compreensão da necessidade da prática da ação social da Igreja no mundo Medieval, é necessário identificar as realidades do mundo oriental e de forma mais acentuada do ocidental. Sobretudo, essa distinção é necessária nos séculos finais da alta Idade Média e no percurso da baixa Idade Média. É oportuno avaliar, mesmo que através de alguns *insights* (reconhecendo, a profunda e imensurável realidade da problemática), a conjuntura socioeconômica instaurada em cada fase desse processo histórico. Interessou, dessa forma, conhecer o respaldo caritativo outorgado pela Igreja ao longo do milênio medieval.

No Oriente do mundo bizantino, ao final da Antiguidade no percurso transitório ao mundo medieval, o endividamento de pequenos agricultores os levou à escravidão e à migração para a cidade. Isso resultou no surgimento da mendicância, da prostituição e da delinquência, com um amontoado de pobres e marginalizados nas periferias da cidade. Com respeito a esses, o

¹⁴⁰ TRADIÇÃO APOSTÓLICA 64. 17. p. 57 apud RIEFF, 2003. p. 42. Virgens e viúvas estão juntas no jejum e nas orações. Tradição Apostólica 60.12, p. 56. Nas ágapes, antes do rito final do cálice, as virgens recitam salmos junto com “os meninos”.

¹⁴¹ BROX, 1988, p. 50.

¹⁴² BOFF, Clodovis; PIXLEY, Jorge. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 185.

¹⁴³ BENTO XVI, 2005, n. 25.

Estado se ocupava em dar trabalho aos válidos (com saúde e condições) e a livrar-se dos inválidos, com o propósito de “limpar” a cidade. Dos miseráveis sem esperança (inválidos), a Igreja os tomou sob seus cuidados. Um exemplo foi Zóticos que, contrariando a ordem imperial, construiu leprosários em Constantinopla. Com isso, foi martirizado, arrastado e despedaçado. Mas, devido ao seu testemunho, recebeu o título de “nutridor dos pobres”.¹⁴⁴

A realidade do mundo ocidental já era contrária à do Oriente: os problemas se manifestavam na área rural por se tratarem de lavradores mantidos dependentes do feudo sob um austero juramento. O exemplo de assistência aos lavradores é o de S. Cyran, que no século VII se fez pobre e passou a viver e trabalhar entre eles os pobres. Já nos séculos IX e X, numerosas reuniões de Bispos se voltaram aos problemas sociais dos pobres (miseráveis), tendo em vista que nessa época já se fazia a distinção entre os indigentes (miseráveis) e os pobres (homens submetidos aos feudos). Os Bispos se entendiam como advogados e despenseiros desses indivíduos. Assim, a casa do Bispo era a casa dos pobres, como se firmou no Concílio de Mâcon (585): 1/4 dos bens eclesiástico deveriam ser dedicados aos pobres, a exemplo de Ambrósio e João Crisóstomo que, ao final da Antiguidade, haviam vendido bens preciosíssimos (mesmo objetos litúrgicos), em benefício dos menos favorecidos. Por volta do século XI, com um novo tipo de prelado, os abades chegaram a se desfazer dos bens necessários em favor dos necessitados numa profunda crise de fome.¹⁴⁵

Desde o século V, a dimensão do cuidado ganhou forma institucional com a fundação das chamadas matrículas, uma espécie de diaconia encarregada da manutenção dos pobres matriculados nas cidades episcopais. Essa assistência, com o tempo, se transformou nas hospedarias monacais. Foi do deslocamento da pobreza da cidade para o campo que surgiram nos mosteiros os grandes centros de assistência. Os mosteiros, com base nas regras de Bento de Núrsia, transformam a hospitalidade e o cuidado dos doentes em uma obrigação. A prática cresceu com grandes fundações hospitalares, que também começaram a se manifestar nas cidades, financiadas por pessoas de bem, valorizadas na vertente de que as boas obras contribuía com a salvação da alma. Desde o século IX começaram a surgir fraternidades leigas, unidas a irmandades e ordens de cavalaria que se dedicavam aos fragilizados.¹⁴⁶

No século XII irromperam os cônegos, clérigos seculares que passaram a criar e a restaurar as hospedarias ao longo das estradas, nas florestas e nas montanhas, pois os mosteiros já não eram suficientes para esse fim. O número de pobres aumentou naquele período, o que se

¹⁴⁴ BOFF; PIXLEY, 1987, p. 186.

¹⁴⁵ BOFF; PIXLEY, 1987, p. 186-192.

¹⁴⁶ GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: uma contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Paulo; Paulus, 2001, p. 40.

agravou pela situação das estruturas sociais, pelo desenvolvimento demográfico, urbano e monetário culminado nas calamidades naturais. Surgiu um tipo novo de necessitado, aquele excluído e associal, na figura das prostitutas, dos andarilhos, dos mendigos e dos delinquentes, dentre outros. Depois dos cônegos, surgiram grupos leigos que passaram a cuidar diretamente dos pobres, sem a intervenção delegada pelos clérigos ou pelos monges. Construíram pontes sobre os rios, fundaram confrarias de caridade (como os Hospitalários) e havia também a Ordem do Santo Espírito - que coordenava uma casa (confiada por Inocêncio III) de acolhimento às crianças abandonadas pelas mães. Ainda no mesmo período emergiu a ordem Redenção dos Cativos, que se trocavam em resgate de um prisioneiro - se preciso fosse. Todas essas ordens eram sustentadas a partir das esmolas.

No período dos Séculos XI e XII, houve destaque à atuação dos eremitas – indivíduos que procedem de classes ricas e se fazem como os pobres. Andam na companhia de agricultores, leprosos e prostitutas. Alguns dos eremitas que marcaram radicalmente a vida pelos pobres foram São Francisco de Assis e São Domingos Gusmão.¹⁴⁷ Francisco, de modo especialíssimo, nutria afeto e ternura para com os últimos homens, os leprosos. Passou a morar nos leprosários e cuidava das chagas desses indivíduos, os alimentava, se desdobrava em carinhos e os beijava. A ternura era tão grande com os pobres que se quer admitia pensar mal deles. Não admitia encontrar alguém mais pobre que ele: dava-lhe o manto, um pedaço do hábito ou até as próprias roupas. Francisco reproduzia e representava a vida de Cristo, e a estigmatização no monte Alverni revelou sua adequada configuração. O Cristo no pobre crucificado.¹⁴⁸ Quanto a Domingos de Gusmão, os pobres, órfãos e viúvas encontravam nele amparo e auxílio. Além de Domingos, seus dois irmãos morreram em odor de santidade. O primeiro foi Antônio de Gusmão, sacerdote que, distribuindo todos seus bens aos pobres, retirou-se a um hospital para servir os sofredores. Manes, o segundo, entrou depois para a ordem dominicana e se tornou um grande pregador e exemplar religioso.¹⁴⁹ Francisco e Domingos “proclamaram o valor humano do pobre e sua sacralização através do modelo de Cristo, em meio a uma sociedade onde o dinheiro tendia fortalecer os poderosos e desconsiderar aqueles que dele estavam privados”¹⁵⁰ e com isso foram importantes na obra da educação da consciência.

¹⁴⁷ BOFF; PIXLEY, 1987, p. 192-195.

¹⁴⁸ BOFF, Leonardo. *São Francisco de Assis: ternura e vigor*. Petrópolis: Vozes / CEFEPAL, 1981, p. 38-40.

¹⁴⁹ COLÉGIO SÃO DOMINGOS. *Quem foi São Domingos*. 2015. Disponível em: <http://colegiosaodomingos.com/index.php?option=com_content&view=article&id=26&Itemid=26>. Acesso em: 27 maio 2016.

¹⁵⁰ OLIVEIRA, Carla Michele Ribeiro de, SANTOS, Juliana de Jesus, SOUZA, Morgana Pimentel. *Os pobres na idade média*. [s.d.]. Disponível em: <http://linux.alfamaweb.com.br/sgw/downloads/142_110932._Os_PobresnaIdadeMedia.pdf>. Acesso em: 27, maio 2016.

No século XIII, já não havia mais a crise da fome ocorrida no século anterior. Todavia, existiam os trabalhadores explorados dos campos e das cidades, uma oposição entre mercadores e os pobres. Em meio aos conflitos, um frade menor anônimo declarou que a causa da pobreza era o egoísmo dos homens, pois o criador provia a todos do necessário – os homens deveriam repartir tudo igualmente. Também um dominicano fez a reflexão a respeito da exploração dos ricos sobre os pobres: afirmou que os ricos comiam os pobres - numa comparação ao Mar Vermelho, no qual os peixes maiores comiam os menores. Assim, a sociedade teria se tornado vermelha como o Mar Vermelho.¹⁵¹ Naquele século se multiplicaram as diferentes instituições de assistência: as esmolarias se generalizaram nos mosteiros, nas dioceses, nos canonicatos, na cúria papal e nas cortes principescas. Também as confrarias leigas mutualistas (de mútua ajuda) se abriram para os pobres. As coletas paroquiais ou mesa dos pobres se difundiram. Também os hospitais passaram a apresentar lugares exclusivos dos pobres. Na justiça, alguns estados instituíram o advogado dos pobres, e a Igreja ordenou que os Bispos pleiteassem somente as causas dos desvalidos. Vale ressaltar que, naquele momento, a esmola era dada em moeda e não mais *in natural*, o que facilitava a liberdade dos beneficiados e conferia maior amplitude de ajuda. Os mercadores se sentiam resgatados ao dar a esmola, pois firmavam-se no que se dizia: “a esmola cobre multidão de pecados e garante a salvação”.¹⁵²

Os meados do século XIV foram uma época marcada por muita dor, sofrimento e mortes na Europa. A peste bubônica, apelidada pelo povo de Peste Negra, matou cerca de 1/3 da população europeia. A doença mortal não escolhia vítimas: reis, príncipes, senhores feudais, artesãos, servos, padres.¹⁵³ Mas, ainda assim, 2/3 dos dizimados eram pobres. A solidariedade entre os desvalidos adquiriu formas variadas, sendo que os colonos se entreajudavam nos trabalhos dos campos. Em 1311 despontou em Ravena a associação dos pobres envergonhados, em Valência uma associação de cegos e partir dali emergiram muitos outros movimentos. Nesse processo de reorganização pós-epidêmica¹⁵⁴, a Igreja cumpriu papel fundamental, pois aos movimentos ela forneceu os “profetas” e os pregadores, que em geral fundiam o ensino a favor

¹⁵¹ BOFF; PIXLEY, 1987, p. 196.

¹⁵² BOFF; PIXLEY, 1987, p. 196-197.

¹⁵³ SUA PESQUISA.COM. *Peste Negra*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/idademedia/peste_negra.htm>. Acesso em: 27 mai. 2016.

¹⁵⁴ SUA PESQUISA.COM, s.d., *online*. Com a morte de boa parte dos servos, muitos senhores feudais aumentaram as obrigações, fazendo os camponeses trabalharem e pagarem impostos pelos que haviam morrido. Como a exploração sobre os servos já era exagerada, em muitos feudos, principalmente na França e Inglaterra, ocorreram revoltas camponesas. Estes, chegaram a invadir e saquear castelos, assassinando os senhores feudais e outros nobres. Os senhores feudais que conseguiram sobreviver não ficaram inertes aos movimentos de revolta. Organizaram exércitos fortes e combateram com violência as revoltas. Porém, em muitas regiões da Europa, os camponeses obtiveram conquistas importantes, conseguindo diminuir as obrigações servis.

dos pobres. A Igreja ainda abriu as portas de seus templos, mosteiros e conventos para que ali os pobres pudessem traçar caminhos de suas organizações.¹⁵⁵

Ao final da Idade Média deu-se o fim da influência exercida pelas Ordens Mendicantes, e a condição do pobre era a de trabalhador urbano ou rural.¹⁵⁶ Naquele período houve a separação clara entre a pobreza idealizada dos mendicantes e a indigência material dos pobres. Os mendicantes foram duramente criticados em todo o século XV, pois lhes era exigido que vivessem do trabalho e não das ofertas e das esmolas. São Bernardinho de Sena e Santo Antonino, este último arcebispo de Florença (1389-1459), ambos renovaram a reflexão sobre os novos problemas sociais e defenderam que a questão da pobreza deveria receber obrigação absoluta. Nesse pensamento, colocaram que a escola teria a justiça por base e persistiram na forma coletiva de socorro aos desvalidos. Com isso, esses dois nomes abriram o pensamento coletivo para as formas organizadas de caridade.¹⁵⁷ A essa altura, o Estado - em estágio de afirmação - começou a sustentar o trabalho da Igreja e das instituições privadas e assumiu a incumbência de se ocupar com os pobres. A partir de então as confrarias foram administradas pelos leigos, todavia, subsidiadas pela municipalidade. Do mesmo modo as mesas dos pobres foram administradas pelos leigos à frente da administração, ajudados e controlados pela Igreja e o Estado. Com a reforça dos hospitais não ocorreu situação diferente, pois o Estado passou a interferir na administração e, conseqüentemente, tomou para si parte ou toda a direção. O Estado passou a intervir de modo progressivo. Na sociedade, passou a ser entendido que a caridade se deve apenas aos que são incapazes¹⁵⁸ do trabalho.¹⁵⁹ Logo, o Estado passou a reprimir a mendicância.

Houve grande desempenho da Igreja durante todo o período Medieval. De resto e conforme acentuado, mundo ocidental houve o esforço de conscientizar sobre a importância devida e necessária aos necessitados. Foi por intermédio de vidas entregues ao amor ao próximo, instituições de caridade, homilias dos padres e entre outras diversas manifestações, que os pobres puderam ser assistidos. Os problemas nunca deixaram de existir e os desafios se multiplicaram, até mesmo em razão de que novos problemas se assomaram. Entretanto, não se deve constatar qualquer fracasso¹⁶⁰, muito pelo contrário: a condição atual evidencia, no percurso histórico, que a

¹⁵⁵ BOFF; PIXLEY, 1987, 1987, p. 200-202.

¹⁵⁶ OLIVEIRA, SANTOS, SOUZA, [s.d.], *online*.

¹⁵⁷ BOFF; PIXLEY, 1987, p. 206.

¹⁵⁸ Cf. BOFF; PIXLEY, 1987, p. 212. Para Clodovis Boff e Jorge Pixley é de se espantar que ainda hoje há quem continue privilegiando as obras de assistência, e a esmola [entende-se o assistencialismo] - coisas que já se mostram superadas na Idade média.

¹⁵⁹ BOFF; PIXLEY, 1987, p. 206 - 208.

¹⁶⁰ BOFF; PIXLEY, 1987, p. 208.

preocupação da Igreja pelos pobres sempre foi constante. Para a Igreja, enquanto houver pobres e marginalizados, também haverá a caridade (obras de misericórdia).¹⁶¹

Ao final do período Medieval ocorreram mudanças consideráveis quanto à maneira da sociedade entender caridade. Com a intervenção do Estado e sua reivindicação da responsabilidade sobre os pobres, surgiu um novo cenário na dimensão do cuidado e da prática social na vida da Igreja no período tratado na sequência nesta pesquisa.

2.6 A Igreja das ações solidárias: perspectivas da Modernidade e Pós-Modernidade

Como em todos os demais períodos da história da Igreja, na Modernidade também despontaram homens e mulheres voltados à causa dos pobres. Alguns exemplos são Vicente de Paulo, Dom Bosco e Madre Teresa de Calcutá. Junto a essa fileira de exemplos, existiram muitos outros, homens e mulheres, que não se cansaram de dedicar suas vidas aos pobres e marginalizados. Porém, o que realmente chama a atenção na Modernidade e na Pós-Modernidade é a postura oficial da Igreja que, desde o século XIX, passou a lançar o olhar à chamada questão social (Doutrina Social da Igreja), dedicando-se integralmente à elaboração de documentos orientados a iluminar o caminho a ser percorrido. Sobre esses documentos que, após um breve comentário sobre a vida dos três personagens citados no início deste parágrafo, será feita uma discussão desde a *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII, publicada em 15 de maio de 1891 (que aborda a precária situação dos operários na emergente industrialização)¹⁶² até a *Laudato si*, do atual Papa Francisco, publicada em 18 de junho de 2015, na Solenidade de Pentecostes, que trata do cuidado de nossa casa¹⁶³ comum.¹⁶⁴

¹⁶¹ Cf. SPANNEUT, Michel. *O padres da Igreja: séculos IV-VIII*. Tradução João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 2002, p. 219. Na virada do século V, Santo Agostinho alertou para o risco do prevailecimento da caridade, e com isso argumentou: dar pão a quem passa fome, vestir a quem está nu, melhor se não passasse fome e se não estivesse nu. Sepultar os mortos, antes a paz já pudesse reinar como a nova Jerusalém, onde ninguém mais morrerá. Todos esses serviços, com efeito correspondem a necessidades. É só acabar com os infelizes que cessarão todas as obras de misericórdia. Acaso isso aconteça, o ardor da caridade se extinguirá? Mais autêntico seria o amor que dedica a uma pessoa feliz, que não tem nada a fazer com o teu presente, seria um amor sincero. Porque ao prestar uma ajuda ao infeliz, pode ser que estejas querendo elevar-se às custas dele, só porque destes parte de teus bens julgas ser melhor que ele, deves desejar que sejas um igual a ele. Deste modo ficarei tanto como o outro, sob a dependência daquele ao qual nada se pode dar.

¹⁶² CURSO DE TEOLOGIA PASTORAL. *Doutrina social da Igreja*. [s.d.]. Disponível em: < https://docs.google.com/document/d/1ToVdsas3bUBkmMhwmp1IE-bZhMok8_MXV7riwAFITY/edit?hl=en&pref=2&pli=1>. Acesso em: 13 jun. 2016.

¹⁶³ ALMEIDA, João Carlos. *Papa Francisco lança o 12º documento social da Igreja*. 2015. Disponível em: <<https://blog.cancaonova.com/padrejoaozinho/2015/06/18/papa-francisco-lanca-o-12a-documento-social-da-igreja/>>. Acesso em: 20 jun. 2016. O título faz referência ao poema “Cântico das criaturas”, atribuído a São Francisco de Assis (1224).

¹⁶⁴ ALMEIDA, 2015, *online*.

Vicente de Paulo, no século XVII, surgiu na França como um forte articulador das questões sociais e das ações solidárias. Foi fundador de hospitais e da sociedade missionária de sacerdotes. Por intermédio desta, em Marseille e Paris, foram construídas casas de saúde para presos, e em Túnis e Argélia, hospitais para escravos. A sociedade missionária, também chamada de “lazaristas”, comprava a alforria de centenas de escravos e se dedicava à formação de moças para os cuidados de assistência a doentes. Foi nesse contexto que irrompeu a irmandade das irmãs da caridade que, por necessidade, mais tarde passaram também a cuidar das crianças abandonadas de rua. O contexto de Vicente de Paulo foi a Guerra dos trinta anos¹⁶⁵, por isso, a situação de grande miséria e um número exorbitante de mendigos – situações que o levaram a fundar o hospital geral que abrigou milhares de mendigos. Em meio à guerra, criou-se a refeição popular e sua sopa econômica (receita do próprio Vicente)¹⁶⁶, que salvou muitas vidas.¹⁶⁷

Dom Bosco (1815-1888) foi o fundador da Sociedade dos Salesianos, com objetivo da educação religiosa dos jovens. Seu magistério pedagógico se revelou em Turim no século XIX, quando estava prestes a surgir a notável e acentuada industrialização. Os jovens desenraizados dos campos ou mesmo o emergente proletariado urbano formaram o primeiro objetivo sacerdotal de João Bosco – que foi considerado o inventor do sistema pedagógico preventivo, em oposição ao repressivo, para a educação dos jovens e o oratório foi a primeira forma à qual se entregou para a obtenção dessa educação, que se apresentou como forma original de agregação, lazer, atividades culturais e teatro.¹⁶⁸

Madre Teresa de Calcutá nasceu no dia 27 de agosto de 1910, em Skopje, na Albânia. O ano de 1946 está marcado na história das Missionárias da Caridade como fundação por Madre Teresa dessa congregação. Durante uma viagem de trem ao noviciado do Himalaia, a Madre se deparou com um irmão pobre de rua, que lhe disse: “tenho sede! ”. A partir disso ela passou a dedicar toda sua vida aos mais pobres dos pobres. Começou por reunir um grupo de cinco crianças num bairro pobre de Calcutá, com as quais iniciou o ensino. Numa escola improvisada, pouco a pouco, o grupo foi crescendo. No ano de 1979 recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Com uma

¹⁶⁵ SÓ HISTÓRIA. *Guerra dos trinta anos*. 2017. <<http://www.sohistoria.com.br/ef2/trintaanos/>>. Acesso em: 13 jun. 2016. Recebe o nome de Guerra dos Trinta Anos uma série de guerras e conflitos que diversas nações europeias travaram entre si a partir de 1618, principalmente na Alemanha, motivados por rivalidades religiosas, dinásticas, territoriais e comerciais.

¹⁶⁶ VONHOFF, Heinz; HOFMANN, Hans-Joachim. *Samariter der Menschheit: Christliche Berherzigkeit in Geschichte und Gegenwart*. München: Claudius-Verlag, 1977, p. 80-83 (Tradução de Rodolfo Gaede Neto). Numa grande panela, cozinha-se uma sopa com 12,5 quilos de pão em pedaços, 7/4 de gordura, 4 litros de grãos, verduras, sal e 5 baldes de água.

¹⁶⁷ VONHOFF; HOFMANN, 1977. p. 80-83.

¹⁶⁸ SECONDIN, Bruno. Espiritualidade. In: SECONDIN, Bruno; GOFFI, Tullo (Orgs.). Curso de espiritualidade: experiência, sistemática, projeções. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 187-188.

vida inteira de amor e de doação aos excluídos e abandonados, foi reconhecida e admirada por líderes do mundo inteiro.

A questão social naquele período adquiriu uma nova visão: diante da enorme exigência, das implicações e dos desafios da contemporaneidade, surgiu a dinâmica da recriação da dimensão sócio-política da Boa Nova de Jesus Cristo. Nasceu o que atualmente é conhecida por Doutrina Social da Igreja (DSI). Como explicou Secondin:

A expressão Doutrina Social da Igreja designa o conjunto de escritos, mensagens, cartas, encíclicas, exortações, pronunciamentos, declarações, que compõem o pensamento do Magistério Católico a respeito da chamada questão social.¹⁶⁹

A Doutrina Social da Igreja, ou DSI, teve início com a publicação da *Rerum Novarum*. Embora o marco oficial da DSI seja a publicação desse preciosíssimo documento, não significa que a Igreja nunca tenha tratado das questões dos pobres em seus documentos. Na própria introdução da *Rerum Novarum*, o Papa Leão XIII se referiu às abordagens do tema feitas em encíclicas anteriores sobre soberania política, liberdade humana e constituição cristã dos Estados, publicadas respectivamente nos anos de 1831, 1885 e 1888. Todavia, essas questões até aquele momento surgiram de forma secundária.¹⁷⁰

O contexto da *Rerum Novarum* foi de uma sociedade profundamente transformada pela industrialização. Os problemas afligiam os trabalhadores da época e o poder das máquinas havia multiplicado em muito a capacidade de produzir bens. No entanto, os tempos modernos chegaram com um enorme potencial produtivo e, igualmente, uma assustadora e crescente desigualdade social. Nasceu o sistema dominante capitalista de produção, sob a orientação liberal (o lucro é o motor da economia). Na força de interesses diferenciados entre patrões e operários, os mais fortes foram devorando os mais fracos, a riqueza de poucos se tornou a contraface da pobreza de muitos. Do final do século XIX ao início do século XX, houve destaque à maximização do lucro, à exploração do trabalho, às precárias condições de habitação e de salubridade, ao uso indiscriminado da mão-de-obra infantil e feminina, aos baixos salários, às longas e penosas jornadas de trabalho e aos deslocamentos de massa. Emergiram os movimentos integralistas e os regimes totalitários - com Hitler na Alemanha, Mussolini na Itália, Stálin na União Soviética, Franco na Espanha e Salazar em Portugal.

¹⁶⁹ DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA. *A João Paulo II, Mestre da Doutrina Social, Testemunha Evangélica de Justiça e de Paz: Compêndio da doutrina social da Igreja*. 2004. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compêndio-dott-soc_po.html>. Acesso em: 10 mai 2016.

¹⁷⁰ DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA, 2004, *online*.

Pio XI, em comemoração aos 40 anos da *Rerum Novarum*, lançou a *Quadragesimo Annus* (1931), e fez o alerta para os perigos do poder absoluto do Estado. Contudo, ao mesmo tempo em que a Igreja buscava a defesa dos cidadãos, eclodiu a Segunda Guerra Mundial, com o saldo de milhões de mortos e um trágico desfecho do totalitarismo. Dos meados dos anos 1940 ao final da guerra, ficaram os registros de feridas profundas, jamais cicatrizadas, dos genocídios, da violência, dos escombros e do pânico. Após o desastroso desfecho do conflito, os países centrais trataram de consolidar a democracia e os direitos humanos, mas o grande dilema ainda era: como estender os benefícios do progresso às regiões mais pobres do planeta? Como equilibrar desenvolvimento econômico e desenvolvimento social? Na tentativa de respostas a essas indagações foram lançadas duas encíclicas: uma em 1961, a *Mater et Magistra*, que revela a sensibilidade viva para com os novos problemas da sociedade moderna e, em 1963, a *Pacem in Terris*, que apontou a necessidade de um compromisso em conjunto para a construção da paz mundial. Ambas foram oriundas do Papa João XXIII que, com sua sensibilidade, conclamou a Igreja para uma renovação profunda - cujo marco foi a abertura do Concílio Vaticano II (1962-1965). Enquanto isso, o mundo vivia às sombras do medo de uma nova guerra mundial, com a chamada Guerra Fria. Com a aceleração da corrida armamentista e a Guerra Fria entre os dois blocos mais poderosos do planeta (de um lado os EUA e do outro a União Soviética), temia-se se pelo fim da vida em suas diversas formas.¹⁷¹

Dos documentos conciliares do ponto de vista social, ganhou relevância a *Gaudium et Spes*. O documento abriu novos enfoques e ensinamentos para a DSI, quando reconheceu os avanços e os benefícios do progresso – mas foi incisivo em apontar os seus estrangulamentos e incongruências. Imediatamente após o Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI, em reflexão sobre a aprofunda desigualdade que dividia as nações, lançou seus escritos sociais, dentre os quais a encíclica *Populorum Progressio* (1967), a carta apostólica *Octogesima Adveniens* (1971) e a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975).

O período entre a década de 1970 até os dias atuais foi marcado pela crise estrutural do neoliberalismo e pela economia cada vez mais globalizada. João Paulo II, com as encíclicas *Laborem Exercens* (1981), *Sollicitudo Rei Socialis* (1987) e *Centesimus Annus* (1991) abordou e denunciou os males dos novos tempos. Nessa conjuntura, irromperam as polêmicas em torno do pós-modernismo. Uma verdadeira transformação cultural aconteceu e acontece, em uma época pontuada por profundas transformações. O clima de descrença e a instabilidade na economia e no mercado mundial se estende também ao campo da política e da sociedade em geral. Ressurgiram

¹⁷¹ DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA, 2004, *online*.

as questões do endividamento externo e interno, do desenvolvimento desigual, do neocolonialismo, da contaminação e da depredação da natureza e a nova corrida armamentista. Todos são temas que foram discutidos fortemente na carta apostólica *Tertio Millennio Adveniente* (1994), na exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America* e, por fim, na carta apostólica *Novo Millennio Ineunte* (2001).¹⁷²

Houve um esforço pela sistematização da DSI e, então, em 2004, foi lançado o “Compêndio da Doutrina Social da Igreja”. Em 29 de junho de 2009, o Papa Bento XVI lançou a Carta encíclica *Caritas in Veritate*, na qual afirmou que a caridade é a via mestra da DSI, e que dá a verdadeira substância à relação pessoal com Deus e com o próximo.¹⁷³

Por fim, a *Laudato si* do Papa Francisco acenou para o urgente desafio da proteção da casa comum, o planeta Terra, em busca de um desenvolvimento sustentável e integral. Nela, foi unida a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta; a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo; a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia; o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso; o valor próprio de cada criatura; o sentido humano da ecologia e a grave responsabilidade da política internacional e local na cultura do descarte. Concluiu Francisco com a proposta de um novo estilo de vida: a encíclica lembra que, enquanto buscamos o céu, cuidamos da Terra.¹⁷⁴

Na América Latina e no Caribe ocorreram ecos aos documentos conclusivos dos encontros da CELAM, com maior expressividade em Medellín (Colômbia, 1968), Puebla (México, 1979), Santo Domingo (República Dominicana, 1992) e Aparecida (Brasil, 2007).¹⁷⁵ O núcleo central das intervenções dos Bispos latino-americanos foi a opção pelos pobres, com vistas a fortalecer as ações pastorais para a erradicação da pobreza. No Brasil, entre as riquezas de muitos documentos, tiveram destaque as diretrizes da CNBB com os documentos 54, 61 e 71. O primeiro destaca os desafios na vida do católico na atualidade e lembra o devastador e humilhante flagelo da situação de pobreza em que milhões de brasileiros se encontram. O segundo enfatiza a prioridade social que se faz necessária e exige serviço e solidariedade. Convoca os cristãos à melhor articulação entre fé e vida, fé e história e fé e transformação social. Por fim, o terceiro documento apresenta como objetivo geral a evangelização, proclamada no caminho de santidade

¹⁷² DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA, 2004, *online*.

¹⁷³ VATICANO. *Caritas in veritate*. n. 2, 2009. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html>. Acesso em: 20 jun. 2016.

¹⁷⁴ ALMEIDA, 2015, *online*.

¹⁷⁵ UNIVERSO VOZES. *Documentos do Conselho Episcopal Latino-Americano*. 2010. Disponível em: <<http://universovozes.com.br/editoravozes/web/view/BlogDaCatequese/index.php/documentos-do-conselho-episcopal-latino-americano-celam/>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

por meio do serviço, diálogo, anúncio e testemunho de comunhão à luz da evangélica opção pelos pobres, na construção de uma sociedade mais justa e solidária.¹⁷⁶

Há uma gama de documentos organizados sistematicamente, que nesta dissertação foram sistematizados no intuito de dar pistas e elaborar uma leitura contextualizada a partir das provocações de sua discussão. O diálogo e as discussões apontaram os caminhos aos apelos presentes e exigentes quanto à realidade social de todo o planeta. Não se trata de verdades absolutas e nem de receitas prontas, mas de diretrizes a partir das quais a sociedade possa se valer e os cristãos possam dar respostas evangélicas na construção do Reino de Deus, em favor da vida.

2.7 Síntese

O notável legado da dimensão do cuidado em todo o percurso histórico da era cristã é com certeza significativo, e esse aspecto central da fé cristã necessita ser reinterpretado - para que sua proposta esteja em condições de atingir toda a realidade contemporânea. Na comunhão dos santos ao longo de todo o movimento histórico, foram desenvolvidas diversas frentes em relação às realidades da dimensão do cuidado. Há uma manifestação do cuidado que caracteriza a Igreja e as diversas ações realizadas pelos cristãos, as quais culminaram diretamente na vida de quem mais precisa, os pobres.

É a partir desse pressuposto e riquíssimo caminho que a Igreja continua a manifestar-se. Sua ação se encontra na prática de cada cristão. Sobre essa atuação cristã que, no próximo capítulo, foi aprofundada a continuidade da compreensão do que é o cuidado nas ações exercidas pelos grupos de pessoas pertencentes à Igreja Local de Campo Grande, MS. No foco mais direto foram posicionadas as Novas Comunidades, a partir da sua compreensão enquanto Igreja povo de Deus e análise de sua dinâmica pastoral, em busca de identificar como se dá a manifestação do cuidado na sua missão.

¹⁷⁶ COSTA, Genion Bezerra da. *A recepção da pós-modernidade: Análise das diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil de 1996 a 2006*. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2008, p. 53-55.

3 NOVAS COMUNIDADES: PERSPECTIVAS PASTORAIS DO CUIDADO NA ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE, MS

3.1 Introdução

Este capítulo contém a abordagem sucinta à compreensão do que é a Igreja Particular em sua dimensão Universal. Para tanto, foi pautado brevemente um caminho histórico da expansão das primeiras comunidades cristãs e sua percepção enquanto Igreja local. Na sequência, foi tratada a realidade histórica e pastoral da Igreja Particular de Campo Grande, MS. Por fim, foi trazida à discussão breve a manifestação do cuidado dentro da ação pastoral diocesana e, conseqüentemente, sua manifestação pelas Novas Comunidades.

3.2 Igreja Particular: uma porção do povo de Deus

Todos os temas da eclesiologia não foram abordados nesta etapa, pois um tratado dessa natureza se tornaria por demais amplo. O objetivo desta parte da pesquisa é a apresentação de breves conceitos, fundamentalmente a partir dos documentos e com particular atenção ao Código de Direito Canônico da Igreja Católica Apostólica Romana. A pretensão adotada foi a da oferta de uma compreensão sucinta de como é a Igreja em sua estrutura e como se organiza enquanto *Ecclésia* Particular e Universal. Coube, dessa forma, buscar a percepção da comunhão exercida pela *Ecclésia* Particular ou Local em sua totalidade - enquanto imagem da *Ecclésia* Universal.

Para Trevizam¹⁷⁷, “a palavra latina *Ecclésia* (Igreja) significa convocação. Tem uma origem na palavra grega *ekklésia*, do grego *ekkaléin*, chamar fora. *Ekklésia* foi o termo grego utilizado para traduzir o vocábulo hebraico *qähäl* (Assembleia)”.

Na direção histórica do termo utilizado, houve importantes e diferentes períodos no processo de formação de uma real significação. Ainda no Antigo Testamento, o povo de Deus se reunia em assembleia (*qähäl*) “[...] para escutar a palavra de Deus” (Josué 4,1). Na assembleia do Sinai, a Igreja teve seu germe mais antigo dentro do projeto de salvação¹⁷⁸ - que pode ser interpretado a partir do evento da Revelação de Deus na pessoa de Jesus Cristo:

¹⁷⁷ TREVIZAM, Márcio Bogaz. *Igreja Povo de Deus*. Campo Grande: Editora UCDB, 2014, p. 60.

¹⁷⁸ RATZINGER, Joseph. *O novo povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1974, n.p.

O Senhor Jesus iniciou a sua Igreja pregando a Boa Nova, [...] o advento do Reino de Deus prometido nas Escrituras havia séculos. Para cumprir a vontade do Pai, Cristo, inaugurou o Reino dos Céus na Terra. A Igreja é o Reino de Cristo já misteriosamente presente. Este Reino manifesta-se lucidamente aos homens na palavra, nas obras e na presença de Cristo. [...] O germe e o começo do Reino são o pequeno rebanho (Lc. 12,32) dos que Jesus veio convocar em torno de si, dos quais ele mesmo é o pastor. Eles constituem a verdadeira família de Jesus. Aos que assim reuniu em torno dele, ensinou uma maneira de agir nova e também uma oração própria. O Senhor Jesus dotou sua comunidade de uma estrutura que permanecerá até a plena consumação do Reino, [...]. Por meio de todos esses atos, Cristo prepara e constrói sua Igreja¹⁷⁹.

Segundo Penna¹⁸⁰, “a Igreja começou a existir toda e somente em Jerusalém a partir dos fatos do ‘terceiro dia’, todavia, este único tronco se ramificou e se reproduziu em outras regiões da área mediterrânea sem pretender uma função centralizadora”. Uma das narrativas encontrada em Atos dos Apóstolos (Atos 11,19-26) revela essa ramificação a partir da constatação de que o número de seguidores e seguidoras de Cristo era crescente: da comunidade da Palestina, centralizada em Jerusalém, rapidamente eles se espalharam e fizeram surgir a Igreja de Cristo em Samaria, Antióquia, Tessalônica, Corinto, Roma e em diversos outros lugares. Logo, a Igreja em seu início foi marcada por uma história de Igrejas individuais.¹⁸¹

Naquele período inicial não era possível identificar o emprego do termo Igreja Universal, Particular ou Local. Esse uso foi registrado a partir do período da patrística, com as experiências de um cristianismo em propagação, mas que permanecia em comunicação – mesmo diante da multiplicação de Igrejas. Os Santos Padres passam então a compreender a Igreja como mistério e comunhão. Mais tarde, surgiu a distinção entre Igreja do Ocidente e do Oriente.¹⁸²

Para Mondini¹⁸³, existe uma “[...] pluralidade de Igrejas nas quais se manifesta a única Igreja” e a realidade expansiva da Igreja fundada por Cristo desemboca nos tempos atuais. Por meio do Concílio Vaticano II e da constituição dogmática *Lumen Gentium*, as Igrejas particulares - através dos seus bispos - se apresentam como “[...] princípio e fundamento visível da unidade, formadas à imagem da Igreja Universal, das quais e pelas quais existe a Igreja Católica, una e única”.¹⁸⁴ Segundo o Código do Direito Canônico:

¹⁷⁹ JOÃO PAULO II, 2002, n. 763.

¹⁸⁰ SANTOS NETO, Mozarte Nunes de Andrade. *Será que os novos movimentos e comunidades eclesiais são expressão da Igreja local?* 2012. Disponível em: < http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo_2012/relatorios_pdf/ctch/TEO/TEO-Mozart%20Nunes%20de%20Andrade%20Santos%20Neto.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2017.

¹⁸¹ SANTOS NETO, 2012, *online*.

¹⁸² PEREIRA, José Donisete. *Direito canônico: Matrimônio, Lugares, Templos e Bens*. Campo Grande: UCDB, 2016. p. 53.

¹⁸³ MONDINI, Battista. *As novas eclesiologias*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 211.

¹⁸⁴ CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. *Sobre a Igreja*. [s.d.]. Disponível em: < http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 11 nov. 2015, n. 23.

As Igrejas Particulares, nas quais e das quais se constitui a una e única Igreja católica, são primeiramente as dioceses, às quais se equiparam, não constando o contrário, a prelaia territorial, a abadia territorial, o vicariato apostólico, a prefeitura apostólica e a administração apostólica estavelmente erigida.¹⁸⁵

Diante do exposto acima, com base no cânon 368, foi delineada a expressão Igreja Particular. Todavia, o cânon seguinte reafirma o que foi declarado e adiciona um elemento de suma importância para o entendimento exato sobre o que é a Igreja Particular:

A diocese é uma porção do povo de Deus confiada ao pastoreio do Bispo com a cooperação do Presbitério, de modo tal que, unindo-se ela a seu Pastor e, pelo Evangelho e pela Eucaristia, reunida por ele no Espírito Santo, constitua uma Igreja particular, na qual está verdadeiramente presente e operante a Igreja de Cristo una, santa, católica e apostólica.¹⁸⁶

Na mesma concepção de Diocese, como porção do povo de Deus, estão as circunscrições eclesiais - consideradas Igrejas Particulares: “trata-se da *prelazia* territorial ou abadia territorial: é uma determinada porção do povo de Deus, compreendida em um território¹⁸⁷, confiada, por especiais circunstâncias”.¹⁸⁸ Existem ainda as “[...] Igrejas Particulares pessoais”¹⁸⁹, erigidas sem limitação territorial. Dessa forma, em um determinado território pode haver mais Igrejas Particulares - caso, por exemplo, do “ordinariado castrense ou militar”¹⁹⁰, da “*prelazia* pessoal”¹⁹¹ (erigida para a realização de obras pastorais ou missionárias peculiares) e dos “ordinariados latinos para fiéis de rito oriental”¹⁹² (destinados a fiéis católicos dos diversos ritos orientais).¹⁹³

Nessa linha, ganha importância o tratamento da organização particular supradiocesana – no exercício ministerial do bispado e da consciência de pertencer a um corpo indiviso, desempenhando na Diocese suas funções e também na mútua ajuda, cooperando com os irmãos no episcopado. Nessa mútua cooperação, tem destaque a promoção da ação pastoral comum entre os bispos diocesanos¹⁹⁴, organizados em “províncias”¹⁹⁵ e “regiões eclesiais”.¹⁹⁶ As

¹⁸⁵ CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO, 1997, cân. 368.

¹⁸⁶ CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO, 1997, cân. 369.

¹⁸⁷ CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO, 1997, cân. 371. Trata-se do “*vicariato* apostólico” e a “*prefeitura* apostólica”. São territórios de missão ainda não erigidos como dioceses (cân. 371 § 1). O mesmo cânon, §2, orienta a respeito da “*administração* apostólica”. Uma determinada porção do povo de Deus que, por circunstâncias especiais, não pode ser erigida como Diocese.

¹⁸⁸ CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO, 1997, cân. 370.

¹⁸⁹ CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO, 1997, cân. 372 §2.

¹⁹⁰ CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO, 1997, cân. 495 §2.

¹⁹¹ CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO, 1997, cân. 295 §1.

¹⁹² CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO, 1997, cân. 372 §2.

¹⁹³ PEREIRA, 2016, p. 56.

¹⁹⁴ PEREIRA, 2016, p. 59.

¹⁹⁵ CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO, 1997, cân. 431 §1.

províncias são as Dioceses vizinhas agrupadas territorialmente e delimitadas. As regiões eclesiais são um agrupamento de províncias eclesiais vizinhas. Ainda associado à organização particular supradiocesana, está o *metropolitano*, que é o “[...] bispo que preside uma província eclesial, e tem sob sua autoridade outros bispos. Os metropolitanos recebem o título de arcebispos”.¹⁹⁷ Por fim, existem as conferências episcopais que, no Brasil, são representadas pelo exemplo da CNBB. Conforme o Cânon 477, a conferência episcopal “é um organismo permanente, é a reunião dos bispos de uma nação, ou determinado território”¹⁹⁸.

Ainda que na distância de esgotar o assunto e mesmo do tratamento amplo e suas múltiplas facetas (aspectos peculiares), o conteúdo abordado até este ponto desta pesquisa permite ter a noção de como a Igreja se organiza, de sua comunhão episcopal e de sua unicidade na totalidade da porção do povo de Deus, a partir de suas respectivas Igrejas Particulares. No item seguinte foram relatados alguns aspectos históricos e organizacionais da Igreja Particular da Arquidiocese de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

3.3 A Igreja Particular de Campo Grande: breve contexto histórico

Campo Grande é a capital do estado de Mato Grosso do Sul, que é considerado ainda muito jovem. Até 1977, o estado fazia parte do território do Mato Grosso, com a capital em Cuiabá. A divisão aconteceu por razões socioeconômicas, culturais e políticas.¹⁹⁹ Campo Grande tem atualmente cerca de 843 mil habitantes e foi fundada em 1872, sendo “[...] elevada à categoria de município em 1918 (Lei 722, de 16/07/1918)”.²⁰⁰

A história da Igreja local é bastante ligada à própria história de fundação da cidade de Campo Grande. O pioneiro²⁰¹ José Antônio Pereira deixou a cidade de Monte Alegre, em Minas Gerais, em comitiva formada por sua família (2 filhos) e mais alguns companheiros, rumo ao Mato Grosso. Na viagem, um santo protetor acompanhava a comitiva de José Antônio Pereira. Em 1872, com posse sob a proteção de Santo Antônio – principal apoio espiritual da viagem bem-

¹⁹⁶ CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO, 1997, cân. 433 §1.

¹⁹⁷ PEREIRA, 2016, p. 60.

¹⁹⁸ CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO, 1997, cân. 447.

¹⁹⁹ ESTADOS E CAPITAIS DO BRASIL. *Mato Grosso do Sul*. 2017. Disponível em: <<http://www.estadosecapitaisdobrasil.com/estado/mato-grosso-do-sul/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

²⁰⁰ ARQUIDIOCESE DE GRANDE. *Um pouco de nossa história*. 2014. Disponível em: <<http://arquidiocesedecampogrande.org.br/um-pouco-de-nossa-historia/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

²⁰¹ CASTILHO, Maria Augusta de (Org). *Arquidiocese de Campo Grande: 50 anos de vida e missão*. Campo Grande: Abeu, 2008. p. 34-35, 132. Na obra, estão reportados os relatos de que, quando a comitiva chegou ao local, já havia indícios de presença humana. Encontraram uma pequena residência, que pertencia a um casal de moradores que sobrevivia da produção agrícola. A esse casal, João Nepomuceno Ferreira e Maria Abranches, caberia a primazia da fundação.

sucedida – quando a comitiva chegou ao local de destino, o batizou com o nome do santo. Ao raiar de novos tempos, foi criada a Vila de Santo Antônio²⁰² de Campo Grande.²⁰³

Em 1882, a Vila de Santo Antônio de Campo Grande recebeu a primeira visita de uma autoridade religiosa, Dom Carlos Luiz D'Amour, segundo Bispo da Diocese de Mato Grosso²⁰⁴, sediada em Cuiabá.²⁰⁵ O primeiro Bispo era D. José Antônio dos Reis. A Diocese de Cuiabá foi criada em 15 de julho de 1826 pela *Bula Sollicita Catholici Gregis Cura*, do Papa Leão XII.²⁰⁶ Depois daquela visita inicial - que contemplou Santo Antônio de Campo Grande e demais regiões do estado - devido à enorme expansão territorial, Dom Carlos encaminhou à Santa Sé o pedido de desmembramento da Diocese. Em 1910, por uma única Bula, foram criadas duas Dioceses pelo Papa Pio X: a de São Luís de Cáceres e a de Santa Cruz de Corumbá. Com isso, a comunidade de Campo Grande passou a pertencer à sede da Diocese de Corumbá.²⁰⁷

Segundo Figueiredo, em 1948, Dom Orlando Chaves - ao assumir a Diocese de Corumbá e após percorrer em visita pastoral todos os vilarejos pertencentes à Igreja Particular de Corumbá - percebeu a urgente necessidade de desmembrar a Diocese. Em 1950, o Bispo tomou as providências cabíveis e criou novas paróquias, bem como o seminário de Campo Grande e apresentou à Santa Sé o projeto das novas Dioceses. Em 1957, pela Bula *Inter Gravíssima*, do Papa Pio XII, foram criadas as Dioceses de Campo Grande e de Dourados, erigidas canonicamente em 24 e 25 de maio de 1958.²⁰⁸

O primeiro Bispo da Diocese de Campo Grande foi Dom Antônio Barbosa, que tomou posse no mesmo dia da solenidade da mais nova Diocese, 24 de maio de 1958, festa de Pentecostes. Dom Antônio permaneceu no posto até 1986. “Em 1978, Campo Grande foi elevada à categoria de Arquidiocese, pela *Bula Officci Nostris*”²⁰⁹.

“Em 03 de fevereiro de 1985, D. Vitório Pavanello tomou posse como Bispo coadjutor, e em 12 de dezembro como o segundo arcebispo metropolitano”.²¹⁰ Governou a Igreja de Campo Grande até 2011. Dentro do período de seu governo, contou com a presença do Bispo auxiliar

²⁰² AUGUSTA, 2008, p. 35. A partir da fonte citada, nesta dissertação foram identificados registros que apresentam o nome da Vila por: Santo Antônio de Campo Grande da Vacaria.

²⁰³ AMARAL, Arthur Jorge do. *Santo Antônio de Campo Grande*. 3. ed., Campo Grande, MS: UBE, 2011, p. 27-28.

²⁰⁴ AMARAL, 2011, p. 63-64.

²⁰⁵ AUGUSTA, 2008, p. 32. “A criação da paróquia Bom Jesus de Cuiabá, em 1720, pertence ao bispado do Rio de Janeiro e sua elevação a prelazia em 6 de dezembro de 1745, pela Bula Condor Lucis Aeternae, do Papa Bento XIV”.

²⁰⁶ AUGUSTA, 2008, p. 35.

²⁰⁷ FIGUEIREDO, Ubajara Paz de. *Centenário da Diocese de Corumbá*. 2010. Disponível em: <<http://www.revistamissoes.org.br/2010/04/centenario-da-diocese-de-corumba/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

²⁰⁸ FIGUEIREDO, 2008, *online*.

²⁰⁹ ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE, 2014, *online*.

²¹⁰ DIRETÓRIO DE PASTORAL. *Arquidiocese de Campo Grande*. Campo Grande: Gráfica e Editora Buzanello, 2007, p. 10.

Dom Eduardo Pinheiro da Silva, ordenado em 06 de maio de 2005 por Dom Vítório. Em junho daquele mesmo ano, assumiu seu ministério episcopal na arquidiocese.²¹¹

O atual Arcebispo metropolitano é Dom Dimas Lara Barbosa que, “[...] em agosto de 2003 foi ordenado Bispo. Atuou como secretário geral da CNBB de 2007 a 2011 e em julho de 2011 tomou posse como Arcebispo da Arquidiocese de Campo Grande”²¹². Tem como Bispo auxiliar Dom Janusz Marian Danecki – ou Dom Mariano, como é carinhosamente chamado por todas as pessoas – ordenado e empossado na manhã de sexta-feira, 01 de maio de 2015.²¹³

A Arquidiocese abrange, além do município de Campo Grande, o distrito de Anhandui e os municípios vizinhos de Bandeirantes, Corguinho, Jaraguari, Ribas do Rio Pardo, Rochedo, Sidrolândia e Terenos.²¹⁴ “A Arquidiocese integra a regional Oeste 1 da CNBB e são dioceses sufragâneas: Corumbá, Coxim, Dourados, Naviraí, Jardim e Três Lagoas”.²¹⁵ Encontra-se ainda em seu território uma Capelania Militar, subordinada à Arquidiocese Militar de Brasília.²¹⁶ Atualmente, a Arquidiocese de Campo Grande é formada por 45 paróquias, distribuídas e organizadas em seis sedes paroquiais.

Esse breve percurso histórico mostra que a Igreja Particular de Campo Grande, mesmo ainda jovem, desde seu nascimento trilha seu caminho com a força do Espírito Santo, sempre em estado de crescimento e de fortalecimento. Conhecidos os dados históricos dessa Diocese, na sequência desta dissertação foi feita a pauta da importância pastoral, como ela se apresenta e suas implicações na comunidade eclesial.

3.4 Implicações pastorais na dimensão do cuidado na comunidade diocesana

Não foi objetivo desta pesquisa investigar todos os temas da área pastoral, dado que são numerosos e abundantemente fartos. Contudo, em atenção à linha de pesquisa adotada – que tem o cuidado como centro – nesta etapa foi tratado de modo sucinto como ele se manifesta na comunidade diocesana de Campo Grande (MS). Antes do exame da pastoral diocesana, coube a indicação de alguns aspectos que apontam para a definição do que é a Teologia Pastoral que, *a*

²¹¹ AUGUSTA, 2008, p. 84-85.

²¹² ARQUIDIOCESE DE GRANDE. *Dom Dimas Lara Barbosa*. 2014. Disponível em: < <http://arquidiocesede campogrande.org.br/dom-dimas-lara-barbosa/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

²¹³ ARQUIDIOCESE DE GRANDE. *Dom Mariano é ordenado bispo auxiliar de Campo Grande*. 2015. Disponível em: < <http://arquidiocesedecampogrande.org.br/dom-mariano-e-ordenado-bispo-auxiliar-de-campo-grande/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

²¹⁴ DIRETÓRIO DE PASTORAL, 2007, art. 1º, capítulo 1.

²¹⁵ DIRETÓRIO DE PASTORAL, 2007, art. 2º, capítulo 1.

²¹⁶ DIRETÓRIO DE PASTORAL, 2007, art., § 2º.

priori, se ocupa com a reflexão sobre a ação da Igreja – acentuando pontos específicos dessa realidade que apoiam o entendimento da terminologia aqui adotada.

Nas últimas décadas, de acordo com a teóloga Andreatta²¹⁷, o universo protestante e o católico têm realizado um esforço no sentido de esclarecer o regulamento epistemológico da Teologia Pastoral e melhor precisar sua etimologia. Trata-se de uma área de produção de saber teológico, articulada com as diversas disciplinas teológicas e intimamente ligada a práxis. Na obra “Teologia Prática no contexto da América Latina”²¹⁸ o objeto da Teologia Prática foi definido como “[...] as ações das pessoas que professam a fé cristã em distintas Igrejas e na sociedade”. A Teologia Prática se referiria ao “[...] conjunto das disciplinas teológicas que buscam a avaliação crítica, a fundamentação teórica e o planejamento da prática cristã”.²¹⁹ Quanto ao termo Teologia Pastoral, trata-se da ação da Igreja.²²⁰

No esforço da busca e tentativa de melhor definição da Teologia Pastoral, Milhal Szentmártoni²²¹ interpretou que a Teologia Pastoral procura sua genuína substância. Contudo, definiu o termo como “[...] reflexão teológica sobre o conjunto das atividades com as quais a Igreja se realiza, [...] levando em consideração a natureza da Igreja, sua situação atual e a do mundo”.

Fruto do Concílio Vaticano II, a *Gaudium et Spes* é uma constituição pastoral que dirige sua atenção para o mundo moderno. Sob essa perspectiva a Igreja valoriza o esforço em acompanhar o contexto de transformação.²²² Para Spiazzi²²³, “a Teologia Pastoral é a ciência da cooperação ministerial da Igreja com o plano divino da salvação”. Nesse sentido, a *Gaudium et Spes* é o olhar atualizado do Bom Pastor que, ao percorrer as cidades e aldeias, encontrou as multidões cansadas e abatidas, e se moveu de compaixão por elas (Mateus 9,35-38).²²⁴

É sob esse prisma que a Igreja Particular de Campo Grande responde ao mandamento do amor ao próximo - tanto na ação quanto na reflexão - e se organiza para a sua realização²²⁵, pois “a Igreja não pode descurar o serviço da Caridade, igualmente não pode negligenciar os

²¹⁷ ANDREATTA, Cleusa. *Teologia Prática e Pastoral*. [ca 2017]. Disponível em: <<http://theologicalatino.americana.com/?cat=38>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

²¹⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT; ZETSCH, Roberto E. (Orgs.) *Teologia prática no contexto da América Latina*. 3. ed. Revista e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 16.

²¹⁹ SCHNEIDER-HARPPRECHT; ZWETSCH, 2011, p. 16.

²²⁰ LIBÂNIO, João Batista in SCHNEIDER-HARPPRECHT; ZWETSCH, 2011, p. 9.

²²¹ LORENZ, Fernando. *Teologia pastoral I: introdução, conjuntura eclesial e planejamento*. Campo Grande: Editora UCDB, 2016, p. 9.

²²² GONÇALVES, Alfredo J. *Concílio Vaticano II e Gaudium et Spes: a carta magna da pastoral social*. Adital Notícias da América Latina. 2012. Disponível em: <<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=65491>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

²²³ LORENZ, 2016, p. 9.

²²⁴ GONÇALVES, 2012, *online*.

²²⁵ DIRETÓRIO DE PASTORAL, 2007, p. 11.

Sacramentos nem a Palavra”.²²⁶ É dever de todas as pessoas cristãs desempenhar sua atuação em seu âmbito e função própria.²²⁷ “Com isso a Igreja local abre seus horizontes para a acolhida significativa da ação do Espírito Santo, em sua missão e em seu modo de ser no mundo”.²²⁸

O cuidado, que tanto caracteriza a Igreja cristã, é de manifestação permanente na história da instituição. De acordo com Pablo Santos Lira e Maria Júlia Paes da Silva²²⁹, “o cuidar é a Lei que permite a manifestação dos potenciais de organização numa certa direção de estabilidade dinâmica, manifestos na matéria”. O cuidado entre os seres humanos é um exemplo dos potenciais de organização, expresso nos gestos e nos comportamentos humanos.²³⁰ Sendo assim, através das ações da Igreja Local de Campo Grande o cuidado se realiza – com a atenção sempre voltada aos “[...] destinatários preferenciais da caridade: os indígenas, os doentes, os migrantes, os encarcerados, os assentados e acampados, os dependentes de drogas lícitas e ilícitas, as pessoas com deficiências e as crianças”²³¹. São questões que sempre exigem da Igreja atenção redobrada com e de cuidado.

Duas implicações específicas foram selecionadas para citação nesta pesquisa, dadas a partir das manifestações do cuidado dentro da ação arquidiocesana. Uma foi a questão indígena no Estado de Mato Grosso do Sul e a outra, a realidade das pessoas idosas de Campo Grande e região. O motivo da escolha desses destinatários preferenciais da caridade ocorreu por motivos muito pertinentes: o primeiro grupo em razão da longa duração dos conflitos no campo, que se estendem por décadas, e têm dentre seus resultados a violência registrada das inúmeras mortes de índios. O segundo grupo, em razão do forte abalo sofrido nos últimos anos numa das práticas sociais de grande abrangência local oferecida aos idosos, o (Asilo) Recanto São João Bosco. As múltiplas dificuldades de permanência da oferta dos serviços da instituição, concomitantes e consequentes da ameaça iminente do encerramento dos trabalhos, obrigaram a uma ação de longo prazo para afastar totalmente a ameaça da interrupção dessa obra de caridade.

A atual situação dos povos indígena de Mato Grosso do Sul é tema de discussões nacionais e internacionais. O Conselho Indigenista Missionário (CIMI), órgão anexo da CNBB,

²²⁶ BENTO XVI, 2005, n. 22.

²²⁷ DIRETÓRIO DE PASTORAL, 2007, art. 15°.

²²⁸ MOZART, 2012, *online*.

²²⁹ LIRA, Pablo Santos; SILVA, Maria Julia Paes da. O cuidado como uma lei da natureza: uma percepção integral do cuidar. *Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP)*, v. 42, n. 2, p. 365, 2008.

²³⁰ LIRA; SILVA, 2008, p. 365.

²³¹ DIRETÓRIO DE PASTORAL, 2007, p. 55.

sofre profunda “[...] perseguição política que visa calar sua voz profética”.²³² Uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) contra o CIMI foi instalada na Assembleia Legislativa do Mato Grosso do Sul (ALMS) em setembro de 2015, a pretexto de comprovar a suposta atuação da entidade no incitamento e no financiamento de invasões de terras privadas. Mas, segundo o próprio CIMI, “[...] esta CPI teve como principal objetivo criminalizar os povos indígenas e seus aliados, com o intuito de inviabilizar os direitos dos povos originários deste país”.²³³ “Os índios estão esperando há anos por uma solução²³⁴ negociada com o governo federal, mas essa solução não chega”.²³⁵ O conflito entre indígenas e grandes latifundiários tem dizimado vidas e Dom Dimas, Arcebispo de Campo Grande, ocupa papel de personagem ativo dessa questão. O Arcebispo mantém diálogo com todas as partes - particularmente entre índios e produtores rurais – e atua na cobrança de providências do poder público²³⁶.

Quanto aos idosos, especificamente, a questão se manifesta no cuidado oferecido pelo Recanto São João Bosco, fundado em 1923 por um grupo de homens. A partir de 1939, a instituição passou a ser administrada pela Diocese de Corumbá e, logo depois, foi transferida à administração da Mitra Diocesana de Campo Grande. Nos registros da entidade, de 1996 a 2015, foram acolhidos mais de 1.105 idosos.²³⁷ Contudo, atualmente, o Recanto São João Bosco atravessa grandes adversidades, em uma luta constante para se manter em funcionamento e responder ao exigente apelo caritativo da manifestação de cuidado que oferece. Há um envolvimento de toda a sociedade com a Igreja Local para que permaneça com os atendimentos. Isso ocorre a partir de parcerias com vários segmentos da sociedade local, empresarial, comercial e alguns limitados repasses municipais, medidas que são suplementadas por toda espécie de

²³² CONSELHO NACIONAL INDIGENISTA MISSIONÁRIO. CIMI. *Ameaças e ataques anti-indígenas ocorrem nos três poderes do Estado, denunciou Dom Roque Paloschi na Assembleia Geral dos Bispos*. 2017. Disponível em: < http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=news&conteudo_id=9252&action=read>. Acesso em: 06 mai. 2017.

²³³ CONSELHO NACIONAL INDIGENISTA MISSIONÁRIO. CIMI. *CPI do Cimi: uma velha manobra para atingir os povos indígenas*. 2016. Disponível em: <http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=news&conteudo_id=9252&action=read>. Acesso em: 07 mai. 2017.

²³⁴ CARTA CAPITAL. *No MS, a questão indígena é um barril de pólvora prestes a explodir*. 2015. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/questao-indigena-um-barril-de-polvora-no-mato-grosso-do-sul-479.html>>. Acesso em: 05 mai. 2017. Na publicação, consta que com o processo de disputa da terra parado no STF desde 2005, centenas de índios estiveram confinados em menos de 150 hectares, dos 9.317 que foram homologados. O restante da área foi dividido em fazendas, em posse de latifundiários do estado.

²³⁵ CARTA CAPITAL, 2015, *online*.

²³⁶ CAMPO GRANDE NEWS. *Em nota, Dom Dimas diz que culpa do conflito indígena é da União*. 2015. Disponível em: < <https://www.campograndenews.com.br/cidades/em-nota-dom-dimas-diz-que-culpa-do-conflito-indigena-e-da-uniao>>. Acesso em: 06 mai. 2017.

²³⁷ ASILO SÃO JOÃO BOSCO. *Conheça o asilo*. 2017. Disponível em: <http://www.asilosaojoabosco.org.br/?conteudo=canal&canal_id=3>. Acesso em: 06 mai. 2017.

campanhas realizadas pelas comunidades cristãs.²³⁸ Tudo para que o cuidado que se perpetuou nas ações de homens e mulheres desde as fundações da era cristã resplandeça.

Uma vez expostas as concepções da Teologia Prática e da Pastoral, bem como suas implicações na dimensão do cuidado na Igreja Local de Campo Grande, a sequência desta dissertação adentra na especificidade dos grupos de pessoas que, segundo o Diretório de Pastoral da Arquidiocese, “[...] são grupos de fiéis, principalmente leigos, que desenvolvem ações pastorais conforme um carisma específico”²³⁹ – ou seja, a ação pastoral das Novas Comunidades na perspectiva do cuidado e como esse cuidado se manifesta em suas ações.

3.5 A manifestação do cuidado na ação pastoral das Novas Comunidades na Arquidiocese de Campo Grande / MS

Deste ponto em diante desta dissertação foi realizada a identificação de quais as principais contribuições das Novas Comunidades para a questão do cuidado na Arquidiocese de Campo Grande, MS. Para isso, dentre as nove Novas Comunidades existentes na Arquidiocese, foi realizada seleção por sorteio para que fossem separadas três comunidades. O corte foi optado pelo reconhecimento da impossibilidade de abarcar, no presente trabalho, toda a grandeza que cada uma dessas comunidades expressa.

Justificada a escolha, as comunidades que resultaram do sorteio (com o nome de seus fundadores em parênteses respectivo) foram: Irmãos de Assis (Arlene Aparecida Domingues); Comunidade Católica Sagrada Família (Antônia da Silva Almeida) e Boa Nova (Naor Antônio Arruda). Além das três comunidades sorteadas, para conhecimento, as demais existentes na cidade e seus respectivos fundadores citados entre parênteses são: Comunidade Amor Maior (Everaldo Miranda); Betel (José Omar Rodrigues); Fanuel (Sandro Fatobene Peres); Guarda de Israel (Reginaldo da Silva Almeida); Palavra que Salva (Osmair Antônio de Almeida) e Manancial (Sebastião Duarte Bráz).²⁴⁰

No contexto das Novas Comunidades selecionadas, foi dado segmento específico ao interesse de estudo: a manifestação do cuidado e a ação pastoral desses grupos. A abordagem foi iniciada pela Comunidade Irmãos de Assis, seguida pelas Comunidades Sagrada Família e Boa Nova.

²³⁸ O ESTADO ON LINE. *Sem convênio, Asilo São João Bosco pede socorro*. 2017. Disponível em: <<http://www.oestadoonline.com.br/2017/02/sem-convenio-asilo-sao-joao-bosco-pede-socorro/>>. Acesso em: 06 mai. 2017.

²³⁹ DIRETÓRIO DE PASTORAL, 2017, p. 93.

²⁴⁰ CRUZ, Ana Cristina. *Os frutos da primavera: a vida de leigos consagrados – as novas comunidades*. Campo Grande: UCDB, 2016, p. 31.

3.5.1 Comunidade Irmãos de Assis

A comunidade Irmãos de Assis nasceu no ano de 1997. Seu carisma se apresenta como a verdadeira alegria que vem do Coração de Deus e, pela força da adoração, anuncia o Amor que não é Amado aos mais necessitados, seja de pão, ou de amor.²⁴¹

Arlene Domingues, sua fundadora, é uma leiga consagrada na Igreja local. Casada, mãe de dois filhos²⁴², é teóloga e também formada em gestão pública. Atualmente, é coordenadora da Pastoral do Menor e Superintendente Geral do Projeto Lar Pequeno Assis.

O apostolado da comunidade Irmãos de Assis é desdobrado entre projetos de evangelização e de ação social, dentre esses, o projeto “Rumo ao Céu”. Datado no ano de 2004, “Rumo ao Céu” nasceu da necessidade de atingir alguns adolescentes que faziam parte de grupos de dança existentes nos grupos de orações da própria comunidade. Além dos adolescentes, o projeto atende também crianças, adultos e casais. Dele, continuam a surgir grupos de música, dança e equipes de serviço, com o conseqüente crescimento espiritual e humano de seus envolvidos.²⁴³

O projeto mais antigo - e considerado pela comunidade a menina dos seus olhos - é o “Abraçando o Crucificado”, dado por visitas a idosos egressos do Hospital São Julião²⁴⁴ que contraíram hanseníase. Atende pessoas de várias localidades do Mato Grosso do Sul e do Brasil²⁴⁵ que, na busca por tratamento para a doença no hospital, terminavam morando em definitivo na região do bairro Nova Lima. De acordo com a comunidade, a visão que a sociedade tinha antigamente a respeito da lepra – como era chamada a hanseníase - acabou fazendo com que essas pessoas fossem abandonadas e tivessem que conviver com profundas marcas que iam além do

²⁴¹ COMUNIDADE IRMÃOS DE ASSIS. *Quem somos*. 2017a. Disponível em: < <http://irmaosdeassis.com.br/site/quem-somos/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

²⁴² COMUNIDADE IRMÃOS DE ASSIS. *Fundadora*. 2017b. Disponível em: <<http://irmaosdeassis.com.br/site/fundadora/>>. Acesso em 18 fev. 2017. Arlene Domingues, é casada com Ednilson de Oliveira Domingues. É mãe de André Luiz e Maria Clara. É avó de José Eduardo.

²⁴³ COMUNIDADE IRMÃOS DE ASSIS. *Rumo ao céu*. 2017c. Disponível em: < <http://irmaosdeassis.com.br/site/category/rumo-ao-ceu/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

²⁴⁴ HOSPITAL SÃO JULIÃO. *História de solidariedade*. 2017. Disponível em: <<http://www.sjuliao.org.br/historia.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2017. O Hospital São Julião tem sua origem num programa do Governo Federal que em 1941 instalou 36 asilos-colônia para isolar pacientes portadores de hanseníase. Nessa época prevalecia o medo e o preconceito. A doença, extremamente estigmatizante, afastava as pessoas do seu convívio familiar. Já nos seus primeiros anos, o asilo-colônia São Julião foi relegado ao abandono. A situação dos pacientes era lastimável e as condições físicas deploráveis, semelhantes a um depósito de doentes, apresentando um quadro desolador. A partir de 1969, voluntários italianos da Operação Mato Grosso passaram a trabalhar no antigo leprosário e participaram do processo de recuperação física e social do São Julião.

²⁴⁵ HOSPITAL SÃO JULIÃO, 2017, *online*. Centro de referência para tratamento de hanseníase na América Latina, o Hospital São Julião de Campo Grande MS dispõe de moderna estrutura física, com equipamentos de última geração que proporcionam o que há de melhor e mais atualizado na terapêutica, prevenção e reabilitação da hanseníase e outras alterações dermatológicas.

corpo e atingiam sua alma, seu coração. A comunidade chegou até essas pessoas através de um Frei²⁴⁶ e, a exemplo do seu Seráfico Francisco de Assis, compreenderam que era ali junto aos hansenianos o local em que Deus os queria. Iniciado em 1999, o projeto ainda hoje mantém suas visitas.

O terceiro projeto da comunidade se insere em um dos desdobramentos que a frente da Pastoral do Menor na Arquidiocese de Campo Grande cuida. Trata-se do projeto “Lar do Pequeno Assis”, conhecido por Associação Lar do Pequeno Assis (ALPA).²⁴⁷ Iniciado em 2003, atualmente atende a 160 crianças com idades entre 04 a 16 anos. O projeto funciona em um contraturno escolar e as crianças e adolescentes recebem aulas de *ballet*, futsal, *hip-hop*, teatro, dinâmicas de recreação, aula de violão/bateria/coral, lazer, cidadania e auxílio nas tarefas escolares. A ALPA faz ainda os acompanhamentos familiares, que são domiciliares com a intenção de detectar as condições que as famílias das crianças e adolescentes atendidos se encontram. A associação está situada em uma das regiões da cidade que apresenta alto índice de violência e de criminalidade, principalmente pelo iminente uso de entorpecentes (drogas lícitas e ilícitas).²⁴⁸

Para o ano de 2017, o “Lar do Pequeno Assis” foi escolhido pelo programa Criança Esperança²⁴⁹ para receber incentivo ainda maior no esporte, em atenção às 150 crianças e adolescentes que atende, o que inclui aquelas em cumprimento de medida socioeducativa - em privação de liberdade. Quatro modalidades esportivas foram contempladas: futsal, basquetebol, judô e dança.²⁵⁰

Desde 2012 a comunidade é a responsável pela Pastoral do Menor. A proposta de implantação dessa pastoral veio do Arcebispo Dom Dimas Lara Barbosa²⁵¹, uma vez que a

²⁴⁶ Não se tem informação de qual era o nome do Frei, que nas fundações da comunidade os acompanhava como seu diretor espiritual.

²⁴⁷ COMUNIDADE IRMÃOS DE ASSIS. *Lar do pequeno Assis*. 2017d. Disponível em: < <http://irmaosdeassis.com.br/site/lar-do-pequeno-assis/>>. Acesso em: 18 fev. 2017. A Associação Lar do Pequeno Assis – ALPA, fundada em 19 de dezembro de 2003, inscrita no CNPJ sob nº 06.112.128/0001-23, declarada de Utilidade Pública Municipal pela lei nº 4.298, de Utilidade Pública Estadual pela lei nº 4.288, registro no CMAS sob nº 114/2004 e registro no CMDCA sob nº 138. É uma associação civil de direito privado, filantrópica nos níveis de atendimento e defesa e garantia de direitos. Sendo sua sede localizada no bairro Tiradentes em Campo Grande/MS tem por finalidade principal planejar, promover, coordenar e exercer atividades de assistência social, promoção cultural e humana.

²⁴⁸ COMUNIDADE IRMÃOS DE ASSIS, 2017d, *online*.

²⁴⁹ Criança esperança é um projeto da Rede Globo em parceria com a UNESCO – Órgão das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. REDE GLOBO. *Criança esperança*. 2017. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/criancaesperanca/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

²⁵⁰ REDE GLOBO. *Acredita*. 2017. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/criancaesperanca/projetos/2017/acredita/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

²⁵¹ CORREIO DO ESTADO. *Solidariedade*. 2015. Disponível em: <<http://www.correiodoestado.com.br/cidades/campo-grande/dom-dimas-quer-retomada-reflexao-sobre-servicos-que-a-igreja-pode/239643/>>. Acesso em: 18 fev. 2017. Para Dom Dimas, desde a Constituição Pastoral do Vaticano II, nasceu uma linha de ação na CNBB chamada de linha de ações sócio transformadoras. Agora, 50 anos de constituição, é

Comunidade Irmãos de Assis - através do trabalho que já realizava com o projeto ALPA - atingia primordial e positivamente as necessidades da Pastoral do Menor.

Quanto à nomenclatura “Pastoral do Menor”: diferentemente da mudança ocorrida com a lei do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990) - que substituiu o 2º Código de Menores, Lei Federal nº 6.697, de 12 de outubro de 1979 e trouxe, dentre outras mudanças, o afastamento do uso do termo menor, que foi substituído pelas categorias criança e adolescente²⁵² - a Igreja ainda não substituiu a nomeação por “Pastoral da Criança e do Adolescente”²⁵³. Contudo, é uma questão puramente de nomenclatura, pois a Pastoral do Menor “[...] consiste então no acompanhamento de crianças e adolescentes em situações de risco, ou que estão em conflito com a lei”.²⁵⁴

No amplo trabalho desenvolvido pela comunidade se destaca a manifestação do cuidado na ação junto a crianças e adolescentes, que também ocorre em ligação profunda aos acontecimentos nas Unidades Educacionais de Internação (UNEIs). Em Campo Grande, existem atualmente quatro UNEIs: a unidade feminina Estrela da Manhã, a unidade do regime semiaberto (Tuiuiú) e as unidades masculinas Novo Caminho e Dom Bosco.²⁵⁵ Os integrantes da comunidade Irmãos de Assis fazem um trabalho de acompanhamento a esses adolescentes, com visitas semanais durante os períodos em que estão reclusos. A preocupação nesses encontros é passar segurança que possibilite confiar na equipe de visitantes, uma vez que – cumprido o período de reclusão – os adolescentes poderão contar com o apoio desse grupo, para que não voltem a cometer atos infracionais.²⁵⁶ A comunidade os acompanha promovendo encontros que possam ajudá-los no novo desafio de inserção à sociedade.

A Pastoral do Menor participa das diversas políticas públicas estaduais e municipais. Em dezembro de 2016, a Arquidiocese lançou a campanha “Faça diferente, ninguém nasce infrator”, promovida pela Pastoral do Menor em conjunto com a CNBB, com o intuito de mostrar à

preciso retomar a reflexão sobre a parceria e os serviços que a Igreja pode prestar à sociedade nas mais diversas áreas.

²⁵² MINISTÉRIO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. O Conselho Tutelar no Estatuto da Criança e do Adolescente. *Repertório IOB de Jurisprudência*, v. 3, n. 7, p. 130-145, 2001. Disponível em: < <https://www.mprs.mp.br/media/areas/infancia/arquivos/ctnoeca.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2017.

²⁵³ Contudo, há registros da CNBB sobre as Pastorais específicas: Pastoral da Criança, Pastoral do Adolescente, e Pastoral da Juventude, além da Pastoral do Menor.

²⁵⁴ COMUNIDADE IRMÃOS DE ASSIS. *Pastoral do Menor*. 2017. Disponível em: < <http://irmaosdeassis.com.br/site/pastoral-do-menor/>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

²⁵⁵ SECRETARIA DE JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA DO MATO GROSSO DO SUL. SEJUSP MS. *Unidades Educacionais*. 2017. Disponível em: < <http://www.sejusp.ms.gov.br/unidades-educacionais/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

²⁵⁶ COMUNIDADE IRMÃOS DE ASSIS, 2017e, *online*.

sociedade outro olhar sobre o adolescente que cometeu ato infracional.²⁵⁷ A fundadora Arlene destacou a projeção para o ano atual, 2017, em que o trabalho será orientado para o fortalecimento do “[...] mote da campanha para promover ainda mais o cuidado com o adolescente”.²⁵⁸ A campanha, assim capitaneada, tem a parceria de mais de 23 instituições, dentre elas a Ordem dos Advogados do Brasil de MS (OAB/MS), a Defensoria Pública, o Conselho Tutelar e a Prefeitura Municipal de Campo Grande. O governo do Estado de MS participa da ação por meio da Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho.²⁵⁹ Na oportunidade do lançamento da campanha, o secretário adjunto, Adriano Chalid, ofereceu - em nome do Governo de Mato Grosso do Sul - total apoio à campanha e afirmou:

Quão louvável é esse engajamento da sociedade, na qual a pastoral faz papel fundamental, nesse tipo de ação. Olhar para o menor, para a criança, para o jovem é olhar para nosso presente e nosso futuro. O Governo do Estado estará sempre aberto a colaborar e a ajudar nesse pensamento de fazermos o melhor para todos. Conte sempre com a gente.²⁶⁰

Por fim, sem o interesse de esvaziar a múltipla beleza da ação pastoral oferecida pela Comunidade Irmãos de Assis, esta etapa é concluída com uma das colocações do pastor da Arquidiocese de Campo Grande, que afirma:

Não existe, no projeto de Deus, uma pessoa que seja irrecuperável. Pelo contrário, a experiência tem mostrado que nossos irmãos adolescentes, quando recebem carinho e afeto, e têm uma segunda chance, eles com certeza podem descobrir o seu protagonismo e se tornarem pessoas renovadas na construção da sociedade.²⁶¹

3.5.2 Comunidade Sagrada Família

A Comunidade Sagrada Família, fundada por Antônia S. B. Barrios, chamada carinhosamente por todas as pessoas de Tia Antônia, registra sua fundação no ano de 2001. O carisma e missão da comunidade é “buscar a restauração do ser humano dentro da família, tendo como porta de entrada para ela o idoso”.²⁶² A comunidade se decide ao cuidado da família como

²⁵⁷ ARQUIDIOCESE DE GRANDE. *Arquidiocese de Campo Grande lança a Campanha Dê Oportunidade*. 2016. Disponível em: <<http://arquidiocesedecampogrande.org.br/arquidiocese-de-campo-grande-lanca-a-campanha-de-oportunidade/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

²⁵⁸ ARQUIDIOCESE DE CAMPO GRANDE, 2016, *online*.

²⁵⁹ SEDEHAST. Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho. *Inclusão: governo do Estado é parceiro de campanha com foco na garantia de direitos de adolescentes*. 2016. Disponível em: <<http://www.sedhast.ms.gov.br/governo-do-estado-e-parceiro-de-campanha-com-foco-na-garantia-de-direitos-de-adolescentes/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

²⁶⁰ SEDEHAST, 2017, *online*.

²⁶¹ COMUNIDADE IRMÃOS DE ASSIS, 2017e, *online*.

²⁶² COMUNIDADE SAGRADA FAMÍLIA. *O carisma e missão da Comunidade*. 2017a. Disponível em: <<http://comunidadesagradafamilia.org.br/historia-da-comunidade/>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

um todo: são acompanhamentos familiares que vão desde a gestante, passando pelas crianças, os jovens, adultos, casais, viúvos e viúvas, tendo em vista o processo de restauração e de manutenção da família, tudo para se chegar ao seu maior campo de dedicação e missão, o cuidado com os idosos.

A Comunidade Sagrada Família dispõe de um Centro de Convivência para o idoso e núcleo de apoio à família. É filiada ao Conselho Municipal de Assistência Social. Contudo, a obra social não dispõe de funcionários, pois todos os trabalhos são voluntários e realizados pelos membros, amigos e amigas da comunidade. Além da parceria do Serviço de Assistência Social do município de Campo Grande, a obra conta com as parcerias de universidades da capital (Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – UNIDERP e UCDB), recebendo a ajuda de estagiários e estagiárias.²⁶³

Atualmente, a Comunidade possui cinco projetos nos quais manifesta diretamente sua ação de cuidado. O projeto “Eu e minha casa serviremos ao Senhor” é inspirado na passagem bíblica que se encontra no livro de Josué 24, 1-15. O autor sagrado apresenta a assembleia de Siquém. Reunida com todo o povo de Israel, ele recorda que o Senhor os havia libertado e que seria preciso decidir: “a quem quereis servir?” Antes mesmo que viesse a resposta de todo o povo de Israel, Josué exclamou: “eu e minha casa serviremos ao Senhor!”. O projeto tem como alvo os membros das famílias, que recebem a oferta de diversas atividades como informática, costura, ginástica aeróbica leve, culinária, artesanatos diversos e a assistência da espiritualidade²⁶⁴.

O projeto “Só? Não! Livres para Amar Mais” atende a viúvos e viúvas – mas também a solteiros e pessoas separadas ou divorciadas. Ampara as pessoas que se encontram sozinhas para que não caiam no estado de solidão, tristeza e depressão. O objetivo é que possam reencontrar o sentido de suas vidas e dar a resposta ao chamado que Deus tem para cada pessoa. É sabido que na Igreja primitiva havia por parte principalmente das mulheres viúvas a dificuldade de dar continuidade sozinhas no seu caminho. Diante disso, o texto bíblico afirma o seguinte: “mas a que verdadeiramente é viúva e desamparada, põe a sua esperança em Deus e persevera noite e dia em orações e súplicas” (1 Timóteo 5,5). Nos dias atuais os desafios são outros, mas a manifestação da necessidade do cuidado ainda é imprescindível às pessoas que se encontram só, sejam homens ou mulheres.

O projeto “Pequenos, Mas Sagrados” foi iniciado a partir de 2007, após um assalto que a comunidade sofreu durante a madrugada, cometido por um grupo de pré-adolescentes do bairro.

²⁶³ COMUNIDADE SAGRADA FAMÍLIA. *Histórico*. 2017b. Disponível em: < <http://comunidadesagradafamilia.org.br/historia-da-comunidade/>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

²⁶⁴ COMUNIDADE SAGRADA FAMÍLIA. *Projetos*. 2017c. Disponível em: <<http://comunidadesagradafamilia.org.br/projetos/>>. Acesso em: 10 maio 2017.

O evento mostrou as marcas profundas deixadas pela imagem desoladora do fato ocorrido, quando as portas da caixa de ofertas se encontraram arrombadas e a porta do sacrário arreventada. Logo se percebeu que era preciso fazer algo por eles. No mesmo ano deu-se início ao projeto, atendendo crianças e adolescentes.

Voltado para os jovens, o projeto “Jovem Amigo da Sagrada Família” (JASF) acompanha adolescentes com atividades na forma de encontros, aos sábados. Em certas ocasiões ocorrem ainda os acampamentos juvenis e confraternizações. Todo o empenho no projeto é sempre no esforço da formação integral dos jovens.

Por fim, a comunidade oferece o projeto “Velho é quem deixou de sonhar”, nascido a partir de uma realidade complexa: a da não aceitação do envelhecimento. Esse é um grande desafio entre os idosos, envelhecer sem deixar de sonhar com a vida. O centro de convivência dos idosos da Comunidade Sagrada Família é um local de acompanhamento e de amparo. Os idosos superam os momentos difíceis da vida com a ajuda dos voluntários, e são restaurados a dignidade e o amor. Alguns dos idosos não têm com quem sequer conversar e, na comunidade, encontram esse apoio em pessoas que aprenderam a escutá-los e valorizá-los²⁶⁵.

As atividades pastorais da Comunidade Sagrada Família têm profunda identificação com a pertinente realidade da manifestação do cuidado no seio da família. De forma bem atenciosa, procura construir laços que interligam as mais diversas faixas etárias existentes nas famílias assistidas, potencializando o convívio a partir do próprio núcleo familiar. Sobretudo, a comunidade lança seu olhar aos grupos de maior vulnerabilidade na composição familiar e social, dentro de um processo de invisibilidade, preconceito e esquecimento que isola os idosos e expõe os jovens – sendo a sua ação modelada ao enfrentamento desses quadros.

3.5.3 Comunidade Boa Nova

A comunidade Boa Nova foi fundada em 1991 por Naor Antonio Santos de Arruda. Inspirado pela passagem bíblica do livro do profeta Isaias capítulo 61, define o carisma da comunidade como curar os corações sofridos pelo amor ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia.

Inicialmente os trabalhos da comunidade ocorriam na Paróquia São Judas Tadeu, porém, em curto tempo sua missão (que consistente em amar e servir, tendo como o local da missão o coração da ovelha perdida) se estendeu por toda a Arquidiocese de Campo Grande²⁶⁶.

²⁶⁵ COMUNIDADE SAGRADA FAMÍLIA, 2017c, *online*.

²⁶⁶ COMUNIDADE BOA NOVA. *Nosso carisma*. 2012a. Disponível em: < <http://www.comunidadeboanova.com.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

A comunidade Boa Nova se fundamenta em três grandes frentes de evangelização: Acampamentos, Escola de Evangelização Santo André (EESA) e Católicos em Células. São essas frentes que norteiam e caracterizam os aspectos da dimensão do cuidado dentro dos seus trabalhos pastorais na Arquidiocese de Campo Grande.

De acordo com a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI, publicada em 1975, já se constatava que a difusão do Evangelho entre os povos necessitava de uma nova evangelização.²⁶⁷ Essa expressão trouxe aos seus sucessores - João Paulo II, Bento XVI e Francisco - a necessidade de aprofundamento do termo expressivo e suas consequências. Em 21 de setembro de 2010, Bento XVI, com atenção especial à realidade, instituiu o Pontifício Conselho para a promoção da Nova Evangelização. Mas foi João Paulo II quem creditou à Igreja a necessidade de renovar seu modo de se relacionar com o mundo exterior, abrangendo toda a realidade contemporânea que envolve a humanidade.²⁶⁸ Desse contexto se originaram os acampamentos.

Os acampamentos nasceram de um projeto concebido nos EUA e ministrado a executivos que eram isolados do seu ambiente de trabalho por cinco dias. Agrupados em equipes, recebiam desafios que, se superados, contribuíam para a vida pessoal. A finalidade era a do desenvolvimento e melhoria do sentido de equipe nas empresas, bem como o relacionamento entre os funcionários e a formação humana. A Igreja Católica do México, em meados da década de 1980, através do teólogo J. H. Prado Flores e de sua equipe de assessores²⁶⁹, adaptou e espiritualizou os retiros. Teve início, dessa forma, o trabalho de evangelização²⁷⁰, que passou a:

[...] utilizar estes “acampamentos” para resgatar o ser humano: casais que estão se separando, jovens usuários de drogas, alcoólatras, enfim pessoas que buscam um encontro com Deus, visando preencher ou dar respostas a alguma situação difícil que esteja vivendo, como solidão, stress, angústia, depressão, dependências químicas, conflitos familiares, sexuais, matrimoniais e etc.²⁷¹

No Brasil, a proposta dos acampamentos se iniciou ao final da década de 1990 no Rio de Janeiro, depois em Belo Horizonte e, em seguida, na região de Presidente Prudente (SP), na qual teve grande repercussão e chegou aos estados do Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e

²⁶⁷ COELHO, Renato Arnells. A nova evangelização e sua importância para o Brasil. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 8, n. 4, p. 227, 2015.

²⁶⁸ COELHO, 2015, p. 227.

²⁶⁹ COMUNIDADE BOA NOVA. *Acampamentos*. 2012b. Disponível em: < <http://www.comunidadeboanova.com.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

²⁷⁰ CAMPISTAS DE JESUS. *O que é acampamento*. 2012. Disponível em: <<http://www.campistasdejesus.com.br/sobre/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

²⁷¹ CAMPISTAS DE JESUS, 2012, *online*.

alguns estados do Nordeste.²⁷² Em abril de 2007, ocorreu o primeiro acampamento Sênior em Campo Grande (MS), no Sítio Nova Jerusalém.²⁷³

Atualmente, a comunidade oferece no decorrer do ano acampamento sênior, na formação de adultos; para casais; para Formação do Adolescente Cristão (FAC) e para jovens em geral, além do acampamento mirim²⁷⁴, para as crianças de 9-11 anos de idade.²⁷⁵

A EESA surgiu em 1980, no México, período em que era chamada de Escola de Apóstolos - uma visão do teólogo José Prado Flores e de William Finke. A inspiração inicial uniu forças com o Padre Emiliano Tardif. Juntos estabeleceram o perfil evangelizador do projeto que viria a se tornar a primeira Escola *Kerygmática* de Evangelização, denominada Escola Santo André. Ao final da década de 1990 a escola se expandiu, e foi criado em 1997 o escritório internacional em Guadalajara (México) e os conselhos nacionais. No Brasil, mesmo com os trabalhos em andamento há alguns anos, apenas em outubro de 2008 o conselho nacional se estruturou. Atualmente, a EESA conta com sede em Londrina (PR) e é presidida por Ângela M. Chinez. ²⁷⁶

A visão da escola está baseada em três dimensões intimamente unidas e correlacionadas: o *Kerigma*, que é o anúncio da boa nova ao coração humano; o *Karisma*, a experiência da presença e da ação de Jesus em meio ao seu povo e a *Koinonia*, comunidades evangelizadas e evangelizadoras que mostram que o Reino de Deus está presente. Seu programa de formação se estrutura em três etapas, contempladas com sete cursos cada (21 ao total).²⁷⁷ A primeira etapa são os fundamentos da vida cristã, a segunda o aprendizado sobre a evangelização e a terceira, a formação de evangelizadores.²⁷⁸

Em todo o Brasil, conforme dados do site do escritório nacional EESA, são registradas 176 escolas - dentre as quais está a EESA da Comunidade Católica Boa Nova, que oferece os cursos de formação, conforme seu calendário anual.

Por fim, é importante discutir a frente de evangelização “Católico em Células”, que se constitui na formação de pequenos grupos, de oito a quinze pessoas. As reuniões acontecem

²⁷² CAMPISTAS DE JESUS, 2012, *online*.

²⁷³ COMUNIDADE BOA NOVA. *Histórico e fundador*. 2012c. Disponível em: <<http://www.comunidadeboanova.com.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

²⁷⁴ É de conhecimento que já existe também o acampamento pré-mirim oferecido às crianças com idades menores.

²⁷⁵ CAMPISTAS DE JESUS, 2012, *online*.

²⁷⁶ ESCOLA DE EVANGELIZAÇÃO SANTO ANDRÉ. EESA-BRASIL. *Projeto pastoral*. [s.d.] Disponível em: <<http://www.eesabrasil.com.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

²⁷⁷ Embora aqui sejam mencionados 21 cursos oferecidos, já há informações pelo site da organização que existem outros cursos em andamento. Disponível em: <<http://www.eesabrasil.com.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

²⁷⁸ EESA-BRASIL, [s.d.], *online*.

semanalmente e há o compromisso de engajamento nas atividades da Igreja Local (Comunidade Maior). São colocados na vivência desses grupos cinco propósitos de Deus para a vida da Igreja: Comunhão Fraterna (*Koinonia*), Liturgia/louvor e adoração, Catequese/edificação dos discípulos pela Palavra, anúncio de Cristo (*Martyria*) e serviço uns aos outros (*Diakonia*).²⁷⁹

Diferentemente do aspecto de um encontro que acontece simplesmente para reunir pessoas, a célula ocorre de maneira que caracteriza de fato uma pequena comunidade. Esse jeito de organizar a evangelização e estruturar a participação dos fiéis no tecido da Igreja está em sintonia com o documento 100 da CNBB, “Comunidades de Comunidade: Uma Nova Paróquia”. O documento é fruto da 52ª Assembleia Geral dos Bispos da CNBB, realizada em Aparecida em 2014, traz em seu bojo a seguinte reflexão:

A grande comunidade, praticamente impossibilitada de manter os vínculos humanos e sociais entre todos, pode ser setorizada em grupos menores. A paróquia descentraliza seu atendimento e favorece o aumento de líderes e ministros leigos e vai ao encontro dos afastados. Não se deixa a referência territorial das comunidades maiores, mas se criam novas unidades sem tanta estrutura administrativa.²⁸⁰

Assim, o documento aponta que uma estrutura mais simples garante às pessoas um maior empenho em viver na comunidade. Formadas por pequenas comunidades, todos se conhecem, partilham a vida e cuidam-se uns dos outros²⁸¹.

Nesse sentido, célula é a miniatura da Igreja que, se reunindo nos lares, seus membros vivenciam o “amai-vos uns aos outros” (João 13,34) e são capacitados para o “ide” (Mateus 28, 19). A convivência dos irmãos é o que garante vida à célula. Nela são gerados fortes vínculos de comunhão, de amizade e de aceitação.²⁸²

Ao concluir, sem pretender esgotar o tema, o que se pode perceber é que a prática exercida pela Comunidade Boa Nova gera resultados positivos na vida particular de cada pessoa por ela envolvida. Suas articulações favorecem ao apelo pastoral dos tempos modernos, corresponde à contextualização referente à nova evangelização, que consiste atingir o ser humano

²⁷⁹ COMUNIDADE BOA NOVA. *O que são células católicas*. 2012d. Disponível em: <<http://www.comunidadeboanova.com.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

²⁸⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. CNBB. *Comunidades de Comunidade: Uma Nova Paróquia. A conversão pastoral da paróquia*. n. 244. 2014. Disponível em: <<http://www.sagradoracaopaulinia.org.br/uploads/publicacoes/CNBBDoc100.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

²⁸¹ CNBB, 2014, n. 245-246.

²⁸² Algumas células são homogêneas (exemplo: somente casais, só jovens, só mulheres...), outras heterogêneas (integrando pessoas de diferentes sexos e idades). AGÊNCIA NACIONAL CATÓLICOS EM CÉLULAS (Brasil). Sistema Nacional de Células Paróquias de Evangelização. *Católicos em Células*. 2017. Disponível em: <<http://www.catolicosemcelulas.com.br/site/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

na sua totalidade, levando-o a testemunhar Cristo no ambiente em que vive, correspondendo à manifestação do cuidado.

Observa-se ainda a sua ressonância na Igreja diante da oposição da cultura de massa. Em tempos hodiernos viver em pequenas comunidades torna-se essencialmente necessário. Suas atividades purificam seus envolvidos do pensamento de uma sociedade impregnada pelo secularismo, que aspira distanciar-se de tudo que a pudesse levar ao Sagrado, ao amor do próximo.

3.6 Síntese

No presente capítulo procurou-se demonstrar a comunhão vivida pela Igreja, a partir da manifestação da porção do povo de Deus. Sendo a Igreja sinal da presença do Reino de Deus entre nós, a sua comunhão exercida transita pela ação pastoral, geradora de vida, a qual outorga o direito à herança deixada pelo próprio Cristo. Nessa construção do Reino, todas as pessoas são convidadas a imbuir-se e, de alguma forma, em concordância ao seu chamado e ou vocação específica, prestar nas mais diversas áreas a sua contribuição. Nesse quesito ministerial-pastoral, há o enfoque todo especial à manifestação do cuidado que na sua dinâmica se potencializa através dos gestos e manifestos dos comportamentos humanos, isto é, sua prática.

Pelo exposto, pode-se concluir que as novas comunidades da Arquidiocese de Campo Grande vêm demonstrando reconhecidamente seu empenho no serviço de amor e cuidado. Encontra-se nelas um local eclesial, a serviço do cuidado em benefício do bem comum e a favor do povo de Deus.

CONCLUSÃO

O universo sobre o qual esta pesquisa discorreu é, sem dúvida, abrangente e consideravelmente complexo em suas vertentes. No primeiro capítulo, restou claro que as Novas Comunidades inquestionavelmente se tornaram um fenômeno da vida contemporânea da Igreja Católica: grupos de cristãos que surgem em uma sociedade globalizada, constituída dentro do cenário urbano de composição midiática, com características similares aos movimentos de massa. Toda essa mudança comportamental da população penaliza principalmente os costumes culturais e religiosos, o que influi diretamente nas relações interpessoais. Nesse sentido, as Novas Comunidades procuram preencher o vácuo a partir do qual a Igreja propõe a nova evangelização. É do acolhimento das pessoas e da formação de pequenos grupos que as Novas Comunidades são formadas e representam a proposta de resgate da originalidade do Evangelho para os dias atuais, constituindo discípulos (as) e missionários (as). Essas comunidades refletem exemplos da civilização do amor e do cuidado em meio ao cenário caótico global do presente.

Nesta pesquisa foi tratado também o contexto histórico daquilo que a Igreja sempre primou como obediência à voz de Jesus Cristo: a Sua ordem de que os seres humanos amem uns aos outros. Foi nessa perspectiva que, desde os fundamentos da Era Cristã, a dimensão do cuidado perpassou toda a história do cristianismo. Foi por intermédio da Diaconia que as comunidades de cristãos sempre expressaram sua mais alta compreensão do amor e da compaixão pelo próximo. Nesta dissertação foi evidenciado ainda que os costumes e valores da vida, apontados pelo próprio anúncio de Cristo, jamais deixaram de existir no arcabouço da missão e do pastoreio – presentes na Liturgia, no anúncio e na caridade. Assim, a opção preferencial pelos pobres sempre se manteve presente em uma dimensão profunda e ampla: cabe ao exercício da fé cristã a avaliação de suas diversas interfaces, pois se revela em sua origem como escolha preferencial pela vida.

Outra oportunidade deste estudo foi a apresentação das Novas Comunidades da Arquidiocese de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Na contextualização do trajeto e da construção da interpretação da proposta do Evangelho – que encoraja as comunidades cristãs ao amor mútuo (*Ágape*) – se tornou observável que, por sua ação, as Novas Comunidades se inserem na herança testemunhal vivida por toda a Igreja de Cristo, sob a manifestação do cuidado.

As Novas Comunidades estão engajadas e em comunhão à sua Igreja local, em meio aos maiores desafios contemporâneos. São também grupos abertos para o próximo e às exigências de transformação humano-social, não apresentando em seu âmago uma aplicação ligada à ação militante sociopolítica: enfatizam intrinsecamente a mais profunda experiência fraternal.

Esta pesquisa tornou notório o fato da expressiva organização das Novas Comunidades e do grande esforço que assumem para responder às necessidades latentes que permeiam o submundo encontrado em sociedade. As comunidades são empenhadas na promoção da vida, numa renovação que busca a integralidade particular de cada pessoa. Logo, as experiências de Vida e de Aliança que promovem passam pela dimensão do cuidado e das práticas sociais, para atingir com êxito a totalidade da dignidade humana - que muitas vezes é subtraída pelo modelo de sociedade atual. Esse movimento excludente é estimulado principalmente pelas normas que ditam e editam uma cultura dicotômica. O negligente individualismo - resultado de um assolamento comportamental, típico do desinteresse pelo próximo e pelas respectivas relações humanas - faz com que as pessoas sintam intensamente o desprezo social. É um fenômeno que ocorre com homens, mulheres, crianças e adolescentes, que emanam das diversas camadas sociais. Entretanto, é perceptível a imersão mais expressiva dos pobres e miseráveis nesse caótico estratagema que a atual realidade lhes imputa.

Das ações pastorais das Novas Comunidades investigadas nesta dissertação, foi evidenciado um amor ativo e em movimento - que tem perfis muito próximos entre si. As missões assumidas por essas comunidades atingem as expressões exigidas pelo próprio cunho evangélico: contextualizadas, mas sem o esquecimento de sua raiz hermenêutica, são adotadas pelo testemunho e pela própria vida fraterna na Liturgia, no anúncio da Palavra e no serviço uns aos outros. A partir dos exemplos plurais apresentados nesta pesquisa, foi reforçada a contribuição desses grupos para com a missão na vida da Igreja local - que tem como indispensável o serviço da caridade.

Nas Novas Comunidades há espaços na ação pastoral para o cultivo de elementos exigidos de toda e qualquer manifestação comunitária eclesial. Foi demonstrado que o cuidado é intimamente atrelado ao perfil de quem ama, e somente ocorre por intermédio das pessoas que permanecem abertas ao mesmo amor. Essa percepção remete ao verdadeiro sentido do cuidado, ligado ao valor de quem pondera, é prudente, se acautela, é consciente, atencioso, zeloso, se dedica, se empenha e é gentil. Nesse sentido, as Novas Comunidades se direcionam ao que corresponde, evangelicamente, a saciar a quem tem fome; acolher ao peregrino; vestir a quem se encontra nu; visitar a quem estiver enfermo e/ou na prisão e assistir às viúvas (os), gestantes, crianças e adolescentes.

Dessa maneira, esta pesquisa permitiu constatar que as Novas Comunidades - em comunhão com a Igreja local devidamente confirmadas pelo bispado local eclesial - são desafiadas a darem encaminhamentos satisfatórios em seu comprometimento pastoral na dimensão do cuidado. Com isso, representam um apoio biopsicossocial, espiritual e comunitário aos seus assistidos. Ao partilhar de suas ações pastorais, as Novas Comunidades colhem e apresentam seus frutos à Igreja e à sociedade. Refletem, amplamente, a assertiva de Bento XVI, quando afirmou que são “[...] graças para florir o deserto da humanidade”.

REFERÊNCIAS

ABESAMIS, Carlos H. Uma boa notícia para os pobres. *Concilium*, v. 24, n. 218, p. 444-452, 1988.

ADEDEJI, Adebayo. Num mundo despedaçado – é possível sair da mútua danificação e da autodestruição? *Concilium*, v. 24, n. 218, p. 12-24, 1988.

AGÊNCIA NACIONAL CATÓLICOS EM CÉLULAS (Brasil). Sistema Nacional de Células Paróquias de Evangelização. *Católicos em Células*. 2017. Disponível em: <<http://www.catolicosemcelulas.com.br/site/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

ALMEIDA, João Carlos. *Papa Francisco lança o 12º documento social da Igreja*. 2015. Disponível em: <<https://blog.cancaonova.com/padrejoaozinho/2015/06/18/papa-francisco-lanca-o-12a-documento-social-da-igreja/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

AMARAL, Arthur Jorge do. *Santo Antônio de Campo Grande*. 3. ed., Campo Grande: UBE, 2011.

ANDREATTA, Cleusa. *Teologia Prática e Pastoral*. [ca 2017]. Disponível em: <<http://theologicalatinoamericana.com/?cat=38>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

ARQUIDIOCESE DE GRANDE. *Dom Dimas Lara Barbosa*. 2014. Disponível em: <<http://arquidiocesedecampogrande.org.br/dom-dimas-lara-barbosa/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

_____. *Um pouco de nossa história*. 2014. Disponível em: <<http://arquidiocesedecampo-grande.org.br/um-pouco-de-nossa-historia/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

_____. *Dom Mariano é ordenado bispo auxiliar de Campo Grande*. 2015. Disponível em: <<http://arquidiocesedecampogrande.org.br/dom-mariano-e-ordenado-bispo-auxiliar-de-campo-grande/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

_____. *Arquidiocese de Campo Grande lança a Campanha Dê Oportunidade*. 2016. Disponível em: <<http://arquidiocesedecampogrande.org.br/arquidiocese-de-campo-grande-lanca-a-campanha-de-oportunidade/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

ASILO SÃO JOÃO BOSCO. *Conheça o asilo*. 2017. Disponível em: <http://www.asilosaojoabosco.org.br/?conteudo=canal&canal_id=3>. Acesso em: 06 mai. 2017.

BENTO XVI. *Carta encíclica Deus caritas est do sumo pontífice Bento XVI aos Bispos, aos Presbíteros e aos Diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor cristão*. 2005. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html>. Acesso em: 01 mai. 2016.

_____. *Mensagem do Papa Bento XVI aos participantes do II Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades*. 2006. Disponível em: <<https://w2.vatican.va/>>

content/benedict-xvi/pt/messages/pont-messages/2006/documents/hf_benxvi_mes_20060522_ecclesial-movements.html>. Acesso em: 15 set. 2015.

_____. *Homilia do Papa Bento XVI: celebração das primeiras vésperas da vigília de Pentecostes - Encontro com os movimentos eclesiais e as novas comunidades*. 2006b. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060603_veglia-pentecoste.html>. Acesso em: 15 set. 2015.

_____. *Discurso do Papa Bento XVI: viagem apostólica à Alemanha, 22-25 de setembro de 2011, visita ao parlamento federal*. 2011a. Disponível em: < https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110922_reichstag-berlin.html>. Acesso em: 04 dez. 2015.

_____. *Discurso do Papa XVI: viagem apostólica à Alemanha – 22 a 25 de setembro de 2011, visita ao Parlamento Federal, Palácio de Reichstag de Berlim*. 22 de setembro de 2011b. Disponível em: < https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110922_reichstag-berlin.html>. Acesso em: 04 dez. 2015.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges. 193. ed., São Paulo: Editora Ave Maria, 2010.

BOFF, Clodovis; PIXLEY, Jorge. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1987.

BOFF, Leonardo. *O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ética e na espiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *São Francisco de Assis: ternura e vigor*. Petrópolis: Vozes / CEFEPAL, 1981.

_____. *Saber cuidar: ética do ser humano, compaixão pela terra*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. *O ser humano como nó de relações totais*. 2013. Disponível em: < <https://leonardoboff.wordpress.com/2013/06/16/o-ser-humano-como-no-de-relacoes-totais/>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

BORGES NETO, Renato da Silveira. Os movimentos eclesiais contemporâneos e comunidades novas: características fundamentais. *Atualidade Teológica*, v. 16, n. 42, p. 563-586, 2012. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22305/22305.PDFXXvmi=HC9arB6o0QqeCR2o4rLdJcFvicCMglixr9p3fO47giJ9I9dOVrx885qkHeC3wA2ZKr31h78xqSHM3VBZoa7wgzSxOu2m64mQwpSOx1nZU6Lx3nWrz5ZPFSNtnQQuVdmtEfjcgHbcOxaR17kUckKRdzmCqe7mrtQ7Kbj2TueItoBPwVLJgvCt607weeUHJMOtx8vREKB8acZH9Krqh5Vo53WkiS22FRwE03wFO9OZmNHvz9WReSgkWdFf6HhMzOr>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

BROX, Norbert. Diaconia na Igreja primitiva. *Concilium*, v. 24, n. 218, p. 45-52, 1998.

CAMPISTAS DE JESUS. *O que é acampamento*. 2012. Disponível em: <<http://www.campistasdejesus.com.br/sobre/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

CAMPO GRANDE NEWS. *Em nota, Dom Dimas diz que culpa do conflito indígena é da União*. 2015. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/cidades/em-nota-dom-dimas-diz-que-culpa-do-conflito-indigena-e-da-uniao>>. Acesso em: 06 mai. 2017.

CANÇÃO NOVA EM FOCO. *Brasil tem cerca de 800 novas comunidades*. 2013. Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/brasil/brasil-tem-cerca-de-800-novas-comunidades/>>. Acesso em: 29 jan. 2016.

CARTA CAPITAL. *No MS, a questão indígena é um barril de pólvora prestes a explodir*. 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/questao-indigena-um-barril-de-polvora-no-mato-grosso-do-sul-479.html>>. Acesso em: 05 mai. 2017.

CASTILHO, Maria Augusta de (Org). *Arquidiocese de Campo Grande: 50 anos de vida e missão*. Campo Grande: Abeu, 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9 ed. São Paulo: Coedição Loyola / Vozes / Paulinas / Ave-Maria / Paulus, 2002.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. 7 ed., São Paulo: Loyola, 1997.

COELHO, Renato Arnells. A nova evangelização e sua importância para o Brasil. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 8, n. 4, p. 225-241, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/21563/15812>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

COLÉGIO SÃO DOMINGOS. *Quem foi São Domingos*. 2015. Disponível em: <http://colegiosaodomingos.com/index.php?option=com_content&view=article&id=26&Itemid=26>. Acesso em: 27 maio 2016.

COMBLIN, José. Diakonia na cidade. In: ANDRADE, Sérgio; SINNER, Rudolf Von (Orgs.) *Diaconia no contexto nordestino: desafios, reflexões, práxis*. São Leopoldo: Sinodal / CEBI/ Paulinas, 2003. p. 78-79.

COMUNIDADE BOA NOVA. *Nosso carisma*. 2012a. Disponível em: <<http://www.comunidadeboanova.com.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

_____. *Acampamentos*. 2012b. Disponível em: <<http://www.comunidadeboanova.com.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

_____. *Histórico e fundador*. 2012c. Disponível em: <<http://www.comunidadeboanova.com.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

_____. *O que são células católicas*. 2012d. Disponível em: <<http://www.comunidadeboanova.com.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

COMUNIDADE IRMÃOS DE ASSIS. *Quem somos*. 2017a. Disponível em: <<http://irmaosdeassis.com.br/site/quem-somos/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

_____. *Fundadora*. 2017b. Disponível em: <<http://irmaosdeassis.com.br/site/fundadora/>>. Acesso em 18 fev. 2017.

_____. *Rumo ao céu*. 2017c. Disponível em: <<http://irmaosdeassis.com.br/site/category/rumo-ao-ceu/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

_____. *Lar do pequeno Assis*. 2017d. Disponível em: <<http://irmaosdeassis.com.br/site/lar-do-pequeno-assis/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

_____. *Pastoral do Menor*. 2017e. Disponível em: <<http://irmaosdeassis.com.br/site/pastoral-do-menor/>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

COMUNIDADE PANTOKRATOR. *Novas comunidades*. 2017. Disponível em: <<http://pantokrator.org.br/po/comunidade1/novas-comunidades/>>. Acesso em: 29 jan. 2016.

COMUNIDADE SAGRADA FAMÍLIA. *O carisma e missão da Comunidade*. 2017a. Disponível em: <<http://comunidadesagradafamilia.org.br/historia-da-comunidade/>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

_____. *Histórico*. 2017b. Disponível em: <<http://comunidadesagradafamilia.org.br/historia-da-comunidade/>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

_____. *Projetos*. 2017c. Disponível em: <<http://comunidadesagradafamilia.org.br/projetos/>>. Acesso em: 10 maio 2017.

_____. *A palavra carisma significa graça*. 2004. Disponível em: <<http://www.comshalom.org/a-palavra-carisma-significa-graca-i-cor-124/>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. CNBB. *Documento da CNBB – 62: missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. Edição aprovada na 37ª Assembleia Geral da CNBB. Itaiaci: CNBB, 1999.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. CNBB. *Comunidades de Comunidade: Uma Nova Paróquia. A conversão pastoral da paróquia*. n. 244. 2014. Disponível em: <http://www.sagradocoracaopaulinia.org.br/uploads/publicacoes/CNBBDoc_100.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2017.

CONSELHO NACIONAL INDIGENISTA MISSIONÁRIO. CIMI. *CPI do Cimi: uma velha manobra para atingir os povos indígenas*. 2016. Disponível em: <http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=news&conteudo_id=9252&action=read>. Acesso em: 07 mai. 2017.

CONSELHO NACIONAL INDIGENISTA MISSIONÁRIO. CIMI. *Ameaças e ataques anti-indígenas ocorrem nos três poderes do Estado, denunciou Dom Roque Paloschi na Assembleia Geral dos Bispos*. 2017. Disponível em: <http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=news&conteudo_id=9252&action=read>. Acesso em: 06 mai. 2017.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEM GENTIUM. *Sobre a Igreja*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 11 nov. 2015.

CORREIO DO ESTADO. *Solidariedade*. 2015. Disponível em: <<http://www.correiodoestado.com.br/cidades/campo-grande/dom-dimas-quer-retomada-reflexao-sobre-servicos-que-a-igreja-pode/239643/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

COSTA, Genion Bezerra da. *A recepção da pós-modernidade: Análise das diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil de 1996 a 2006*. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: <http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/5/TDE-2008-05-05T191638Z-157/Publico/GenionCosta_dissert.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2016

CRUZ, Ana Cristina. *Os frutos da primavera: a vida de leigos consagrados – as novas comunidades*. Campo Grande: UCDB, 2016.

CURSO DE TEOLOGIA PASTORAL. *Doutrina social da Igreja*. [s.d.]. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1ToVdsas3bUBkmMhwmpriIE-bZhMok8_MXV7riwAFITY/edit?hl=en&pref=2&pli=1>. Acesso em: 13 jun. 2016.

DIDAQUÉ. *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. 17. ed., São Paulo: Paulus, 2010.

DIRETÓRIO DE PASTORAL. *Arquidiocese de Campo Grande*. Campo Grande: Editora Bruzanello, 2007.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Edições CNBB / Paulus / Paulinas, 2007.

DOCUMENTO DE MEDELIN. *Texto conclusivo da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. 6. ed., São Paulo: Paulinas, 1968. Disponível em: <<http://www.cpalsj.org/wp-content/uploads/2013/03/Medellin-II-CELAM-1968-POR.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

ESCOLA DE EVANGELIZAÇÃO SANTO ANDRÉ. EESA-BRASIL. *Projeto pastoral*. Disponível em: <<http://www.eesabrasil.com.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

ESTADOS E CAPITAIS DO BRASIL. *Mato Grosso do Sul*. 2017. Disponível em: <<http://www.estadosecapitaisdobrasil.com/estado/mato-grosso-do-sul/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

EVANGELII GAUDIUM. *Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FERREIRA, Wagner. *As novas comunidades no contexto sociocultural contemporâneo*. São Paulo: Canção Nova, 2011.

FIGUEIREDO, Ubajara Paz de. *Centenário da Diocese de Corumbá*. 2010. Disponível em: <<http://www.revistamissoes.org.br/2010/04/centenario-da-diocese-de-corumba/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

FRANCISCO, Fernando Rodrigues. As contribuições das novas comunidades cristãs para a teologia do laicato. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 6, n. 9, p. 39-54, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/10082/7517>>. Acesso em: 18 det. 2015.

FRANCISCO, Papa. *Solenidade de Pentecostes*: Praça de São Pedro, 19 de mai. 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_regina-coeli_20130519-pentecoste.html>. Acesso em: 24 fev. 2016.

FRANKL, Victor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 34. ed., São Leopoldo: Sinodal / Vozes, 2013.

FRATERNIDADE DAS NOVAS COMUNIDADES DO BRASIL. *Novas comunidades: primavera da Igreja*. São Paulo: Canção Nova, 2008.

FUCHS, Ottmar. Iglesia para los demás. *Concilium*, v. 24, n. 218, p. 53, 1988.

GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: uma contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Paulo; Paulus, 2001.

GODOY, Manoel José de. *O projeto de evangelização rumo ao novo milênio na organização da pastoral da Igreja Particular*. Belo Horizonte: FAJE, 2005.

GOFFI, Tullo (Org.). *Curso de espiritualidade: experiência, sistemática, projeções*. São Paulo: Paulinas, 1993.

GONÇALVES, Alfredo J. *Concilio Vaticano II e Gaudium et Spes: a carta magna da pastoral social*. Adital Notícias da América Latina. 2012. Disponível em: <<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=65491>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

HOSPITAL SÃO JULIÃO. *História de solidariedade*. 2017. Disponível em: <<http://www.sjuliao.org/br/historia.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOÃO PAULO II. *Carta do Papa aos Bispos da Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil*. 1986. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1986/documents/hf_jp-ii_let_19860409_conf-episcopale-brasile.html>. Acesso em: 23 mar. 2016.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christifideles Laici*. São Paulo: Paulus, 1990.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Homilia do Papa no Domingo de Pentecostes*. 1998a. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_31051998.html>. Acesso em: 26 jan. 2016.

_____. *Discurso no Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais*. 27 de mai. 1998b. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/documents/rc_pc_laity_doc_27051998_movements>. Acesso em: 29 mar. 2016.

_____. *Catecismo da Igreja Católica*. 9. ed. São Paulo: Coedição Loyola/Vozes/ Paulinas/ Ave Maria/ Paulus, 2002.

KNAPP, Orlando. *Moral fundamental*. Campo Grande: Editora UCDB, 2016.

LIBÂNIO, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. *Os carismas na Igreja do terceiro milênio: discernimento, desafios e práxis*. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. Apresentação. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph; ZETSCH, Roberto E. (Orgs.) *Teologia prática no contexto da América Latina*. 3. ed. Revista e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

LIRA, Pablo Santos; SILVA, Maria Julia Paes da. O cuidado como uma lei da natureza: uma percepção integral do cuidar. *Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP)*, v. 42, n. 2, p. 363-370, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n2/a20.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2017.

LORENZ, Fernando. *Teologia pastoral I: introdução, conjuntura eclesial e planejamento*. Campo Grande: Editora UCDB, 2016.

LUIGI, Piadovese. *Introdução à teologia patrística*. Tradução de Orlando Soares Moreira. 2. ed., São Paulo: Loyola, 2004.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. O Conselho Tutelar no Estatuto da Criança e do Adolescente. *Repertório IOB de Jurisprudência*, v. 3, n. 7, p. 130-145, 2001. Disponível em: <<https://www.mprs.mp.br/media/areas/infancia/arquivos/ctnoeca.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2017.

MIRANDA, Julia. *Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político*. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Núcleo de Antropologia Política, 2013.

MONDINI, Battista. *As novas ecclesiologias*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MOSER, Frei Antônio. *O pecado: do descrédito ao aprofundamento*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

O ESTADO ON LINE. *Sem convênio, Asilo São João Bosco pede socorro*. 2017. Disponível em: <<http://www.oestadoonline.com.br/2017/02/sem-convenio-asilo-sao-joao-bosco-pede-socorro/>>. Acesso em: 06 mai. 2017.

OLIVEIRA, Carla Michele Ribeiro de, SANTOS, Juliana de Jesus, SOUZA, Morgana Pimentel. **Os pobres na idade média**. [s.d.]. Disponível em: <http://linux.alfamaweb.com.br/sgw/downloads/142_110932_OsPobresnaIdadeMedia.pdf>. Acesso em: 27, maio 2016.

OLIVEIRA, Francisco Sales Amaro. *Novos movimentos e Igreja local: a relação entre os novos movimentos e a Igreja local de Belo Horizonte, interpretada a partir da eclesiologia de comunhão de Bruno Forte*. 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Teologia Sistemática, Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, MG, 2009. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/160915-4Ag4vbdgRlcSX.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2016.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica do Sumo Pontífice Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus / Loyola, 2015.

PEREIRA, Ivo Studart. Espírito e liberdade na obra de Viktor Frankl. **Psicologia USP**, v. 26, n. 3, p. 390-396, 2015.

PEREIRA, José Donisete. *Direito canônico: Matrimônio, Lugares, Templos e Bens*. Campo Grande: UCDB, 2016.

PERLASCA, Alberto. *Il concetto di bene ecclesiastico*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1997.

RATZINGER, Joseph. *O novo povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1974.

REDE GLOBO. *Acredita*. 2017. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/criancaesperanca/projetos/2017/acredita/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

REDE GLOBO. *Criança esperança*. 2017. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/criancaesperanca/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

REGNUM CHRISTI. *Os movimentos e as novas comunidades eclesiais*. 2014. Disponível em: <<http://www.regnumchristi.org/comissione/wp/wp-content/uploads/Tema-4-Os-movimentos-e-as-novas-comunidades-eclisiais.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2016.

REINERT, João Fernandes. *Pode hoje a paróquia ser uma comunidade eclesial? Renovação da instituição paroquial no contexto urbano*. Dissertação (Mestrado) – Curso de Teologia, Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, 2009. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13328/13328_1.PDF>. Acesso em: 26 mar. 2016.

RICARDO, Paulo. *Irmão de Leonardo Boff defende Bento XVI e critica Teologia da Libertação*. 2013. Disponível em: <<https://padrepauloricardo.org/blog/irmao-de-leonardo-boff-defende-bento-16-e-critica-teologia-da-libertacao>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

RIEFF, Sissi George. *Diaconia e culto cristão: resgate de uma unidade essencial e suas consequências para a vida das comunidades cristã*. 2003. 371 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, 2003. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/textos/doutor/georg_s_td36.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2016.

SÁ, Wilson Cardoso de. *Sacramentos I: introdução e iniciação cristã*. Campo Grande: Editora UCDB, 2014.

SANTOS NETO, Mozarte Nunes de Andrade. *Será que os novos movimentos e comunidades eclesiais são expressão da Igreja local?* 2012. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2012/relatorios_pdf/ctch/TEO/TEO-Mozart%20Nunes%20de%20Andrade%20Santos%20Neto.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2017.

SANTOS, Brasdorico Merqueades; GILLIANO, José Mazzeto de Castro. *Humanidades I*. Campo Grande: UCDB, 2014.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. 3. ed. revisada e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

SECONDIN, Bruno; GOFFI, Tullo (Orgs.). *Curso de espiritualidade: experiência, sistemática, projeções*. São Paulo: Paulinas, 1993.

SECRETARIA DE JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA DO MATO GROSSO DO SUL. SEJUSP MS. *Unidades Educacionais*. 2017. Disponível em: <<http://www.sejusp.ms.gov.br/unidades-educacionais/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

SEDEHAST. Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho. *Inclusão: governo do Estado é parceiro de campanha com foco na garantia de direitos de adolescentes*. 2016. Disponível em: <<http://www.sedhast.ms.gov.br/governo-do-estado-e-parceiro-de-campanha-com-foco-na-garantia-de-direitos-de-adolescentes/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

SETÚBAL, Hilana Cristana Rocha. *O cuidado e a ética do cuidado: um dialógico entre Leonardo Boff, Carol Gilligan e Nel Noddings*. Dissertação (Mestrado) – Curso de Filosofia, Departamento de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2009. Disponível em: <ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/btd/HilanaCRS_DISSERT.pdf>. Acesso em: 06, maio 2016.

SÓ HISTÓRIA. *Guerra dos trinta anos*. 2017. <[http://www.sohistoria.com.br/ef2/trinta anos/](http://www.sohistoria.com.br/ef2/trinta%20anos/)>. Acesso em: 13 jun. 2016.

SPANNEUT, Michel. *O padres da Igreja: séculos IV-VIII*. Tradução João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 2002. v. 2.

STEVANELI, José Adriane. *Cristologia*. Campo Grande: Editora UCDB, 2016.

SUA PESQUISA.COM. *Peste Negra*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/idademedia/peste_negra.htm>. Acesso em: 27 mai. 2016.

SUA PESQUISA.COM. *Peste Negra*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/idademedia/peste_negra.htm>. Acesso em: 27 mai. 2016.

SUBSÍDIOS DOCTRINAIS DA CNBB – 3. *Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades*. Brasília: CNBB, 2009.

TERRA, João Evangelista Martins. *Os novos movimentos eclesiais*. 2. ed., São Paulo: Canção Nova, 2004.

TREVIZAM, Márcio Bogaz. *Igreja Povo de Deus*. Campo Grande: Editora UCDB, 2014.

UNIVERSO CATÓLICO. *Igreja apostólica*. 2016. Disponível em: <<http://www.universocatico.com.br/index.php?/igreja-apostolica.html>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

UNIVERSO VOZES. *Documentos do Conselho Episcopal Latino-Americano*. 2010. Disponível em: <<http://universovozes.com.br/editoravozes/web/view/BlogDaCatequese/index.php/documentos-do-conselho-episcopal-latino-americano-celam/>>. Acesso em; 13 jun. 2016.

URQUHART, Gordon. *A Armada do Papa: os segredos e o poder das novas seitas da Igreja católica*. São Paulo: Record, 2002.

VATICANO. *Instrução sobre alguns aspectos da teologia da libertação*. 1984. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html>. Acesso em: 23 mar. 2016.

_____. Pontifício Conselho, Justiça e Paz. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice, 2004. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>. Acesso em: 11 set. 2015.

_____. *Caritas in veritate*. n. 2, 2009. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html>. Acesso em: 20 jun. 2016.

VONHOFF, Heinz; HOFMANN, Hans-Joachim. *Samariter der Menschheit: Christliche Berherzigkeit in Geschichte und Gegenwart*. München: Claudius-Verlag, 1977.

WOJTYLA, Karol. *Salvifici Doloris*. São Paulo: Editorial AO Braga, 1984.

WOLFART, Graziela; JUNGES, Márcia. Uma novidade na estrutura de vida consagrada na Igreja. *Revista do Instituto Humanitas Unissinos*. v. 9, n. 307, online, 2009. Disponível em: <http://www.ihuonline.unissinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2792&secao=307>. Acesso em: 29 jan. 2016.